

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA

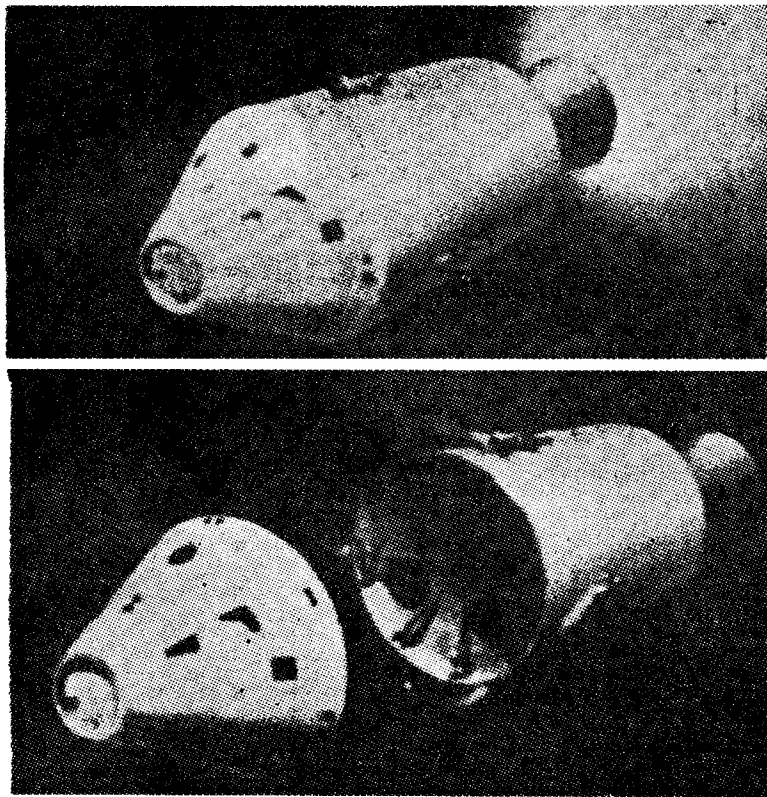
COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FÉRRÃO

A CHINA E A RÚSSIA

São mais acentuadas as diferenças entre a revolução comunista na China e na Rússia do que os traços que as identificam. Para além da invocação ritual das mesmas fontes e da mesma inspiração, Marx e Lenine, o marxismo-leninismo, a ditadura do proletariado e a luta antiburguesa para criar uma sociedade sem classes e sem taras que os comunistas atribuem ao capitalismo e imperialismo, há a variada gama de divergências que separam os regimes de Moscovo e Pequim. Essas divergências vão desde as ideias aos temperamentos que as servem. A lua-de-mel sino-soviética foi curta, e não tardou que os antagonismos nacionais e imperiais, que tradicionalmente opuseram aquelas nações, se sobrepusessem à desejada unidade ideológica artificialmente alimentada para retardar um rompimento inevitável. Quando o exército comunista chinês, após a prolongada travessia do deserto, entrou triunfalmente em Pequim e desfilou nesta cidade, em 1 de Outubro de 1949, os dirigentes chineses acusavam com fundamento os dirigentes de Moscovo de não respeitarem a solidariedade das nações proletárias, e mesmo de a atirarem.

Estaline nunca acreditou na revolução comunista na China. Não apelou para o auxílio dos comunistas chineses quando receava o ataque dos militares nipónicos. O seu realismo era incompatível com as concepções do comunismo agrário. Quando a vitória coroou o esforço militar do seu país, assinou, em Setembro de 1945, os acordos com Chang Kai Chek que lhe deram Dairen e Porto Artur, além de valiosas concessões e facilidades na Manchúria. Seria incompreensível num homem da sua experiência, desconfiado por natureza e avisado por cálculo, a pressa que manifestou em se entender com os nacionalistas chineses, se contasse com a vitória próxima dos comunistas. Se alguma vez ele se mostrou confiante e seguro de si, foi quando negociou com Chang Kai Chek os acordos que, pouco depois, eram letra morta.

VISADO PELA CENSURA



Kenneth Kaunda não assistirá à conferência da Commonwealth

LUSAKA, 30 — (R.) — O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia disse hoje que não assistiria à conferência dos «leaders» da Commonwealth, que se realiza na próxima semana em Londres.

O dr. Kaunda declarou numa conferência de Imprensa, que tinha decidido não comparecer porque se encontrava desgostoso com a forma como o Governo britânico estava a tratar da crise provocada pela independência da Rodésia. O presidente acrescentou que o delegação da Zâmbia à conferência, que se inicia na próxima terça-feira, será chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Simon Kapwepwe, agora em visita de boa vontade à Dinamarca.

WILSON REGRESSOU DE FÉRIAS

LONDRES, 30. — (F. P.) — Com a cara tostada pelo sol e em excelente forma física, passados quinze dias de férias na sua casa das ilhas Sorlingas, Harold Wilson regressa hoje ao seu gabinete no n.º 10 da Downing Street. Na mesa de trabalho, esperam-no duas pesadas pastas: documentos sobre a situação na Rodésia e o tabelamento dos salários, que marcarão, no recomeço da actividade política, em Setembro, a conferência dos primeiros-ministros da Comunidade Britânica e o congresso do T. U. C., a central sindical da Grã-Bretanha.

Esta manhã, o primeiro-ministro recebe Duncan Watson e Olivier Wright, os seus dois enviados especiais a Salisbury, mandados retirar, a semana passada, em consequência da decisão de Ian Smith de alterar a Constituição rodésiana em detrimento dos direitos da população africana. Comentando esta iniciativa do primeiro-ministro rodésiano, Harold Wilson qualificou-a de «acto absolutamente ilegal e sem qualquer valor jurídico».

COMO SE EFECTUARÁ a separação em órbita da nave americana «Apollo» — de três lugares — do último andar do foguetão transportador. Os E. U. A. projectam utilizar a cápsula «Apollo» para o envio de astronautas à Lua

De Gaulle receberá provavelmente amanhã o representante de Hanói no Cambodja —anuncia-se em Pnom Penh

PNOM PENH, 30 — (F. P.)

— Anuncia-se nesta cidade, de fonte cambodjiana, bem informada, que o general de Gaulle receberá, muito provavelmente amanhã Nguyen Thuong, representante da Republica Democrática do Vietnam no Cambodja.

Em contrapartida, seria de excluir que o chefe do Estado francês venha a ter contactos com personalidades da Frente de Libertação Nacional sul-vietnamiana.

PARTIDA DE DJIBUTI

DJIBUTI, 30 — (R.) — O presidente de Gaulle partiu hoje, às 2 horas e 15 minutos (T. M. G.) desta cidade para Pnom Penh, capital do Cambodja, na terceira etapa

da sua viagem pelo Mundo.

O general chegara ontem a Djibuti para passar a noite, a seguir à sua visita de três dias à Etiópia, onde teve conversações com o imperador Haile Selassie.

A viagem do presidente ao Cambodja, pegado ao Vietnam em guerra, é considerado como a parte mais significativa a sua visita de três semanas a Africa, Sueste da Asia e Pacifico.

Espera-se que, em Pnom Penh, de Gaulle pronuncie um importante discurso, o qual, segundo fontes bem informadas, sublinhará o perigo da guerra no Vietnam se transformar num conflito global.

CHEGADA A PNOM PENH

PNOM PENH, 30 — (F. P.)

— O «DC-8» transportando o general de Gaulle e sua esposa pousou às 17 horas e 30 minutos (10 e 30, T. M. G.), no aeroporto de Pnom Penh — Pochentong.

O chefe de Estado francês era esperado pela rainha Sisowath Kossomak e o chefe de estado e de Governo, príncipe Norodom Sihanouk.

BANDOS DE REBELDES INFILTRAM-SE NO CAMBODJA

PNOM PENH, 30 — (F. P.) — Quatro grupos de rebeldes «Khmers livres» — movimento dirigido por Son Ngoc Teane —, provenientes da Tailândia, infiltraram-se nos últimos dias, no Cambodja, com o propósito de praticarem sabotagens e atentados durante a visita do general de Gaulle — anunciou a imprensa o príncipe Sihanouk, citando um relatório do general Lon Nol, chefe do Estado-Maior do Exército do Cambodja.

28 PÁGINAS

JUVENIL

QUATRO PAGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

VIDA CIENTÍFICA
GUIA TURÍSTICO

Nota do dia

COMPARAÇÃO DOS DIREITOS

Numa época em que o Mundo se vai tornando mais pequeno, pelo alargamento dos horizontes universais e pelos anseios de coexistência que, apesar de todas as vicissitudes, enformam o pensamento do homem do nosso tempo, merece atenção especial a reunião em Coimbra de juristas interessados nos estudos do Direito Comparado. Se a natureza ambulatoria do curso da Faculdade Internacional, agora a funcionar no velho burgo universitário, patenteia a intenção firme de ajudar à formação de uma consciência em que cada componente da comunidade terá de aceitar que «há no Céu e na Terra mais coisas do que as que cabem no seu entendimento e na sua filosofia», como acentuou o prof. Ferrer Correia, é de registar o expressivo entusiasmo com que o prof. Antunes Varela pôs em evidência os objectivos essenciais da iniciativa e observou que «é natural que todos os dirigentes políticos conscientes das suas responsabilidades encarem sob uma perspectiva mais ampla as assembleias de estudos jurídicos desta natureza, em que participam juristas dos mais eminentes de quase todas as nações europeias».

Conhecida a posição que Coimbra ocupa na história do pensamento, desde os tempos remotos da fundação da sua Universidade, e sabida a influência que o espírito gerado no ambiente tradicional dos seus antigos colégios tem exercido na vida portuguesa, esta reunião oferece ainda a curiosidade de ser pela segunda vez consecutiva que se verifica a sua realização entre nós, na esperança de que possam «ser realmente frutuosa estes encontros periódicos entre juristas das nações ocidentais e dos

Estados socialistas», como sublinhou o ministro da Justiça, que pôs em evidência o papel do jurista na sociedade, pois que, «melhor que o político, pode determinar o sentido das soluções ideais para os grandes conflitos do pensamento». Comparar direitos, estabelecer confrontos entre regras de convivência social, estudar, enfim, o comportamento dos Estados e dos cidadãos nas mais diversas latitudes, constitui, sem dúvida, um objectivo de inculcável alcance. E não podemos ficar indiferentes ao facto do estudo desses confrontos se verificar no ambiente característico de uma cidade portuguesa, marcada por tão longínquas tradições escolásticas.

Da terceira à quarta guerra mundial

por ANDRÉ FONTAINE

(Serviço combinado «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

A guerra do Vietnam não é fundamentalmente uma guerra por causa do Vietnam. Se os americanos pretendessem lançar-se em quaisquer tentativas de conquista ou colonização, poderiam encontrar-se em qualquer país do mundo.

(Continua na 20.ª página)

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

O TERRIVEL ALCOOLISMO

É dos terríveis males que atacam a humanidade o do alcoolismo e desde o patriarca Noé que, saindo da Arca, deu em entrar demasiado no sumo da uva a ponto de se descompor em publico e até diante dos filhos aparecia de maneira pouco digna, segundo relata a Bíblia. Em Noé deve ter sido efeito da longa permanência na Arca, em companhia de toda aquela bicharia; precisava de espárcer e esquecer a tragédia por que passara. Mas nem todos os que imitam aquele patriarca no abuso do álcool passaram por tragédias, mas muitos os provocam por causa do mesmo álcool. Ainda ontem, no lugar de Valverde, concelho de Oliveira de Azemeis, houve dupla cena de sangue e um casal que desapareceu em silêncio e para sempre. Lá viviam a sr.^a Rosa Borges Leite, de 71 anos, e seu marido, o barbeiro Manuel de Almeida e Silva, de 65. Este entrava-lhe de mais no brio, o que originava a desarmonia no lar. Mas o barbeiro sentia-o e jurou que havia de acabar com tal desgosto. Ora ontem, depois do jantar, o barbeiro dirigiu-se para a loja e lá o encontraram morto os vizinhos, pouco depois. Os vizinhos foram então a casa e encontraram também a sr.^a Rosa Borges Leite já sem vida. Mais para o Norte, nas Caldas da Saúde, também o Manuel Pereira Dinis, sapateiro, entra no vinho sem conta nem medida; e ontem a mulher, ameaçada por ele, fugiu para casa de um vizinho, o sr. Armindo de Carvalho. O ébrio, de faca em punho, perseguiu-a e não a conseguiu alcançar, mas depararam-se-lhe no caminho as filhas do sr. Carvalho, Laura Fernanda e Laurinda. Esfaqueou-as e o mesmo fez ao pai que acorreu em auxílio das filhas. No hospital de Santo Tirso ficaram internados o sr. Armindo de Carvalho e uma das filhas, enquanto o agressor fugia.

RUSGA DAS POLÍCIAS

A Polícia Judiciária e a Polícia Militar realizaram esta madrugada uma rusga, nas zonas do Rossio e Saldanha. Finalidade: encontrar indivíduos que não tenham regulada a sua situação militar e muitos «arrebentados». Detidos para ser averiguado o seu modo de vida, uns 40 indivíduos.

OPERAÇÃO «STOP»

Houve esta madrugada em Lisboa uma operação stop, efectuada pela P. S. P., a fim de apurar nas malhas, viaturas roubadas e condutores em infração. Funcionaram quatro portas de fiscalização: nos cruzamentos de Go-

DO COMBOIO À LINHA

La no comboio para além de Vila Velha de Ródão o sr. Joaquim Patrio, de 40 anos, de Lourical do Campo, casado, pedreiro da C. P. e que trabalhava em Lisboa. Trabalhava. Perto do Tostão, ia a mudar de carruagem, abriu-se inesperadamente uma porta e ele caiu à linha. Ficou horrorosamente mutilado e de cabeça decepada. Para examinar o acidente desceu à linha o sr. Tomás Pires dos Santos, de 60 anos, contínuo do Banco da Agricultura, morador na Rua da Quintinha. Caia também e, muito ferido na cabeça, veio para Lisboa ficando hospitalizado.

A MOTORIZADA CONTRA A CAMIONETA

Morava em Vale de Cavalos o sr. Rui Justino Godinho. Em Alparça a sua motorizada foi embater com uma camioneta de carga conduzida pelo sr. Alvaro de Oliveira Francisco. Ao entrar no hospital de Santarém era cadáver.

A opinião pública brasileira e o problema do divórcio proibido naquele país

(Especial para o «DIÁRIO DE LISBOA»)

RIO DE JANEIRO, Agosto — Permitir ou não o divórcio, neste país, é um problema em que se debatem muitos legisladores e funcionários públicos. E isto, certamente, por se tratar da nação onde existe grande numero de católicos.

O Brasil, na verdade, é um dos países que proíbem, constitucionalmente, a dissolução legal do matrimónio. Os legisladores federais, no entanto, estudam uma proposta de lei tendente a modificar esta situação. Tal facto, como se supõe, provocou grande furor nos grupos de católicos laicos e deu azo a muitas conjecturas.

Edson Arantes do Nascimento, o celeberrimo «Pelé», foi uma das muitas pessoas que assinaram uma petição contra o divórcio, patrocinada por uma organização católica laica. Os homens de negócios e comerciantes do centro da cidade, no próprio local onde exercem as suas actividades, são instados para que apoiem, também, a tal petição. Se recusam, ouvem uma torrente de frases publicitárias, mais próprias para anunciar um produto comercial.

«O divórcio destruirá a família brasileira» — afirmam. E o clero concorda em absoluto. Um artigo publicado recentemente numa revista, no entanto, calcula que, mesmo sem dissolução legal, pelo menos cinco casais se separam diariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo — as duas cidades mais populares do país. Desde 1949 que existe uma cláusula de separação, no código civil. As pessoas separadas, porém, não podem voltar a contrair matrimónio. Assim, os que desejam casar-se de novo, na sua maioria, pedem o divórcio noutra país ou, por meio de algumas manobras legais, resolvem a sua situação com o auxílio de uma embaixada estrangeira. Caso contrário, têm de mudar-se para outra terra, com a nova esposa ou esposo, debaixo de uma fachada de falsa respeitabilidade.

O segundo consorte não tem quaisquer direitos à face da lei brasileira, enquanto o primeiro for vivo. Mal este morra, no entanto, pode voltar a casar-se.

Milhares de famílias brasileiras, entre as quais se conta gente famosa na política e na arte, compõem-se de casais em que um dos cônjuges se encontra na situação de segundo consorte. E isto é aceite pela imprensa e o mesmo faz a maioria do publico.

O prof. Ataliba Nogueira, que colaborou na redacção da cláusula do matrimónio indissolúvel, da constituição brasileira, afirmou:

— Sou contra o divórcio, mas declaro-me a favor da separação legal, na medida em que esta cria uma situação horrível para o casal. Este, por isso, decide continuar a viver em conjunto, e isto salva a família. Os filhos crescem, assim, na presença dos pais.

O deputado Nelson Carneiro, presidente da comissão encarregada de examinar o projecto da nova lei, admite que o divórcio não é uma situação universalmente favorecida, mas diz:

— A meu ver, a dissolução legal do casamento, como solução, não é uma má separação e torna-se, sem dúvida, muito mais humana.

Para este político, uma solução viável, por agora, seria a anulação do matrimónio, com base no «equívoco das qualidades morais do consorte». Apresenta-a como uma boa posição intermediária, entre a situação presente e a legalização do divórcio no Brasil. «O ideal» — afirma Nelson Carneiro — «é a felicidade conjugal, mas isso não pode ser decretado pelo legislador. A família, porém, sofre a incompreensão que torna impossível uma vida em comum. E, nesse momento, surge um problema: se-

paração ou divórcio. Quase todas as nações civilizadas optaram pela segunda solução, e algumas delas são católicas, como a França, o México e o Perú. Quanto a mim, a dissolução legal do matrimónio é bem melhor do que a separação, na medida em que protege a mulher e os filhos».

O ponto principal, surgido em ambos os casos, nesta questão, é a família. Os brasileiros partidários do divórcio fazem ver, no entanto, que o agregado familiar se encontra desprotegido, precisamente por não haver leis nesse sentido. Os homens continuam a abandonar as esposas e vice-versa. Não existindo dissolução do matrimónio, uma pessoa casada, que seja jovem e se encontre nesta situação, tem de encerrar a hipótese de levar uma vida solitária, rodear a lei ou, então, aceitar as críticas da sociedade.

Também há quem diga o seguinte: desde o momento em que o amor deixa de existir entre duas pessoas casadas, o bem-estar familiar pode ser mais prejudicado que beneficiado com o facto dos esposos continuarem a viver juntos.

Uma rapariga de Copacabana, por exemplo, espera que exista o divórcio para resolver a sua situação. O seu problema é este: não pode deixar o marido, que, por sua vez, se recusa a abandonar a casa materna e a assumir as responsabilidades de um chefe de família.

— Acontece que temos uma filha — afirma a jovem — e, se eu me divorciar fora do país, tenho de renunciar a ela, uma vez que não me encontro em condições de sustentá-la. Pensei em ir viver com a minha mãe, mas parece-me uma solução bastante forçada. Assim, resta-me implorar para que surja uma lei de divórcio no Brasil.

ABRIU O SEGUNDO CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR DA FORÇA AÉREA

Com a presença do secretário de Estado da Aeronáutica, sr. general Francisco Chagas, efectuou-se na Base Aérea n.º 1, em Sintra, a sessão de abertura do segundo Curso de Promoção a Oficial Superior da Força Aérea do ano de 1966.

A chegada àquela unidade, o secretário de Estado foi recebido pelo subdirector do Serviço de Instrução, sr. coronel tirocinado Brás de Oliveira, pelos 1.º e 2.º comandantes da Base Aérea n.º 1, sr. coronel Costa Maia e tenente-coronel Soares Pires, e por outros oficiais.

Depois de passar revista à guarda de honra e de assistir ao desfile em continência, dirigiu-se, acompanhado pelos oficiais presepentes, para a sala onde decorreu a sessão. Falou em primeiro lugar o director do curso, sr. coronel Costa Maia, que, depois de agradecer a presença do secretário de Estado, teve algumas considerações sobre a forma como têm decorrido os cursos e das alterações julgadas oportunas introduzir à luz da experiência adquirida.

A encerrar a sessão, o sr. general Francisco Chagas, depois de saudar os professores e alunos presentes, congratulou-se com os bons resultados obtidos nos cursos anteriores — resultados que, estava certo — disse — se iriam alcançar, também, no novo curso.

Serviços de estatística das províncias ultramarinas

A folha oficial publicou agora o decreto do ministro do Ultramar, que há dias anunciámos, que modifica a organica dos serviços de estatística das províncias ultramarinas e revoga determinadas disposições legislativas.

DIÁRIO escolar

Perguntas de examinadores

Uma nossa leitora ficou muito interessada nos comentários que aqui formulámos, relativos a perguntas que se fizeram este ano, nos exames de admissão, e pedem-nos que acrescentemos mais estas, para pasmo nosso e das crianças:

— Qual o navegador português que fez a passagem do Sudeste?

— Relaciona Santo António com o Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra?

— Diz-me de que estilo é esta ponte? (e, a senhora professora apresentava uma gravura).

Estas e outras perguntas congêneres foram dirigidas a meninas que completaram há pouco os dez anos.

AS MATRÍCULAS

NA «VOZ DO OPERÁRIO»

Encontram-se abertas, na secretaria da benemérita Sociedade «A Voz do Operário», as matrículas para as aulas de instrução primária diurna (ambos os sexos), instrução primária nocturna para o sexo masculino, ciclo preparatório e geral do Comércio para o sexo feminino.

Exames de aptidão em Angola e Moçambique

Os profs. José Dias Marques, da Faculdade de Direito de Lisboa, e Álvaro Júlio da Costa Pimpão, da Faculdade de Letras de Coimbra, foram nomeados para presidir aos juris de fiscalização das provas dos exames de aptidão para a matrícula nas Universidades e escolas de Belas-Artes e no Instituto Nacional de Educação Física, que vão efectuar-se, respectivamente, em Luanda e Lourenço Marques.

REITORA DO LICEU de D. Filipa de Lencastre

A sr.^a D. Maria Emília de Sousa e Castro, professora efectiva do quadro do Liceu de D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, foi nomeada reitora daquele liceu, na vaga resultante da aposentação da professora sr.^a D. Ana Joaquina Mendes da Silva.

Ensino primário

A folha oficial publicou hoje o mapa de providimentos de professores no quadro geral do ensino primário.

ARTES PLÁSTICAS

Félix Rodrigues expõe na Caparica Inaugura-se na quinta-feira, na sala do Turismo da Praia do Sol, na Caparica, uma exposição de quadros a óleo do artista Félix Rodrigues constituída por paisagens.

A exposição estará patente ao publico, das 10 às 24 horas, ao período de 15 dias.

A exposição de Maria do Amparo no Casino da Figueira da Foz

Tem obtido assinalável êxito a artista Maria do Amparo com a sua exposição de esmaltes e pinturas no Casino Peninsular da Figueira da Foz. Muitas das obras expostas pela artista, em particular os esmaltes, foram já vendidas, algumas a turistas estrangeiros.

A exposição continuará aberta nos primeiros dias de Setembro.

Funcionários louvados

Pelo secretário de Estado da Agricultura, foram publicamente louvados os engenheiros agrónomos António Lopes Ribeiro e Luís Maria Carrapatoso Lopes da Fonseca, o primeiro, na qualidade de delegado permanente de Portugal na Comissão Europeia de Agricultura da F. A. O. e o segundo, como subdirector da Estação Agronómica Nacional, «pela grande dedicação e zelo inextinguível com que colaboraram na organização e decurso da conferência sobre forragens e pastagens que, sob a égide da F. A. O., se realizou em Portugal em Maio do ano corrente».

O INTERESSE PELO ESTADO DO DR. NORBERTO LOPES

Não foi apenas no nosso País que o grave desastre de viação sofrido pelo sr. dr. Norberto Lopes e esposa causou profunda emoção, determinando um invulgar movimento de interesse de que, na medida do possível, nos temos feito eco. Também do estrangeiro, e particularmente onde existem colónias portuguesas, temos recebido os ecos de idênticos sentimentos de estima e de admiração pelo nosso director.

Assim, por exemplo, recebemos de Montreal, assinada pelo sr. Henrique Tavares Bello, director do jornal «Luso-Canadiano», que se publica naquela cidade, a seguinte carta:

«Causou profunda emoção entre numerosos portugueses radicados no Canadá a notícia do grave desastre de que foram vítimas o sr. dr. Norberto Lopes, ilustre director do «Diário de Lisboa», e sua esposa.

O «Luso-Canadiano» vem, por este meio, apresentar os seus sinceros votos de um breve restabelecimento».

Além disso, aquele jornal publicou, no seu numero de 26 do corrente, uma desenvolvida notícia do desastre, terminando por lamentar o acidente e fazer «sinceros votos de um breve restabelecimento do nosso director e esposa. Votos semelhantes formularam os jornais «Brados do Alentejo», de Estremoz; «Linhas de Elvas»; «Jornal da Madeira», do Funchal; «A Nossa Terra», de Cascais; e «Notícias de Guimarães».

Também se interessaram pelo estado de saúde do dr. Norberto Lopes e esposa, fazendo votos pelo seu restabelecimento os srs. dr. António Guardiola, secretário-geral da Corporação da Imprensa; juiz desembargador dr. José Manuel da Cunha Ferreira; drs. António Corrêa Caldeira Coelho, Izidoro Toscano Rico, Francisco António Garcia e António Caetano de Carvalho; eng.º Bernardino Machado e Eurico Liberal; escritores Felix Cucurull e Erna Warntje da Cal; actor Raul Solnado; pintor José Rodrigues; rev. padre Joaquim Manuel Rebelo; padroeiro Joaquim Tavares, correspondente do «Diário de Lisboa» em Fretxo de Espada à Cinta; Vidigal Salgueiro, pela Direcção da Associação de Natação de Lisboa; Joaquim Rodrigues Valente, Higino César de Campos, João Moreira, Alberto Baptista, Amadeu Gaudêncio, Patrício Alvares e Fernando Cardoso Pinto Ferreira.

COZINHA VELHA QUELUZ

Informamos os nossos Ex.ºs Clientes que os habituais serviços de Almoços, Chás e Jantares, serão servidos na «SALA DE BANQUETES» e no «TERRAÇO», depois de amanhã, quinta-feira, dia 1, por a nossa «SALA COZINHA VELHA» se encontrar reservada para um LANCHE DE CASAMENTO.

Nos restantes dias agradecemos que as mesas para os Jantares sejam reservadas até às 19 horas.

— Qual a doença que mais teme?



• Formulámos a nossa pergunta, em primeiro lugar, á sr.^a D. Urbana de Jesus, dona de casa. Respondeu-nos: — Temo-as todas, que tenho muitas! As que mais receio, contudo, são as do coração. Isto não quer dizer que a epilepsia e os «bicos de papagaio», por exemplo, não me infundam respeito, pois são doenças bastante terríveis. Se tivesse uma maleita muito grave, porém, faria o possível por não desanimar.



• E, por último, á sr.^a D. Odete Estefania Sousa Correia Costa Viana, doméstica, afirmou-nos: — Receio muito a cegueira, e o cancro também. Preferia a morte a ter a primeira destas doenças. Sem vista, não podemos trabalhar. O cancro é, igualmente, dos males mais terríveis, até porque não tem cura, pelo menos por enquanto. Com as demais doenças, sempre se consegue ir vivendo.

• O sr. António Faria da Costa Viana, funcionário público, disse-nos: — Não falando da falta de dinheiro, o coração e o cancro! Quanto a mim, são os dois maiores males. Para o segundo, como se sabe, ainda não há cura possível. Pode-se padecer dessa doença durante anos, em constante sofrimento.



Nem aos nossos maiores inimigos a devemos desejar! As primeiras também são muito perigosas, pois, parando o coração, a máquina segue-lhe o exemplo. De resto, já há soluções para quase todos os outros males que nos podem afligir.

O CENTENÁRIO de D. Thomaz de Mello Breyner

Para comemorar o centenário do nascimento do prof. D. Thomaz de Mello Breyner, Conde de Mafra, é mandada rezar, pelos Serviços do Hospital do Desterro, no dia 2 de Setembro, pelas 11 horas, na capela do referido hospital, uma missa, seguida de uma sessão de homenagem a que presidirá o administrador dos Hospitais, em representação do enfermeiro-mor, usando da palavra o antigo assistente do saudoso mestre dr. Maciel Chaves, o prof. Juvenal Esteves e o dr. Cruz Sobral.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

A «EUROPABUS», REDE TURÍSTICA RODOVIÁRIA DOS CAMINHOS DE FERRO EUROPEUS, PROPORCIONA NOVAS POSSIBILIDADES A TODOS QUE PROJECTAM VIAGENS TURÍSTICAS

Inúmeros serviços turísticos são agora possíveis utilizar com recurso aos bilhetes «Europabus» que facultam transporte em auto-carro visitas a localidades e a monumentos refeições e alojamento em estabelecimentos noturnos

Se deseja realizar uma digressão turística pelo País ou pelo estrangeiro não deixe de se esclarecer acerca do que a rede «Europabus» lhe pode proporcionar consultando as Seções de Informações das estações da C. P. de Lisboa (Rossio) Lisboa (Santa Apolónia) Coimbra e Porto (S. Bento), bem como as Agências de Viagens autorizadas

Viage com a «Europabus» e não se arrependera

SINTRA ESPERA-NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

A elaboração da Carta Escolar da Metrópole

Decorre com regularidade a elaboração da Carta Escolar Metropolitana, confiada pelo Ministério da Educação Nacional, através do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, á equipa de técnicos da CODEP (Centro de Orientação e Documentação de Ensino Particular).

Terminados o ficheiro e o inventário de todos os estabelecimentos do Ensino Primário (oficial e particular), foi já entregue á direcção do referido Gabinete de Estudos a carta geral da base e a certificação-piloto, referentes ao distrito de Aveiro.

Entretanto, prossegue a organização do ficheiro dos estabelecimentos de Ensino Ligeiro, Técnico e Superior, com o objectivo de inventariar os meios existentes na Metrópole para a instrução e educação, e, com base nesse inventário geral, projectar e programar a satisfação das novas necessidades, tanto em edificios como em equipamento.

A Carta Escolar é um trabalho de grande interesse, impondo-se como condição essencial para o conhecimento exacto da situação actual da Metrópole em matéria de ensino e base de programação do futuro. Iniciativa do actual ministro da Educação Nacional, ela é expressão do novo espírito de colaboração e fecundo entendimento que anima os sectores publico e particular do ensino, para bem da educação dos portugueses.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 30 — Com a base de licitação de 200 escudos por metro quadrado foram vendidos pela Camara Municipal desta vila, nove talhões de terrenos, em Monte Gordo, com a área de 300 metros cada talhão.

O preço máximo alcançado foi de 680 escudos e o mínimo 620 por metro. Trata-se de terrenos para vivendas de dois pisos e um só fogo com a área aproveitável de 80 metros quadrados e projecto fornecido pela Camara.

REUNIÃO EUROPEIA DE ESTATICISTAS

A convite do Instituto Internacional de Estatística, parte para Londres, a fim de participar nos trabalhos da Reunião Europeia de Estaticistas, que se realiza naquela cidade, o economista macaense sr. dr. Armando de Oliveira Hagadong, «fellow» da Royal Statistical Society e da American Statistical Association.

LIGA DOS AMIGOS DE SÃO JOÃO DE AREIAS

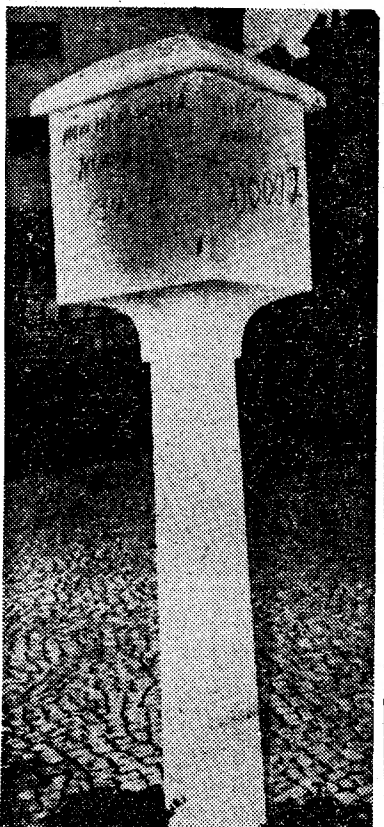
A Liga dos Amigos da Freguesia de São João de Areias, cujos estatutos foram recentemente aprovados oficialmente, reuniu-se em assembleia geral, para proceder á eleição dos seus primeiros corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, dr. José Antunes Pimenta; vice-presidente, eng.^o António Afonso de Sousa Galvão Lucas; secretários, António Rodrigues Miranda e Joaquim Pinto de Oliveira.

Direcção — presidente, Mário Rodrigues Matias; vice-presidente, Zacarias Miranda Neves; tesoureiro, Manuel Sales; secretários, Fernando Levezinho de Almeida e José Vieira; vogais, José António da Silva Correia e António Homem.

Conselho fiscal — presidente, dr. José Camilo da Trindade; secretário, Aurélio Soares Calçada; relator, António José Henriques.

A nova colectividade, cujo objectivo principal é o de trabalhar pela união de todos os conterrâneos, organizando excursões, festas, etc., e, se possível, de desenvolvimento da própria vila de São João de Areias, vai brevemente dispor em Lisboa de uma sede, que será um centro de convívio dos seus naturais residentes na capital.



Há cerca de um ano que a praça de «táxis», existente na Rua da Bica do Sapato, espera dispor de um telefone. Tal sucedia quando aqueles carros de praça estacionavam na Rua Vale Santo António, e houve o cuidado de transportar, para o novo local, a cabine telefónica. Como se pode ver na gravura, o caso até já se presta a chalaças...

Diário dos Inéditos

COIMBRA

Professores estrangeiros preleccionam hoje nos cursos internacionais de Direito Comparado

Na Faculdade de Letras prosseguiram hoje os trabalhos do curso da Faculdade Internacional para o Ensino do Direito Comparado, que despertam o maior interesse. Deram aulas, no primeiro ciclo, em língua francesa, os srs. prof. P. H. Teitgen, «Introdução ao Direito constitucional comparado»; prof. J. A. Weir, «O sistema «common law» — I»; prof. R. David, «Os direitos romanistas — I e II»; prof. P. A. Crepeau, «Introdução ao direito internacional privado comparado». O sr. prof. M. G. Horsmans dirigiu um seminário de direito comparado.

Em língua inglesa, deram lições sobre «Introdução ao direito internacional privado comparado» e pelos srs. profs. J. A. Weir, «O sistema da «common law» — I», e H. C. Ficker, «Introdução ao direito alemão — Direitos romanistas».

Em língua alemã, os srs. profs. Ficker, «Introdução ao Direito Comparado»; R. David, «O sistema da «common law» — I»; H. Moller, «Os direitos romanistas — I e II»; E. Kaden, «Direitos romanistas — Introdução ao direito alemão — I».

OS 800 ANOS DA VILA DE MARVÃO

MARVÃO, 30 — Integrada nos actos comemorativos do 8.º centenario da tomada desta vila aos mouros, por D. Afonso Henriques, efectua-se no próximo dia 8 de Setembro uma sessão, durante a qual o sr. Possidónio Laranjo Coelho fará uma conferência sobre o passado histórico de Marvão.

Posto de socorros dos bombeiros do Dafundo

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Dafundo pôs agora, ao serviço do publico, um posto de socorros, cujas instalações e apetrechamento são verdadeiramente modelares.

No novo posto, que será mantido com as exiguas receitas da benemérita instituição, trabalha, sobre orientação médica, um enfermeiro-chefe, reformado, dos Hospitais Civis de Lisboa, com longa prática da profissão.

e H. C. Ficker, «Introdução ao Direito Comparado».

No segundo ciclo, deram lições, em Direito Privado, os srs. profs. Kaden, «A noção e os limites da propriedade privada em Direito Comparado»; o prof. R. Houin, «Os estabelecimentos comerciais em Direito Comparado» — II, III e IV».

Em Direito Público, preleccionaram os srs. profs. J. F. Thery, «O contencioso administrativo em Direito Comparado»; P. H. Teitgen, «A responsabilidade do poder publico em Direito Comparado», e B. T. Blagojevic, «As empresas públicas em Direito Comparado».

As obras na cidade universitária

O sr. eng.^o Lousa Viana, da Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária, principiou esta manhã uma visita ás obras em curso na zona da cidade universitária, acompanhado pelo delegado da comissão nesta cidade, sr. eng.^o José Reis Gonçalves.

Entre as obras que são visitadas, incluem-se o pavilhão gimno-desportivo, junto ao Estádio Universitário, em Santa Clara, cuja inauguração está prevista para o começo do próximo ano lectivo, em Outubro; os trabalhos de construção dos edificios para as secções de Matemática e Física e Química da Faculdade de Ciências. O primeiro está quase concluido na sua estrutura geral e os pavimentos do segundo elevam-se já até á altura da antiga Rua Larga, em frente da Faculdade de Medicina.

O sr. eng.^o Lousa Viana trocará impressões com os técnicos quanto ao arranjo da zona junto ao Instituto Botânico e respectivo jardim, obra que se impõe depois do restauro das bases dos Arcos do Aqueduto, quase concluido.

Exames de aptidão á Universidade

No Porta Férrea foi afixada a relação dos alunos que faltaram aos exames de aptidão na época de Julho e agora, por despacho ministerial, foram autorizados a fazê-los na próxima época de Outubro.

Biblioteca Municipal

Depois de amanhã, reabre a Biblioteca Municipal, que tem estado encerrada para efeitos de limpeza e conferência de livros.

Comandante distrital da P. S. P.

Vai seguir para o Ultramar, em missão de serviço, o sr. capitão Rosa Carvalhal, comandante distrital da P. S. P., cargo no qual será substituido pelo sr. major Octávio Pimentel, segundo comandante daquella corporação no Porto.

Queda fatal

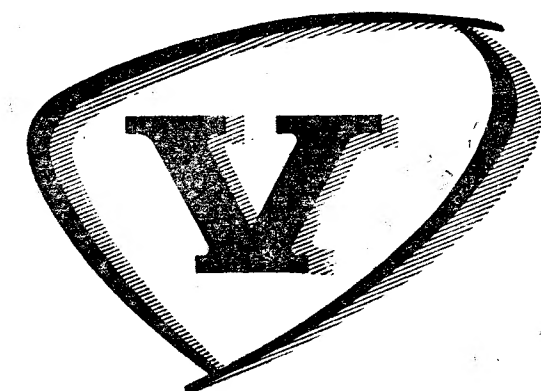
Numa enfermaria dos Hospitais da Universidade faleceu o sr. Manuel Marques, de 80 anos, casado, agricultor, natural de Matos, Carrico (Pombal), que, há dias, ali dera entrada, gravemente ferido, por ter caído de cima da carga de um carro.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
TIVOLI — As 21 e 30: «Primeira vitória» (17 anos).
ESPL. DOS BOMB. VOLUNTARIOS — As 21 e 45: «O homem do rio» (12 anos).

Farmácias de serviço

Vilaça — Rua Ferreira Borges (Tel. 22043).
Neves Morgado — Rua da Moeda (Tel. 23738).
Baptista — Praça da Republica (Tel. 23747).
Olivais — Rua Bernardo de Albuquerque (Tel. 22804).



VALADARES

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE EM CERAMICA

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

TEATRO VILLARET

Uma farsa admirável

No Teatro Villaret, um dos locais mais frescos de Lisboa, mercê do ar refrigerado, Raul Solnado e a sua companhia «fabri-com», todas as noites, milhares de gargalhadas, que saem de centenas de alegres espectadores que assistem ao desenrolar da peça «Quando é que tu casarás com a minha mulher?», um espectáculo que o Comité Internacional do Riso recomenda e que está em cena, em duas sessões, às 21 e às 23 horas. Além de Solnado, nesta farsa que Francisco Nicholson encenou estão Maria Paula, Cortês, Glória de Matos, Nicholson, Maria Laurent e Ângela Ribeiro

CAPITÓLIO

Uma excelente comédia

O Capitólio está a registar, todos os dias, grande presença de público, para ver e aplaudir a magnífica comédia «A Mulher do Roupaço», original de Ted Willis, adaptado por R. Lobato de Faria, a qual conta a história de um amor ilícito de duas mulheres pelo mesmo homem, deixando

do ao critério do público — o seu juiz — o desfecho do enredo. Laura Alves, em mais uma interpretação de grande mérito artístico é a protagonista. Rui de Carvalho o homem que as duas mulheres disputam, tem também interpretação de grande relevo, ao lado de Alina Vaz, a vizinha, e Manuela de Freitas, a rival, também em papéis de grande relevo. Rolando Alves, Leonor Poeira e ainda a revelação deste espectáculo, Vasco Morgado Junior, têm igualmente magníficas interpretações. Todas as noites em espectáculos às 21 e 45, e aos domingos e feriados, também às 16 horas, «A Mulher do Roupaço» representa-se para adultos.

MONUMENTAL

A próxima estreia

Um dos numeros musicais da fantasia «Esta Lisboa que eu amo», a subir à cena no Monumental, é exactamente uma marcha com aquele título, da autoria de Frederico Valério. No dia da estreia, Vasco Morgado organiza um concurso para bandas civis, atribuindo valiosos prémios às que melhor executarem a referida marcha. A exibição das bandas será no Parque Mayer, perante um júri constituído pelos mestres Frederico Valério, António

Luís Gomes, Fernando de Carvalho e Eduardo Loureiro, sendo conferidos prémios de 5000\$00, 3000\$00 e 2000\$00 aos três primeiros lugares, respectivamente. Depois da exibição, as bandas desfilarão do Parque Mayer ao Saldanha, onde, em

(Continua na 6.ª página)

GOSTA DE TEATRO?
GOSTA DE TEMAS EMOCIONANTES?
GOSTA DE JULGAR PESSOAS
PELAS SUAS ACÇÕES?

Então não deixe de ver

A MULHER DO ROUPÃO

o excepcional espectáculo de Vasco Morgado e não divulgue o seu desfecho!

no TEATRO Tel. 327493

CAPITÓLIO

As 21.45 h. (ADULTOS)

MAGISTRAL DESEMPENHO DE

LAURA ALVES
RUI DE CARVALHO

ALINA VAZ
MANUELA DE FREITAS
ROLANDO ALVES
LEONOR POEIRA
VASCO MORGADO J.º



RUI e VASCO

num dos momentos da peça original de TED WILLIS, tradução de R. LOBATO DE FÁRIA

COLISEU

AMANHÃ, ÀS 21,30

(Maiores de 12 anos)

ESTREIA DO GRANDE
FILME EM TECNICOLO
AS MELHORES HORAS
DE UMA VIDA

A HISTÓRIA
DE WINSTON CHURCHILL
O MAIOR ESTADISTA
DE TODOS OS TEMPOS

BREVEMENTE
NOVA TEMPORADA
DE CIRCO



NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Crucio Max, actor cómico inglês, será provavelmente um dos intérpretes principais do novo filme de Federico Fellini «A Viagem de G. Mastorna». O produtor conta ainda com a colaboração de alguns comediantes napolitanos, entre os quais Vico e Beniamino Maggio. Os interiores desta película começarão a ser filmados em Setembro, contando o elenco com Marcello Mastroianni, Vittorio de Sica, Totó, Macario, Dapporto, Franchi e Ingrassia. A ficha artística poderá ainda ser enriquecida com Shirley McLaine, Anouk Aimé e Maggie Smith.

■ Intitula-se «Os Jogos da Solidão» um filme para o qual Pascal Jardin está a escrever os diálogos e em que devem intervir Gert Froeh, Robert Stack e Mireille Darc.

FESTAS e ROMARIAS

Na Charneca do Lumiar

Prosseguiram hoje e terminam amanhã as festas a S. Bartolomeu, na Charneca do Lumiar.

Hoje, houve alvorada e missa rezada. Às 19 horas, será celebrada missa vespertina, chegando depois a banda de música da Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivense. Haverá continuação do arraial, feira franca e concerto.

Amanhã, além das costumadas cerimónias haverá às 0 e 30, uma sessão de fogo de artifício de ar e preso.

«PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?»
— Em Agosto de 1944, poucos dias após a libertação de Paris, foi plantada uma árvore comemorativa na capital francesa (foto acima). Jean-Pierre Cassel, um dos muitos actores que participaram no filme de René Clément e Paul Graetz, foi visitar o local vinte e dois anos depois. A estreia de «Paris já está a arder?» será em Lisboa o grande acontecimento do próximo Natal

SIDNEY
POITIER

ANNE
BANCROFT



DOIS ARTISTAS
GALARDOADOS
PELA ACADEMIA DE CINEMA,
NO MELHOR
FILME DAS
SUAS VIDAS

CHAMADA
PARA A VIDA

(THE SLENDER THREAD)

UMA EXPERIÊNCIA DE
CINEMA RARAMENTE OU
TALVEZ NUNCA ULTRAPASSADA
EM MATÉRIA DE "SUSPENSE"!

COM TELY SAVALAS · STEVEN HILL ADULTOS

REALIZAÇÃO DE SYDNEY POLLACK · ARGUMENTO DE STEPHEN ALEXANDER
MÚSICA QUINCY JONES

AMANHÃ

EMOCIONANTE
ESTREIA NO

IMPERIO

HOJE, ÀS 21.30 HORAS, NO
TEATRO CARLOS MANUEL, EM SINTRA
ESTREIA NACIONAL DE
O DIÁRIO DE UM LOUCO
DE GOGOL

com
JACINTO RAMOS

NO ENCERRAMENTO DO

X FESTIVAL DE SINTRA

SENHORAS, CAVALHEIROS OU CRIANÇAS...
TODOS ANSEIAM POR SE DIVERTIR NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

(A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»)
O GRANDE LUNA-PARQUE DA CAPITAL

— PAVILHÕES DE EXPOSIÇÃO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA
— RESTAURANTES, RETIROS, ESPLANADAS, CERVEJARIAS
— CAFÉS, ACEPIPIES, PETISCOS E BONS VINHOS
— DIVERTIMENTOS E ATRAÇÕES DE TODOS OS GÉNEROS
— PAVILHÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

O MAIOR ESPECTÁCULO DA CIDADE

ABERTURA ÀS 19 HORAS

O que vimos e ouvimos

JUVENTUDE NO MUNDO — Deixemos passar o golfinho dos milionários de Miami. Deixemo-lo entregue às suas aventuras mal enjorçadas, com uma evidente falta de imaginação e de sal...

Paremos, breve instante que seja, no «batido» de documentários para a juventude. Ai veremos como dois rapazinhos, quando perseguiram um perdigoto, foram ter à gruta de Santo António, com 5 metros de altura e 80 de comprimento, na Serra de Candeeiros, junto a Porto de Mós. Dizem-me, aqui ao lado, que a gruta se encontra praticamente ao abandono, mas longe de mim acreditar em todos os boatos! Pois na gruta, como se comprovou, as pedras têm música. Tudo tem música, ó ímpios!

Outro comentário demonstrativo de várias coisas e mais uma foi aquele que nos apresentou cerca de cinquenta bambinos japoneses a praticar no raguebi americano. Numa cidade com 12 milhões de habitantes (mais quimono, menos quimono) cinco dezenas de galafros na «me-lê» talvez signifiquem coisa pouca. Mas eu só queria que vocês depois vissem um dos miudos, com o irmão mais velho, a tocar guitarra e a cantar em americano a serenata pintada ao luar do oeste! Pareceu-me até (pareceu-me...) vê-los a mascar pastilha elástica para maior glória de tio Sam nas terras encantadas do Sol Nascente!

MOMENTO DESPORTIVO

— Que não haveria futebol, desta vez. Por causa do defeso, ou qualquer coisa do género. Aproveitava-se para tratar da saúde a outros desportos, que bem merecem!

... Mas, o homem põe e as circunstâncias dispõem! O futebol acabou por aparecer — ai não! — em forma de entrevista vinda dos estúdios do Porto, principiada em condições dramáticas de som e de imagem, como vai sendo habitual. A entrevista com o internacional Miguel Arcanjo, que vai ser homenageado, decorreu em clima de câmara ardente, sem o menor interesse, a banalidade mais confrangedora.

Ponto final aí. Fora isso, aconteceram duas entrevistas curiosas.

Na primeira, depôs José Joaquim Chagas, orientador técnico da equipa de handebol do Sporting, que mostrou o seu desacordo com os moldes em que decorrem actualmente os campeonatos nacionais da modalidade, e que terminaram agora mesmo, em fins de Agosto! Incrível, na verdade! Aquilo é desporto — ou castigo?

Ficámos, também, a saber que o Sporting contratou para dirigir as suas equipas de handebol um técnico alemão.

O outro entrevistado foi o prof. Robalo Gouveia. Tema: os campeonatos mundiais de ginástica, aos quais enviamos quatro concorrentes: três femininos (Maria Edite Rodrigues, Maria Manuel Fradinho e Lubélia da Fonseca) e um masculino: José Filipe Abreu. Classificação honrosa? Sim, claro. Há essa esperança. Ganhar ou perder, etc. Mesmo que seja o último, não interessa, alguém terá de ser o primeiro (claro!), alguém terá de ser o último (claríssimo também). Só não entendo muito bem a afirmação do prof. Robalo Gouveia, segundo a qual o último pode ser tão bom como o primeiro.

Rem... pode, sim senhor. Até podem coincidir — no caso de haver só um concorrente... Mas para quê, minhas senhoras e meus senhores, estar a alimentar fúnebres esperanças? Portugal não é potência ginástica escolar.

Aliás, o próprio prof. Robalo Gouveia, em maré de maior realismo,

CAMINHOS DE FERRO

Comunica-nos a C. P. que além do serviço regular, no período de 9 de Agosto a 30 de Setembro, e apenas às 3.ª e 6.ª-feiras é estabelecido entre LISBOA, PORTO e PARIS, para transporte de passageiros de serviço internacional, um comboio com o seguinte horário:

	Cheg.	Part.
Lisboa (Santa Apolónia)		7-00
Pampilhosa	10-07	
Porto (São Bento)		7-12
Pampilhosa	9-38	
Guarda	13-30	
		10-35
Castelo Branco		10-00
Guarda	13-29	
		13-53
Vilar Formoso	14-40	
Paris (Austerlitz)	16-05	15-22

não deixou de reconhecer que a ginástica desportiva ainda não está implantada, como devia, na ginástica escolar. Além disso, verificou com amargura que não estão criadas condições para o amplo desenvolvimento dos mais aptos.

E relatou o caso de José Filipe Abreu, nosso representante nos Mundiais: entra no emprego às 9, sai do emprego às 7 da tarde. Só começa a praticar daí em diante, com o sacrifício que se imagina. Praticar de manhã, com os benefícios que o facto traduziria, nem pensar nisso...

Materia para meditação há aqui muita, não lhes parece?

... E que diferença na condução das entrevistas entre os responsáveis de Lisboa e do Porto! A diferença, afinal, que há entre um profissional, conhecedor do seu ofício, e um amador. A prática é importante, já lá dizia o amigo Banana. Na ginástica... e no resto.

TITULOS DE CAIXA ALTA

— A primeira ruzica do serão foi «títulos de caixa alta».

Desta vez, abandonou o figurino político para trazer à primeira página, em caixa alta, o magno problema da água. Documentário copioso da importância dela e da luta para a obter. Tanta, que russos e americanos se reuniram à mesma mesa para estudar a utilização da energia atômica na sua obtenção, a partir da dessalinização da água do mar.

A título de curiosidade, saiba-se que a água do mar, assim obtida, ficar-nos-ia ao preço de 1/4 de dólar, ou seja, 7 escudos o metro cúbico.

MUSEU DE CINEMA —

Em «Museu do Cinema» continua — e continuará... — o folhetim dos «Fidalgos da Casa Mourisca», produzido em 1918.

Por este simples facto se pode ver que os portugueses não são nada os improvisadores de que os acusam. Ora essa! Produzir, para o futuro, a distancia de 48 anos, é obra!

É obra asseada, pode-se dizer. Com todas as limitações que se queiram apontar — e são bastantes, como é óbvio, num caminho tão pouco ainda desbravado — a verdade é que estes «fidalgos» estão apresentados com louvável critério. O que se realça aqui não é a fidalguia, mas o esforço popular, o trabalho no duro, o estudo das condições de actividade no campo. As personagens surgem-nos escaurecidas, segundo princípios que definem uma posição perante a vida. Tomé da Póvoa não é o boçal que amarinhou à custa do esforço braçal, dos dias e noites perdidos a regar a terra com o suor do rosto: é o camponês esclarecido, que faz contas, que projecta, que planifica. O fidalgo D. Luís desceu, por completo, do seu pedestal fidalgo. É um pobre homem, atirado para a falência, mais digno da compaixão do que de fervor aristocrático. E o frei Januário é tratado com um realismo que denota bem a antiguidade do filme...

Esgotados os pormenores técnicos da produção e localização do filme, António Lopes Ribeiro falou-nos do romancista Júlio Dinis. Fez bem. Nenhuma oportunidade deve ser perdida para falar ao grande público daqueles que ele deve realmente amar.

... Ainda me falta assífiar a uma tenebrosa, ridícula, aventura do «Santos», apresentado pastosamente, demoradamente, inutilmente. Para quê tanta cera com tal defunto?

Não, A auréola não me apanha. Vou até à estrada onde passam grupos juvenis a cantar, a despedirem-se do Verão. Por mim, e melancolicamente, terei, clara e firme no céu, a Ursa Maior para ouvir minhas ternuras e minhas queixas. Ter alguém a quem possa fazer isso, mesmo longe e ursa, nestes tempos difíceis de «santos» e demónios — já é uma grande sorte. M. C.

HO'E PODE VER...

● Às 22: «Encontro com a vida»

A película apresentada hoje, por Fernando Garcia, no programa 7.ª Arte, é interpretada por alguns nomes famosos do cinema, tais como James Stewart, Charles Coburn, Benlah Bondie e Walter Huston. A realização pertence a Clarence Brown e a acção tem por fulcro um filho que, embriagado pelo sucesso, abandona a mãe, a quem deve a posição atingida.

O X FESTIVAL DE SINTRA TERMINA HOJE

COM A PEÇA DE GOGOL «DIÁRIO DE UM LOUCO»

O êxito assistiu a todos os espetáculos do X Festival de Sintra, organizado pela Camara Municipal e suas Comissões de Turismo e de Arte e Arqueologia com o patrocínio do S. N. I. e do Comissariado de Turismo.

A sessão desta noite, que encerra o Festival, realiza-se no Cine-Teatro Carlos Manuel, às 21 e 30, e é preenchida com a peça de Gogol «O diário de um louco», em estreia nacional, interpretada por Jacinto Ramos, um actor que tem sabido honrar com rara eloquência o historial do nosso teatro.

EXPLOSIVO! ESPECTACULAR! AUTÊNTICO!



os mais extraordinários dias da Segunda Guerra Mundial num filme diferente de tudo o que se viu até hoje!

70^m/m

HENRY FONDA · ROBERT SHAW · ROBERT RYAN · DANA ANDREWS · PIER ANGELI
BARBARA WERLE · GEORGE MONTGOMERY · TY HARDIN · CHARLES BRONSON · HANS CHRISTIAN BLECH · WERNER PETERS · JAMES MACARTHUR e TELLY SAVALAS

um exclusivo ASTORIA FILMES

(MAIORES DE 12 ANOS)

Prod. MILTON SPERLING, PHILIP YORDAN · Real. KEN ANAKIN
Arg. PHILIP YORDAN, MILTON SPERLING, JOHN NELSON · A. SIDNEY HARMON em associa. UNITED STATES PICTURES, Inc. Production

ULTRA-PANAVISION® TECHNICOLOR®

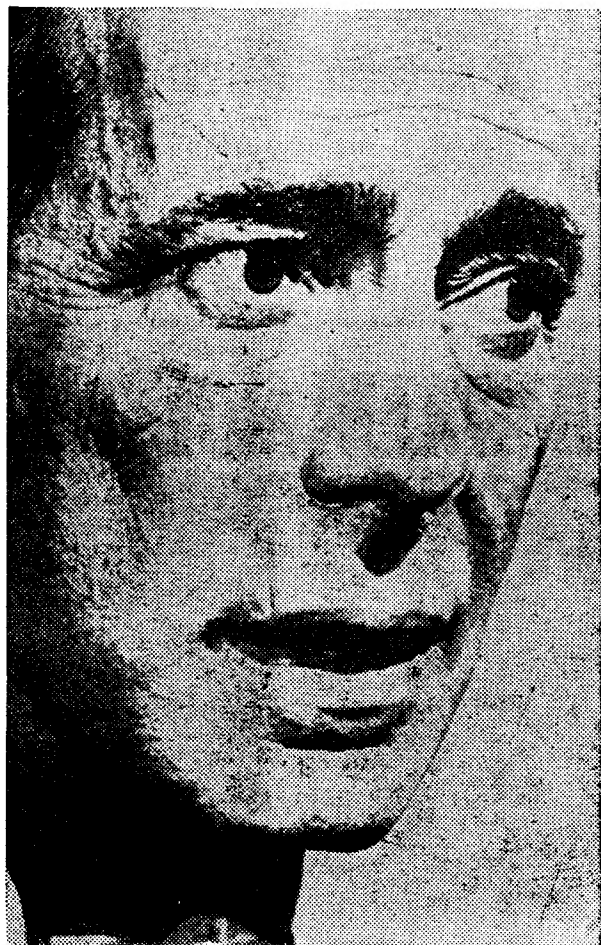


UM FILME WARNER BROS.

O PRIMEIRO FILME WARNER BROS. DA NOVA TEMPORADA

HOJE EM ESTREIA ÀS 21.30
NO «ÉCRAN» GIGANTE DO

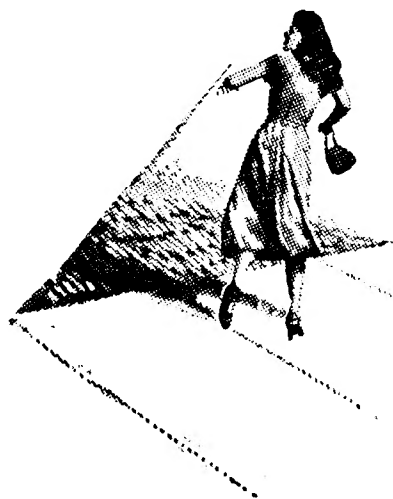
MONUMENTAL



«FOGE DA RUA, ANGELA VETTO!»
— E NESTE GRITO SE CONDENSE TODA UMA
ATMOSFERA DE «SUSPENSE» E EMOÇÃO!

**HUMPHREY
BOGART**

RENASCE E VIVE NUMA DAS SUAS MAIS VINCADAS INTERPRETAÇÕES, AQUELA QUE A JUVENTUDE AMERICANA, NO SEU CULTO POR «BOGEY», CONSIDEROU A SUA ELEITA E VÊ VEZES E VEZES SEGUIDAS!



SEM CONSCIÊNCIA

Um filme de BRETAGNE WINDUST
com ZERO MOSTEL • TED DE CORSIA • PATRICIA JOINER

HOJE, ÀS 21.45

AVIS

NOITE DE PERMANENTE
«SUSPENSE»

NEM BELO, NEM GENIAL, NEM HERÓICO,
MAS AUTÊNTICO, TAL COMO ELE PRÓPRIO,
FORMIDAVELMENTE VIRIL, COMBATIVO,
INSUBMISSO!

EM BUSCA DA VERDADE, NUMA ALTURA
EM QUE DESAPARECE A ESPERANÇA COM
A MORTE DA ÚLTIMA TESTEMUNHA.

Excl. «OCIDENTE»

(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

Cinco mil cinemas «drive-in» preocupados com a hora do anoitecer...

NOVA YORK, 30 — (R.) — Para os 5000 donos dos cinemas «drive-in» dos Estados Unidos (cinemas em que o público assiste dentro do automóvel), o sol nunca se pôe cedo de mais. O crepúsculo traz-lhes os espectadores e o tilintar dos dólares. Porém, surgiu agora uma forte preocupação. O Governo propõe-se promulgar uma lei sobre um atraso na hora legal do pôr do Sol, com o fim de poupar a electricidade.

Na Primavera, este plano atrasará o crepúsculo legal em certas regiões dos Estados Unidos para

as 10 horas. Este facto terá uma influência nefasta nos cinemas «drive-in».

Para passar o tempo, enquanto o filme principal não é projectado, os espectadores do «drive-in» jogam loto e outros jogos semelhantes e os filhos brincam em parques infantis, cuidadosamente vigiados.

A Associação Americana dos Proprietários dos Teatros, em que estão filiados 16000 donos de todos os tipos de cinemas, observa sombriamente o efeito que a nova lei sobre o pôr do Sol possa vir a ter. Apenas os estados que criem legislação específica local, que os isente desta nova legislação, até Abril próximo, ficarão dentro da hora antiga.

A Associação tem envidado todos os esforços para que o maior número possível de estados publique tais leis. Milton London, director daquela associação, afirma que se o pôr do Sol for às nove ou dez horas da noite, tendo os pais de família de se levantar para o trabalho às 6 da manhã, a maior parte das famílias não poderá frequentar os «drive-in».

Segundo London, o filme principal começaria então às 11,30, demasiado tarde para a maioria das pessoas. O cinema «drive-in» é o ideal para a família. Os pais podem ver o filme sem se preocuparem com o problema dos filhos pequenos. Levam-nos com eles no carro, porque mesmo um bebé pode dormir descansadamente dentro do automóvel. London afirma que o novo horário é uma profunda ameaça para os casais de namorados que são os frequentadores tradicionais dos cinemas «drive-in». Para eles, o enredo é de importância secundária, o que interessa é poderem estar a sós.

As experiências para o aperfeiçoamento de «ecrans» e sistemas de projecção que permitam cinemas «drive-in» com luz do dia não têm a aprovação de Milton London, que diz: «Ninguém se sentiria bem sentado em pleno dia num carro a ver cinema».

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

frontera do Teatro Monumental, tocando, em conjunto, a marcha «Esta Lisboa que eu amo».

ESTÚDIO 444

Um documentário empolgante

Em 19.ª semana de êxito, sempre crescente, o famoso e discutido filme de Maleno Menelotti, «As escravas ainda existem», continua a ser o cartaz cinematográfico mais sugestivo da capital, entrando agora no quinto mês de ininterrupta exibição na nova e confortável sala do Estúdio 444, a maior sala-estúdio do País. Documento inédito e ousado sobre uma viagem alucinante através da África, do Médio Oriente e da Índia, em busca de mercados de escravos que ainda existem, mau grado o progresso da civilização, esta empolgante reportagem revela, com realismo cruel, os bastidores de uma chaga que enche de vergonha os homens dos nossos dias. «As escravas ainda existem», apresentado em rigoroso exclusivo pela Talma, resulta, assim, num espectáculo absolutamente inédito, pleno de interesse e emoção, obra de repórteres com garra, que arriscaram, tudo por tudo, para criar algo de empolgante e estranho. O filme foi fotografado em eastmancolor por Aldo Tanti, considerado actualmente como o maior operador do cinema europeu.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Monumental

Título em português — «A Batalha das Ardenas»
Título original — «Battle of the bulge»
Produção — Norte-americana
Realização — Ken Annakin
Interpretes — Henry Fonda, Robert Shaw, Robert Ryan, Dana Andrews e Pier Angeli.
Género — Histórico
Distribuição — Astória Filmes
Processo — Ultra-Panavision e Technicolor
Classificação — 12 anos

O voo das aves

Um pombo-correio que tem uma anilha onde está inscrito «Portugal—U. G. A. L.—61—981820» foi parar a casa do sr. Paredes Alves, residente na Rua B, n.º 8, r/c. esq., Olival Basto, Loures. Este senhor entregará o pombo ao seu legítimo dono.

3.º MÊS • 2 SESSÕES

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

AS 21 E AS 23 HORAS
AR REFRIGERADO
BILHETES DESDE 15\$00

QUANDO É QUE TU CASAS COM A MINHA MULHER?

ESTA É A MINHA MULHER, FUTURA EX-MULHER QUANDO EU ME CASAR COM A MINHA NOIVA E MINHA FUTURA MULHER. ISTO É UMA CONFUSÃO DE MULHERES!



RAUL DE CASTRO
SOLNADO

PAULA • CORTEZ • NICHOLSON • LAURENT • ANGELA • GLÓRIA

A HISTÓRIA
DE UM HOMEM
QUE FICARÁ
COMO SÍMBOLO
VIVO DO
INCONFORMISMO
PERANTE
A
DERROTA

A vida
extraordi-
nária
de
Sir
WINSTON
CHURCHILL
baseada
nas suas
memórias
da
segunda
guerra
mundial

UM FILME
EMPOL-
GANTE
QUE
RE-
VIVE
DIAS
DE-
SES-
PERA-
DOS

COLUMBIA FILMES
apresenta
A PRODUÇÃO DE
JACK LE VIEN
**AS MELHORES
HORAS DE
UMA VIDA**
(The finest hours)
COLOR

O homem
do destino...
O homem
da acção...
O homem da
determinação

Um
documento
histórico
que imortaliza
a figura mais
extraordinária
do nosso tempo

AMANHÃ, ESTREIA
COLISEU

Maiores de 12 anos

Narrado por
OSCAR WELLES
Música de
RON HANMER
Arquim. de
VICTOR WOLSKOY
Realiz. de
PIER BÉLUS
Prod. de
JACK LE VIEN
Bas nas memórias
de THE 11.11.11.11
WINSTON CHURCHILL
da segunda guerra
mundial

O terramoto na Turquia

provocou um movimento de solidariedade por parte do Lions Clube de Lisboa

Os abalos sísmicos que devastaram a região oriental da Turquia e, em especial a cidade de Varto, suscitaram, no meio do Lions Clube de Lisboa, e por proposta do «lions» sr. Sam Levy, um belo movimento de solidariedade, tendente a socorrer as vítimas em tudo quanto estivesse ao alcance daquela agremiação, proposta que, aliás, obteve imediato apoio do presidente, sr. dr. José Jaime Neves, e dos numerosos sócios presentes ao almoço habitual.

A reunião começou pelo içar da bandeira nacional, pelo sr. eng. Vicente Mesquita Martins, «post-presidente» do Lions Clube de S. Salvador da Baía (Oeste). Respondendo ao presidente, o sr. eng. Mesquita Martins disse do prazer que sentia em visitar Lisboa, entregando ao presidente a flâmula do seu clube e recebendo a do de Lisboa. Também o «lions» sr. Romero Duarte afirmou sentir-se em Portugal como na sua própria casa, sentimento aliás comum a todos os brasileiros, na medida em que a influência de Portugal se mantém viva em todos os aspectos da vida do seu próprio país. O «lions» sr. José Rodrigues Pablo entregou, então, a flâmula do Lions Clube de Appingedam — Delfzijl (Holanda), que visitou recentemente, e transmitiu as saudações do respectivo vice-presidente, sr. Van Erp.

O sr. Sam Levy, invocando o facto, de embora português, ter nascido em Esmirna, pôs em relevo todo o drama por que passa agora a nação turca e propôs que fosse constituída uma comissão de «lions», com o fim de angariar socorros destinados aos milhares de vítimas dos sismos que devastaram Varto. Assim, e com o emocionado apoio de todos os presentes, foi designada essa comissão, que começou imediatamente a trabalhar. Compõem-na os srs. Sam Levy, como presidente, e Maurício Vieira de Brito, padre Correia da Cunha, Mário Fialho, Gaudência Costa e Baptista de Almeida.

O sr. Gaudência Costa, que se seguiu no uso da palavra, fez uma objectiva apreciação do que se passa no campo desportivo, designadamente no universitário, e formulou votos para que cada vez maior numero de portugueses participem na actividade desportiva, como amadores entusiásticos e dedicados. Falou ainda, o sr. Luís Colação, acerca da participação das mulheres dos «lions» na campanha de angariação de fundos para as vítimas daqueles sismos.

O sr. José Jaime Neves, comunicou que no dia 8 de Outubro próximo, será entregue a carta constitutiva ao Lions Clube do Funchal, cerimónia a que deverão comparecer, decerto, numerosos «lions» do continente. Referiu-se, também, ao «forum» europeu dos Lions Clubes, que se efectua em Londres, de 28 de Setembro a 2 de Outubro. Usaram também da palavra, acer-

ca de assuntos relativos á vida do clube, os srs. eng. Palma de Vilhena, John de Mascarenhas e dr. António Matrone, que evocou a excepcional figura, recentemente desaparecida, de António Pedro. Por fim, o crítico, jornalista Morais Cabral, disse que se sentia completamente solidário, com a iniciativa do clube, pois que se habituou a ver na Turquia um país profundamente amigo de Portugal. Pôs em foco alguns dos aspectos da reunião, designadamente a presença amiga de Lions do Brasil, congratulou-se pelo facto de ver numerosa assistência de sócios e tão elevado numero de convidados.

Dizem os leitores...

O monumento que falta no Largo de Arroios

Escreve-nos o sr. Adolfo G. Fagundes a seguinte carta da qual reproduzimos os passos seguintes, com vista ás entidades interessadas no problema citadino:

«Sr. director — Tudo que seja valorizar as ruas e largos desta cidade com monumentos é uma obra meritória. Bem haja o Município pela sua acção neste sentido.

«Temos que o Largo de Arroios é talvez o sitio mais antigo da freguesia, com a sua aura de movimento e boémia, e expressão alfa-

cinha do século passado. Era por onde, em tempos, através da tradicional Calçada de Arroios, se seguia para o Arco do Cego e, mais além, para o Lumiar e Odivelas.

«No topo, ao lado da igreja paroquial, está o palácio dos condes da Guarda, hoje o Registo Civil; ao sul, existia o antigo palácio dos Panceas, hoje demolido. Houve no mesmo largo um monumento, embora singelo, de grande valor histórico, que jaz agora recolhido, quase por caridade, a um canto da igreja de São Jorge. É uma obra tocada de espírito artístico e religioso, ingénua e austera, a um tempo, e da

qual, só na contemplação, ressuma uma certa poesia antiga, que canta em ritmos que parecem do nosso tempo, no dizer de Norberto de Araújo.

«O cruzeiro, em pedra lioz, tem duas faces: numa, Cristo crucificado; na outra, a mais bela, a imagem de São Vicente, tendo na mão esquerda as armas de Lisboa — a nau com os dois corvos. É um admirável conjunto quinhentista.

«Porque não há-de ser colocado este admirável monumento no centro do Largo, como aliás foi o

(Continua na 20.ª página)

A SOLUÇÃO ESTÁ NA SUA MÃO!



Para qualquer empreendimento que implique a necessidade de ajuda financeira poderá encontrar uma solução nos folhetos do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

CHEGOU A LISBOA O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO FISCAL INTERNACIONAL

Vindo de Nova York, por via marítima, chegou a Lisboa o prof. Mitchell B. Carrol, antigo presidente da comissão fiscal da Sociedade das Nações, fundador da Associação Fiscal Internacional e seu actual presidente. O prof. Carrol desloca-se ao nosso País para participar no XX Congresso Internacional do Direito Financeiro e Fiscal, que será inaugurado no próximo dia 5 de Setembro, devendo as suas sessões realizar-se no anfiteatro da aula magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa.

Ministério da Marinha

Uma portaria do ministro da Marinha, hoje publicada, fixa as condições de admissão ao curso de engenheiro construtor naval.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



POSTAL DE FÉRIAS

Minha senhora: — Tem uma certa graça esta de eu escrever um postal de férias. Eu estou em férias, lá isso é verdade, pois há uma semana que não vou ao emprego, mas quanto a férias... viu-as? Eu não!

Tinha feito «grandes» projectos: ir todas as tardes com os garotos até à Cruz Quebrada, ficava barato e eles apanhavam um bocadinho de ar, de que bem precisam, tão descoradinhos andam os pobres petizes! Sabe o que me aconteceu? A minha criada resolveu ir ela para férias. Queria quinze dias para ir às festas lá da sua parvónia já «que a senhora agora fica estes dias em casa!» Bem lhe fiz ver que após um ano de trabalho intenso — sou enfermeira — precisava de descansar, mas ela tanto quis saber como nada! Lá foi a sua terrinha ver o namorado e as ditas festas.

Quanto às minhas férias, passo-as na cozinha a preparar as refeições, no tanque, a lavar a roupa dos três garotos, a olhar por eles, a encerrar a casa, a fazer tudo!... Serve-lhe isto para o seu «Postal de Férias»? — Maria Augusta.

Mulheres de ontem e de hoje

Marie de Flavigny, condessa D'Agout, foi uma escritora francesa que nasceu em 1805 e faleceu em 1876. As suas obras, onde expressou firmes convicções, foram publicadas sob o nome de Daniel Stern. «Lettres republicaines» e «Histoire de la Révolution» vieram a publico respectivamente em 1848 e 1851.

Não é, contudo, a sua fama de escritora, nem ao seu brilhante salão, que reuniu os nomes mais célebres do seu tempo, que Marie de Flavigny, pelo casamento condessa D'Agout, sobrevive na memória dos homens. Um grande amor ligou-a a Liszt, de quem teve duas filhas, uma das quais viria a casar com Richard Wagner.

Dulcinea-1966

Aquela que foi amada por D. Quixote, com tão impetuosa paixão platónica, surge agora na serena beleza idealizada pelo Cavaleiro da Triste Figura.

A Dulcinea-1966, proclamada em Benicarló (Castellón), é uma jovem formosa e sedutora, nascida, porém, em Paris e que, desde há cinco anos, passa as férias de Verão em Espanha. Chama-se Maria Rosa Lamert. Dizem os espanhóis que esta Dulcinea representa, de facto, a mulher sonhada pelo herói imortalizado por Cervantes.

A MULHER E O DESPORTO

Os «records» atingidos pelas campeãs femininas ultrapassam os da maioria dos homens: em 1896, J. E. Burke ganhou os 100 m em 12 segundos; em 1952, Miss Jackson corria a mesma distância em 11,5 segundos. Há uma diferença de cinquenta anos entre a altura em que os homens e as mulheres procuraram estabelecer «records» desportivos.

Aumentou a escala da idade das finalistas olímpicas femininas. Nos grupos que se treinam em ritmo contínuo, o declínio dos êxitos durante o período da reprodução é menor nas mulheres do que nos homens.

SEJA DO SEU TEMPO!

LEIA

motor

SAI AS QUINTAS-FEIRAS

Pequeno romance

Quando o carteiro apareceu ao fundo da rua, a rapariga abandonou imediatamente a janela e gritou:

— Mãe, ele aí vem!

Atirou-se depois pelas escadas abaixo e ficou, apertando as mãos, no patamar, os olhos fixos no receptáculo postal, toda numa ansiedade, tremendo. Os segundos decorriam lentos e o bater do seu coração tumultuava-lhe no peito. Finalmente a sombra do carteiro recortou-se no vidro fosco da porta, ouviu-se um estalido e uma carta se lhe apresentou, diante dos seus olhos. A sombra do carteiro desapareceu.

A mãe, no cimo das escadas, limpava lentamente as mãos no avental, e, com o pé esquerdo levemente erguido, coçava levemente a barriga da perna direita:

— É dele? — perguntou.

Mas a filha já se encontrava a seu lado, quase sem fôlego, um brilho nos olhos, a carta na mão:

— É!

Correram para a sala.

— Guilhermina, cuidado!

A coluna estremeceu, a jarra escacou-se no soalho, as flores ficaram espalhadas...

Abriam a carta. Os dedos da rapariga desdobravam o papel, nervosos, desatinados, uma expressão de sede no olhar, os lábios secamente entreabertos. A mãe espremia os olhos, curvava o pescoço, inclinava a cabeça:

— Mãe, primeiro eu!

— Guilhermina já lá, devorava.

— Filha...

Guilhermina soluçava desesperadamente, toda tombada sobre a mesa, as mãos na nuca, os cabelos castanhos todos desfeitos, o corpo num contínuo arfar, a carta separada do envelope...

A música espalhava-se ao ritmo do choro e tudo se arredondava, tudo ficava pleno duma angústia, tudo se enchia, tudo se embrulhava, a roda, redondo, redondamente...

O calor pairava, salgado de suor, tinha um arfar tumultuoso, um soluço abafado e quente... O rosto da rapariga esborrachava-se na tábua da mesa, o queixo já mostrava um pequeno lenho e um fio de sangue arrebitou-lhe dum lábio... Erguia a cabeça como um animal ferido de morte, num relampago humido de desespero, e deixava-a tombar outra vez, e mais uma vez e outra vez ainda... Sufoca-lhe um som rouco da garganta, que a música levava nas suas voltas e o calor desfazia em suor e lágrimas.

A mãe suspirou. Levava as mãos ao cabelo, mas não arranjava o cabelo. Olhou a carta, abetida, separadas as duas partes, ali na mesa. Sentiu um gosto seco na garganta e, por instantes, transfigurou-se. Mas voltou a ser a mesma.

Lentamente, aproximou-se da cozinha. Agarrou na faca, agarrou nas couves. A máquina a petróleo desabrochava numa chama azul-amarelada, atirada para os lados, um ligeiro estrepito... A água ao cimo ganhava borbulhas, uma espuma branca. Por vezes a ferveria escorria ao longo da panela e a trempe, aquecida, protestava. Mas a água escorria sempre, levantava a tampa, teimava. E o fogo, ora roxo, ora azul, apoderava-se dela toda, tirava-lhe o último gemido, secava-a. E quando a carne foi colocada na grelha ainda com sangue queimado de outras refeições, e a grelha colocada sobre a buraca mais pequena do fogão, o calor estremeceu-a levemente, enrugou-a, desenrugou-a, tirou-lhe o suco. A mãe de Guilhermina limpava o suor da fronte enrugada. Ia da máquina para o fogão e do fogão para a máquina. Lançava sal na panela, mexia as couves, fazia saltar a carne. Depois torrou dois pães na grelha. O pão encarnilhava-se, enegrecia, tornava-se duro. E a flor de fogo da máquina a petróleo alargava-se para os lados, com um zunido constante e abafado. E a água vinha fora. E o almoço ficou pronto.

— Guilhermina...

O zunzum da máquina entonteceia-lhe os ouvidos.

— Guilhermina... tenho que pôr a mesa... o teu pai está a chegar... O, pai chegou.

Era um homem alto, cabelo cortado à escovinha, ombros largos. — Que há por aqui? — Tinha a voz segura e uns olhos límpidos.

A mulher suspirou. Com um gesto de cabeça apontou-lhe a carta.

— Hum... — fez o marido.

A máquina estrepitava na cozinha.

Olhou a filha, fitou a mãe:

— Bem... Pega na vassoura e varre esses cacos e essas flores. E abre aquela janela. Ouve, Guilhermina...

MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

NO MERCADO... DO BOLHÃO!

Oh! Minhas amigas, a dona de casa deu uma escapada, saiu de Lisboa, foi passar umas breves férias ao Porto! Mas isto de ser dona de casa é um mau emprego. Nunca nos libertamos dele. A respeito do Tio Goriot, o jovem médico Bianchon exclamou, mais ou menos, depois de lhe ter examinado as bocas, que ele era «todo pai», ou «pai eterno». Balzac que me desculpe por não reproduzir textualmente a graciosa frase do médico que a sua imaginação criou e que, dizem, antes de morrer, chamava como o único clínico que o podia salvar.

Se a cabeça da mulher fosse examinada indicaria, em primeiro lugar, naturalmente, a maternidade como vocação e, depois... a de dona de casa.

Eis-nos no Porto, no Mercado do Bolhão. Que diferente de outros dos nossos mercados! É bastante bom, vamos lá. Se fossemos a comparar, só o de 24 de Julho lhe levava a palma, nas linhas arquitectónicas exteriores, que são mais majestosas, e em ser totalmente coberto, quanto ao mais. O Mercado do Bolhão é muito bem abastecido... e pode comprar-se mais em conta. No Porto ganha quem melhor souber regatear. Pedem 10\$00 para dar a 2\$50... Tanto que as mulherzinhas que não têm bancada alugada e vendem isoladas ao longo da praça chamam... as regateiras. Nós, aqui, compramos mais barato aos fazendeiros de lá... A designação é significativa. E sabem, vim maravilhada; as donas de casa têm uma vantagem sobre as de Lisboa. A facilidade de todas poderem adquirir o que de mais belo nos oferece a Natureza: flores, muitas e lindas flores. Porque? Porque são baratas, tão baratas que pensamos para nós mesmas que as floristas lisboetas devem estar ricas. Senão, vejam...

MUITAS E BELAS FLORES A PREÇO ACESSÍVEL

Só para as nossas leitoras fazerem a comparação, vamos dizer-lhes alguns dos preços que registámos a semana passada no Mercado da Praça do Chile, um dos que vendem as flores mais baratas, e as cotações que verificámos, agora, no Mercado do Bolhão. Os preços entre parentes são referentes a Lisboa. Os outros, ao Porto: molhos de sécias, de 2\$00 a 2\$50 (10\$00 a 15\$00); a duzia das dalias, grandes, lindas, 3\$00 (7\$50, 12\$50 e 15\$00); a mesma quantidade de cravos, bem agradáveis, de 2\$50 a 5\$00 (7\$50); os cravos espanhóis, a 15\$00. Não continuamos com a comparação dos preços, porque no Bolhão vimos outras qualidades, que nem sempre aparecem por cá, ou, pelo menos, na semana transacta não havia no Chile.

Mas vimos, ainda, molhos dos veludos, a 2\$00 e a 2\$50; os das perpétuas ou sempre-vivas, como lhe queiram chamar, a

2\$00; os dos delfins, a 4\$00; os dos lilazes, a 1\$50 e a 2\$50; a duzia das givésias, a 1\$50; dos nardos, a 10\$00 e a 15\$00; e a dos gladiolos, a 25\$00.

A florista que nos informou do preço dos gladiolos, observou-nos, quando percebeu que não éramos compradora: «O senhora, nós pedimos 25\$00, mas se derem 15\$00, a gente vende!».

NA SECÇÃO DO PEIXE

A famosa pescada de Vigo, que se vendia, no Porto, a preços elevados, mas era uma delícia, só a vimos congelada, e a 18\$00, como cá! Que desilusão.

Havia, porém, boa pescada, e nisso a dona de casa lisboeta não tem nada que invejar a do Porto. Vejam só que estava a 45\$00 e 46\$00, inteira, e partida a 52\$50, 55\$00 e 58\$00. E' de pôr os cabelos em pé, ou de fugir! A marmota vendia-se de 14\$00 a 20\$00 (24\$00 e 28\$00 em Lisboa); o goraz, a 15\$00 e a 16\$40 (20\$00); os robalinhos, a 20\$00 (26\$00);

as enguias ou eiroses, como lhe chamam aqui em Lisboa, estavam a 18\$00, (28\$00); a faneça pequenina, a 12\$00 (12\$60); o polvo, a 10\$00 (11\$00); as lulas, a 22\$00 (de 20\$ a 23\$00); a corvina, a 25\$00; os linguados, a 50\$00 (48\$00); o safio, ou congrio, conforme o nome que dão ao mesmo peixe nas duas cidades, de 17\$00 a 20\$00 (24\$00); a chaputa, a 7\$00 (8\$00); o badejo, a 28\$00; o robalo, a 30\$00; a lagosta, a 12\$50; o camarão, a 150\$00; os buzios grandes, a 1\$50 cada; e a tainha, 10\$00.

HORTALIÇA E LEGUMES

O molho das nabicas vendia-se a 3\$00 (5\$00); o dos espinafres, de 2\$50 a 3\$00 (4\$50); o dos agriões, 1\$00 (1\$50 e dois 2\$50); uma alface, 1\$00 e 1\$50 (de 50 a 2\$00); o molho da beterraba, 1\$50; o quilo das ervilhas de grão, 14\$00; a couve-flor, de 3\$00 a 8\$00; as couves de olhos, 2\$00 e 3\$00; o repolho, a 1\$50; o quilo dos pimentos, 6\$00; o do feijão verde, 4\$00 (4\$00 a 5\$00); o do tomate, de 1\$50 a 2\$50 (1\$50 a 2\$00); cada beringela, 2\$00; e a unidade do pepino, 50 a 1\$50.

QUANTO A FRUTA...

Quanto á fruta, vimos o quilo das uvas, de 5\$00 a 6\$00 (4\$00 a 5\$00); o dos pêssegos, de 10\$00, 15\$00 a 17\$00 (17\$00); o melão casca de carvalho, a 8\$00 o quilo; o de Almeirim, a 4\$00 (em Lisboa o melão regula a 2\$50); as bananas, a 9\$00, preço único (6\$00 a 9\$50); as peras, de 6\$00, 10\$00, 15\$00 e 16\$50, conforme a qualidade (10\$00 a 12\$00); a maçã riscadinha, a 7\$00; as laranjas, a 13\$00, de Moçambique, claro; as laranjas metropolitanas estavam a 25\$60 o quilo; figos, 5\$00 (5\$00); as rainhas-cláudias, 8\$00 e 9\$00; o pêssego mulato, a 7\$80; e os limões, a 10\$00.

MOLDES DIFERENTES NA VENDA DA CRIAÇÃO

A criação, no Porto, é, em geral, vendida «a olho». A freguesa compra a ave viva, toma-a nas mãos, sopesa-a, e depois pergunta:

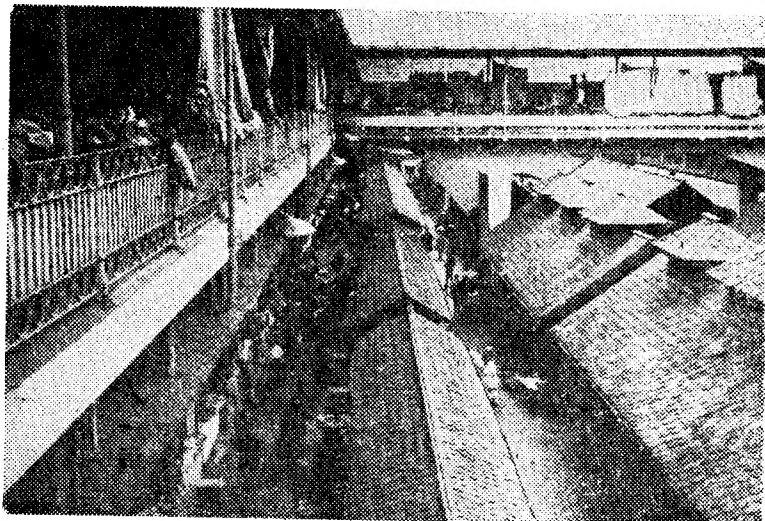
— Quanto quer por este franguinho?

A galinheira responde, e ela oferece metade, ou três quartos, até que chegam ao preço conveniente a ambas. Isto corresponde a um «jogo» conhecido de ambas as partes. A freguesa retira-se, depois volta, oferece mais um tanto... É engraçado!

Portanto, «a olho», um frango custa 25\$00; uma galinha, 40\$00; os galos, 60\$00 e 70\$00; os patos, 25\$00 e 30\$00; os borrachos, 6\$00, 7\$50 e 9\$00; e o coelho, 30\$00, «jeitosos» — afirmam-nos a vendedeira.

Também começa a estar em voga a criação morta, de aviário. Por exemplo, a galinha, morta e limpa, é a 31\$00 o quilo, e o frango, a 30\$00; o coelho morto, inteiro, a 32\$00.

DONA DE CASA



Um aspecto do Mercado do Bolhão, no Porto

GUIA TURÍSTICO

PARA NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

Silves (a fabulosa Chelb)

evoca nas terras do Algarve
a soberba e fulgurante cidade
célebre no mundo árabe

por CÉSAR DOS SANTOS

— «Um paraíso de beleza infinda pôs Deus aqui!» — exclamava o famoso Ibn-Ammar, nascido nestes lugares, ao celebrar em magníficos versos a maravilhosa paisagem, onde se erguia a sua aldeia, ainda hoje, sugerindo grandezas passadas e então orgulhosa e arrogante, coroada de muralhas num cabeço sobranceiro ao porto aberto na espelhança miragem, o rio plácido e formoso que, mais além, para montante, reflectia os esplendores orientais da fabulosa Chelb. Do mesmo modo, aqueles outros poetas refinados que vieram da Arábia Feliz

viver neste pedaço do Gharb enlanguescendo as carícias do Sol e embalado pelo mar em cuja grandeza aquele via a imagem de Deus poderoso, do mesmo modo, esses e os não menos afamados de todo o império muçulmano que tiveram a dita de conhecer, embora de passagem, o Al-gharb.

*

No tempo em que Camões fala dela em «Os Lusíadas», tinha a mourisca Silves, a fabulosa Chelb, entre vinte e cinco a trinta mil habitantes — testemunha Alexandre Herculano nos «Opusculos» e na «História de Portugal» —, enquanto Lisboa contava apenas quinze mil. Segundo o historiador, «Rádolfo de Diceto eleva só o número dos combatentes que defendiam Silves a 60 000, número por certo exagerado, posto que a população rural se tivesse acolhido ali».

«Silves — recorda Herculano — era das mais importantes povoações da Península. A almedina ou cidade antiga, coroada da sua kassba ou castelo tomava a coroa de um monte, em cuja raiz se estendia uma planície pela margem direita do rio, na qual estava assentada a parte mais vasta da povoação, o arrabalde que por si só representava uma grande cidade. Comparada com Lisboa, Silves era muito mais forte, e em opulência e sumptuosidade de edifícios dez vezes mais notável. A abundância dos seus mercados e a elegância das habitações e do trato dos moradores condiziam com o esmero da cultura dos arredores cobertos de hortas e jardins deliciosos».

«Na época da colonização sarracena, aquele distrito fora repartido entre os Arabes do Yemen, raça a que pertenciam não só os habitantes da cidade, mas também as gentes das alcarias ou aldeias circunvizinhas. Ainda no tempo de Edrisi se conhecia, tanto nuns como noutros, essa origem comum. Do burgo, que era um dos lugares mais importantes da Espanha muçulmana, diz o referido geógrafo árabe: — «A cidade de Silves é bonita. Vêem-se ali elegantes edifícios e mercados bem fornecidos. A sua população e a das aldeias do dis-



A cidade das sete colinas é naturalmente pródiga em miradouros, de onde se desfrutam soberbas paisagens que abarcam o estuário e a outra margem do rio. Esta bela panorâmica pode ser observada da Senhora do Monte — um passeio a aproveitar nestas manhãs de intensa luminosidade

MUNICH

«CIDADE OLÍMPICA»

EM 1972

A Associação de Turismo alemã criou uma comissão especial para cooperar com os dirigentes da «Cidade Olímpica» de Munich em todas as questões relacionadas com a recepção dos forasteiros. Este agrupamento será orientado pelo primeiro vice-presidente daquela instituição, sr. dr. J. Eberhard, antigo ministro das Finanças da Baviera e actual presidente do banco daquele Estado.

Entretanto, a Associação de Turismo da Baviera, que reelegueu o sr. dr. J. Eberhard no posto de primeiro presidente, congratulou-se com a decisão do sector central do turismo alemão e encarregou todos os seus núcleos especializados de apoiarem a nova comissão, com vista à intensificação dos preparativos que não-de transformar Munich na «Cidade Olímpica» de 1972. Todos os problemas respeitantes a alojamento desfrutaram de prioridade.

(Continua na página seguinte)

112 aeródromos italianos de turismo

A Itália dispõe de 112 aeródromos e 22 «heliportos» (destinados a helicópteros), que se encontram, geralmente, na proximidade dos centros e localidades de maior interesse turístico.

Sendo cada vez maior o número de turistas que chegam à Itália em aviões ligeiros, os organismos oficiais estão a estudar a conveniência de modernizar os aeródromos existentes e de utilizar novos terrenos para aumentar sensivelmente o seu número.

Vai efectuar-se na cidade de Hannover a 17.ª Exposição Federal Especializada em Hotelaria

Com o objectivo de proporcionar «Tudo para o hóspede», efectua-se em Hannover, de 1 a 9 de Outubro, no recinto da respectiva feira, a 17.ª Exposição Federal Especializada em Hotelaria. Segundo as inscrições já registadas, participarão naquele importante certame mais de quatrocentas firmas, ocupando, com os seus «stands», uma área expositiva de, aproximadamente, trinta e cinco mil metros quadrados. A oferta, vasta e variada, é dividida por sectores de produção, abrange desde novidades na ementa de comidas e bebidas, a quartos mobiliados, de harmonia com a linha decorativa mais moderna, até máquinas e instalações de cozinha para empresas de todas as dimensões económicas.

O grupo de expositores mais importantes é constituído pelos fabricantes de máquinas, aparelhos e equipamentos. Segue-se o sector da indústria de produtos alimentares. Pretendem os organizadores desta exposição especializada — o Grémio Alemão de Hotelaria e Similares e a Sociedade Alemã de Feiras e Exposições — facultar aos visitantes a panorâmica da situação actual das indústrias relacionadas com a hotelaria, bem como a evolução dos processos culinários, a fim de se corresponder às crescentes exigências quer dos gastrónomos, quer dos turistas em geral — e proporcionar uma verdadeira hospitalidade.

Exibições especiais

Assumem, também, o maior interesse as demonstrações especiais que se integram no referido certame federal, nomeadamente a «Exposição de travessieiros», «A mesa posta», o «Museu de ementas» e «A estalagem moderna», esta última promovida pela Associação Alemã de Feiras e Exposições. «A estalagem moderna» dispõe de um recinto com quatrocentos lugares sentados e divide-se em quatro secções: estalagem do tipo «self-service»; restaurante de estilo francês, sala rustica da Baixa-Saxónia e restaurante dinamar-

quês para especialistas. O visitante terá oportunidade de observar, através de envidraçados, a preparação dos diversos pratos nos restaurantes referidos.

Outras promoções do maior interesse e significado, integradas nos nove dias da Exposição Federal Especializada em Hotelaria, serão constituídas pelos congressos de diferentes ramos interligados naquela actividade industrial, nos quais os técnicos ou os simples visitantes do certame tomarão contacto com problemas actuais relacionados com a indústria hoteleira.

Alguns dos temas que vão ser abordados: «...Assim o meu hóspede terá vontade de voltar», «A gastronomia de hoje e de amanhã», «Racionalização na indústria hoteleira» e «Em que ponto nos encontramos actualmente? — situação económica na Alemanha».

Novos planos

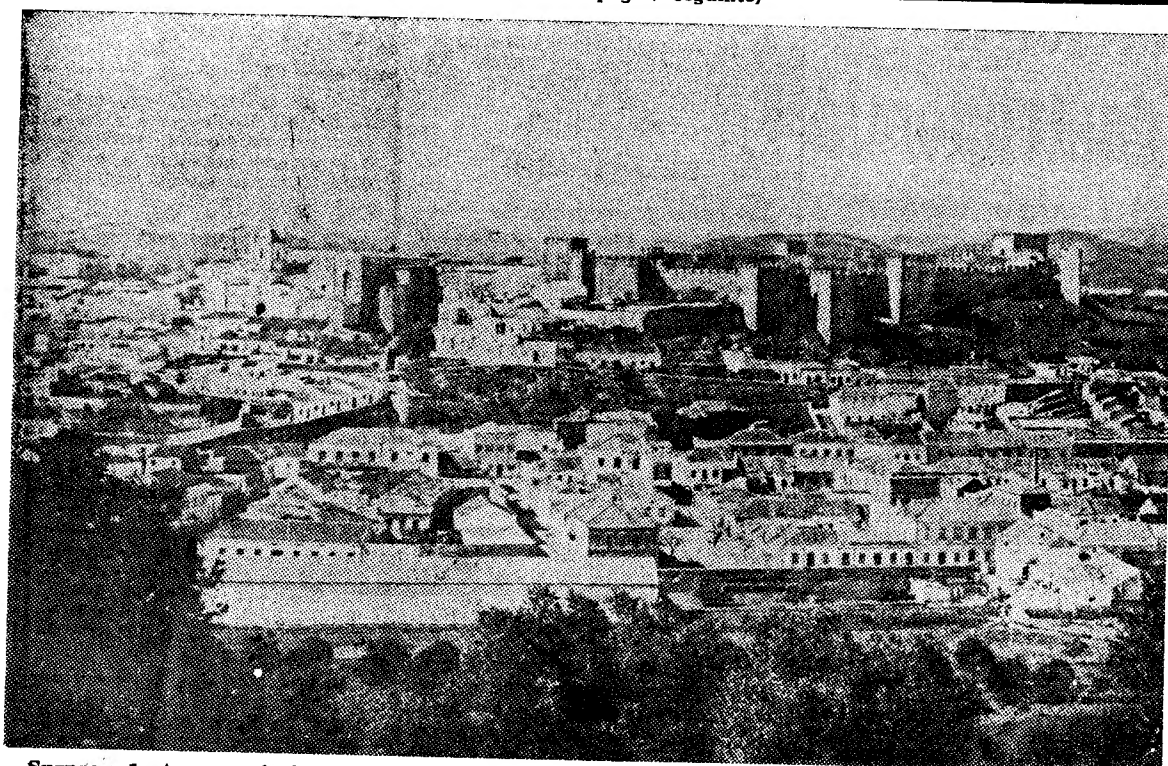
Merece, ainda, especial referência o curso, de âmbito federal, visando a aprendizagem de criado e cozinheiro, tendo em vista a pro-

(Continua na página seguinte)

Aumentaram as receitas na Itália

Durante os primeiros cinco meses deste ano entraram na Itália 6241 mil turistas, enquanto que, em igual período de 1965 apenas se haviam registado 5336 mil. Deste modo, o aumento verificado foi de 905 mil visitantes, correspondendo a um incremento de 16,9 por cento.

A respectiva receita, no período indicado de 1966, atingiu 238,3 biliões de liras, ou seja mais 37 biliões de liras — 18,3 por cento de aumento em relação ao ano passado.



Surpreendente panorâmica da Silves actual, que foi das mais nobres e fulgurantes cidades muçulmanas, ilustrada por célebres letrados e grandes poetas árabes, reis e príncipes, os quais ali viveram sonhos e aventuras de amor e nos palácios, tão esplendorosos como os das «Mil e Uma Noites», cantaram a saudade, ainda antes da fundação de Portugal

A cidade de Silves à beira do poético Arade evoca a fabulosa Chelb

(Continuação da página anterior)

trito é constituída por gente do Yemen, que fala um dialecto árabe puríssimo. As montanhas próximas produzem grande quantidade de madeira».

Oliveira Martins também celebra a singular beleza, as graças peculiares e os enleves dessa verdadeira cidade oriental, povoada pelos requintados oriundos da Arábia Feliz:

«Era opulenta em tesouros e formosa em construções. Davam-lhe a primazia entre as cidades da Espanha árabe. Vestida de palácios coroados pelos terraços de mármore, cortada de ruas com bazares recheados de preciosidades orientais, cercada de pomares víçosos e jardins, Chelb era a pérola do Chenchir, onde os príncipes da Mauritania vinham gozar com as mulheres formosas, de puro sangue árabe, os seus óculos luxuosos. Era ao mesmo tempo uma praça temivelmente fortificada».

Era não só mansão de luxo e de prazer, habitada por aristocratas e fidalgos do espírito, mas brilhante e famoso centro de irradiação da cultura, onde atingiam esplendores máximos as manifestações artísticas e literárias. Sabe-se como no tempo de Al-Motamid e Ibn-Ammar, magníficos poetas, homens de fina sensibilidade e bom gosto, que viviam em meio de requintado luxo, rodeados de lindas mulheres, num ambiente de refinamentos intelectuais, a famosa cidade adquiriu os maiores fulgores do espírito e se engrandeceu a tal ponto que, apesar do obscurecimento no período dos místicos Almorávidas, aos quais se seguiram os Almôhadas, com a preocupação dominante do regresso à filosofia, apesar de tudo o que se opunha à radiosa floresta poética e outras manifestações superiores de arte, Chelb ainda oferecia aqueles deslumbramentos aos conquistadores cristãos, no declínio do século XII.

O que nos fala a imaginação do passado de Silves são os esplendores da cidade árabe. Remontam, contudo, a tempos muito antigos as suas origens, atribuindo-lhes alguns historiadores a fundação aos Cynetes, referidos por José Leite de Vasconcelos, que ali se denominava aplicada, muitos séculos antes de Cristo, ao Cabo de São Vicente: *Cyneticum ingum*, ou aos Fenícios, marinheiros e mercadores, atraídos, como se diz, a esta região pela sua riqueza mineira.

Dos Romanos ficaram muitos vestígios, e teria havido nos arredores do burgo um templo votado a Neptuno. Restam, igualmente, relíquias da época dos Cartagineses e de outros primitivos povoadores, os mais antigos dos quais já aqui viviam desde a última idade da Pedra, até à do Bronze e do Ferro. Assim o demonstram descobertas arqueológicas de Estácio da Veiga, Pedro Paulo de Mascarenhas Judice e outros investigadores. As escavações no castelo revelaram peças neolíticas além de vários objectos de uso utilitário e adorno, nos quais se incluem contas de ágata, pertencentes a um colar (outro mais vistoso foi encontrado em Bensafim). A isso se refere Estácio da Veiga na sua obra «Antiguidades Monumentais do Algarve». Investigações posteriores têm permitido achados que assumem grande interesse no campo dos estudos arqueológicos sobre as origens de Silves, que se perdem na névoa dos tempos passados.

Há qualquer coisa de inexplicável que vem do fundo de nós próprios, e será o misterioso poder da influência hereditária persistindo no evoluir das gerações, que nos toca a alma, e não é ainda a imaginação a fantasiar, mas uma profunda emoção, quando se contempla de longe, na volta da estrada a descer para o rio, a cidade coroada de muralhas de pedra ruiva, enrubescidas, com refulgências de ouro ao clarão do poente. Depois, na intimidade do burgo, apesar da decepçante ausência de vulgares pormenores evocadores, das expressões vivas, palpantes que venham ao nosso encontro, do lamentável efeito do pobre casario estreitando ruas empinadas, tortuosas, entra em nós uma vaga turbção, amargurada e

desalentadora, uma penetrante tristura que oprime... Mas logo tudo se transforma por mágico efeito das lembranças que trazemos nos recessos do ser, as quais, acudindo ao espírito, reerguem, diante de nós, a esboçar-se no recortado perfil das ameias, a empoigante visão daquela cidade fantástica dos deslumbramentos orientais. São momentos de sonho num encantamento que nenhum outro lugar permite — pois só aqui há a magia de um tão poderoso e extasiante ficcionismo.

A realidade, contudo, despertamos do devaneio... Em Sevilha, onde Motamid e Ibn-Ammar também cantaram a vida e o amor em radiosa fulguração espiritual, ostentam-se, por exemplo, a *Torre del Oro*, à beira do Guadalquivir, a *Giralda*, o alcácer com suas preciosidades; e subsistem os monumentos de Córdoba, de Granada, de outras cidades da Espanha muçulmana, que foram, contudo, teatro de lutas e guerras demolidoras, principalmente no declínio da dominação sarracena... Mas aqui, onde está o maravilhoso *Charadji*, de refulgente imponência, com suas varandas floridas, os rutilantes salões, cheios de refinamentos artísticos, o harém povoado das mais lindas mulheres? E os belos jardins e outros fabulosos palácios onde, igualmente, versavam os reis e príncipes, que viviam no luxo, entregues ao amor e aos prazeres da existência idealizada e foram dos maiores poetas do mundo árabe? Que ficou dessa cidade que rivalizava em formosura e opulência, tesouros, em esplendores indescritíveis com a Bagdad das narrativas maravilhosas?

Não era Nínive, nem Gomorra, nem Sodoma!... Porque, apenas além do soberbo castelo e um outro pormenor sugestivo, não restam, então, vestígios desses palácios e dos monumentos da urbe, que era assombrosa, mas não lendária? Talvez que um terrível augúrio se cumprisse fazendo desaparecer os lugares profanados pelos assaltantes vindos das nevoentas e longínquas terras do Norte, cenário da tragédia que alanceou a alma muçulmana!

Basta, contudo, para nos comunicar tão empolgantes sensações a visão fugidia de uma imagem da lenda, a vaga sugestão de uma ruína medieval, olhar o castelo, ou espriar os olhos em enternecido contemplativismo pela paisagem feitiçeira — e vive-se este sonho maravilhoso. E há-de sentir quem quer que seja que por aqui passe, apesar da decadência da velha cidade, *chispas-lhe na alma uma faísca de poesia, por mais prosaico que seja o seu espírito, por mais decepções que lhe hajam dessecado e endurecido o coração.*

(Do livro «TERRA MORENA — Algarve do Sonho e da Realidade»).

A indústria hoteleira e a moderna gastronomia

• Novas sugestões válidas para os modernos gastrónomos

(Continuação da página anterior)

gramação especial deste labor, de influência decisiva na rentabilidade das unidades hoteleiras.

A propósito, deve citar-se que, na indústria hoteleira, observando

Centro de Turismo Alemão em Madrid

Foi inaugurada em Madrid a 18.ª Delegação Oficial do Centro Nacional de Turismo Alemão (Deutsche Zentrale für Fremdenverkehr), que tem a sua sede em Frankfurt/Meno. O novo órgão de propagação a funcionar em prol do turismo da Alemanha — com uma situação privilegiada no centro da capital espanhola, Calle S. Agustín, 2, junto à Plaza de las Cortes — é dirigido pelo sr. Franz B. Gier, que, até 1964, assumiu a chefia da Delegação do Turismo Alemão em Lisboa.



A zona do bairro do Arco do Cego e os sectores urbanísticos mais próximos, vistos do ar, proporcionam-nos esta magnífica perspectiva

TURISMO COMPETITIVO NA ITÁLIA

Do manual (Prontuário Económico do Turista) elaborado no Centro de Estatística de Florença, deduz-se que o custo dos serviços turísticos na Itália é competitivo e, por vezes, até mesmo mais barato que o de vários outros países.

Foi feita a classificação de duas categorias de despesas: uma superior, em hotéis de luxo, com todo o conforto e refeições em locais de primeira ordem; outra, normal, em hotéis de tipo económico e com refeições de categorias semelhantes. Chegou-se, assim, à conclusão de que a Itália figura em 8.º lugar no custo da primeira categoria e em 7.º no da classe média.

No que se refere, muito em especial, aos preços de alojamento, a Itália fica em 11.º lugar entre 15 países examinados. Deste modo, constata-se que o custo de vida do turista torna-se na Itália cada vez mais competitivo, não sofrendo já sensíveis inflações.

O Seguro Turístico Espanhol — disposição eficaz ao serviço dos forasteiros

O Seguro Turístico Espanhol é uma nova modalidade seguradora, por meio da qual se oferecem ao visitante do país vizinho diversos serviços que lhe permitem desfrutar de total segurança durante a sua estada. Este tipo de seguro foi instituído com carácter voluntário e exercem-no mais de 180 entidades seguradoras, integradas na Associação para o Seguro Turístico Espanhol — A. S. T. E. S.

A referida modalidade abrange um amplo campo de riscos possíveis, que podem ser definidos total ou parcialmente pelo turista. Alguns aspectos mais comuns: assistência médica e cirúrgica nas doenças de carácter grave e nos acidentes; meios auxiliares de diagnóstico; deslocação do doente, numa ambulância, para a clínica; internamento para tratamentos cirúrgicos, incluindo lugar para o acompanhante do doente; produtos farmacêuticos, bem como transfusões de sangue ou plasma, enquanto estiver hospitalizado; prolongamento da permanência no hotel devido a acidente ou doença.

Neste esquema de «riscos garantidos» podem ainda ser incluídos outros serviços, até quinze mil pesetas: repatriação do doente por indicação do médico, no caso de ferimento grave ou doença; repatriação do cadáver. Assume ainda o maior interesse saber-se da tabela de indemnizações, quando se trate de acidente individual. Assim, por exemplo: invalidez total, 200 mil pesetas; invalidez parcial, 100 mil; morte, 100 mil.

Defesa jurídica

No caso de acidente de trânsito em que intervier o veículo segurado no âmbito da modalidade em causa, podem os interessados contar com fianças por liberdade ou custas jurídicas, até 100 mil pesetas; honorários e despesas de advogados, procuradores, etc., até 25 mil; despesas judiciais (custas e taxas penais), até 25 mil.

O veículo que faça parte integrante do Seguro Turístico será repatriado para o lugar fixado pelo seu utente, até um limite de despesas no valor de 25 mil pesetas, e ainda nos casos de: prejuízos por acidente ou incêndio; acidente, doença ou falecimento do motorista.

As pessoas que ocupem o veículo e de harmonia com os casos citados anteriormente, também serão repatriadas para os locais determinados, até um limite de 15 mil pesetas por pessoa. No que respeita às bagagens, garante-se até 10 mil pesetas por

passageiro e bagagem a perda ou deterioração em consequência de incêndio ou roubo.

Prémios de seguro

O Seguro Turístico Espanhol prevê diversos prémios consoante a modalidade escolhida, tendo sido estabelecidos períodos de duração de 8, 15 e 30 dias, conforme as necessidades mais usuais do veraneante. O seguro total sem veículo, correspondente a 8, 15 e 30 dias, estabelece os seguintes prémios, respectivamente: 105, 155 e 250 pesetas; o seguro total com veículo, com os mesmos limites de duração, importa em 135, 201 e 333 pesetas, de harmonia com cada contrato.

Existem dois tipos de apólice: individual, que pode ser contratada por qualquer turista; e colectiva, destinada a grupos de mais de quatro pessoas. Esta última goza de um desconto sobre os prémios de riscos de acidentes individuais, assistência sanitária e bagagens calculado em cinco por cento, quando o grupo for de quatro a sete pessoas, e de dez por cento quando ascender a mais de sete.

Serviços

Para atender os serviços derivados do Seguro Turístico Espanhol, a A. S. T. E. S. dispõe:

- da colaboração de mais de 38 mil médicos em todo o território espanhol, podendo o segurado solicitar a qualquer deles a devida assistência;
- de mais de 500 clínicas, onde o segurado será atendido em instalações de primeira ordem;
- das organizações de todas as entidades associadas, nas quais se resolverão quaisquer dificuldades que possam ocorrer ao segurado;
- de representações em todas as províncias espanholas, postas ao serviço do segurado;
- de contratos estabelecidos com as organizações de médicos, pessoal de enfermagem, clínicas e outros departamentos de saúde, de modo que o segurado não precisa de efectuar qualquer pagamento imediato pelos serviços compreendidos nos riscos cobertos pelo seguro.

O Seguro Turístico Espanhol pode ser solicitado nas entidades seguradoras, agências de viagens, hotéis, postos de fronteiras e escritórios centrais e provinciais da A. S. T. E. S.

Em CAMARATE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

DOIS BANDIDOS
ROUBARAM
UM COMBOIO

FLORENCE (Arizona), 30 — (F. P.) — Dois bandidos que se evadiram, forçaram os maquinistas de um comboio de mercadorias a conduzi-los através do Arizona, por uma linha que se tornou célebre no século passado pelos assaltos aos comboios.

Os dois meliantes, William McLister, de 21 anos, e Edward Schiffauer, de 28, haviam fugido ontem, da colônia penal onde trabalhavam. Tendo abandonado o carro em que se puseram ao fresco, ameaçaram, com uma espingarda roubada, os empregados dum comboio que transportava minério. No meio da viagem, a formação esteve em riscos de embater noutro comboio e parou numa estação onde os dois evadidos se entregaram às autoridades.

PRESOS NA ARGENTINA
23 ESTUDANTES

BUENOS AIRES, 30 — (F. P.) — A Polícia argentina anunciou que os vinte e três estudantes presos anteontem em La Plata, quando tentavam apoderar-se de uma igreja, são peruanos e bolivianos pertencentes a uma organização da extrema esquerda.

ESTRANHO DESAPARECIMENTO
DE UM CARGUEIRO
AO LARGO DO VIETNAM

SAIGÃO, 30 — (R.) — O desaparecimento de um cargueiro, sem deixar traços, no Mar do Sul da China, há cinco meses atrás, tornou-se um profundo mistério.

Nem um só destroço, nem uma só mancha de óleo foram encontrados do «Valiente», de 709 toneladas.

Círculos de Saigão disseram que o mistério é semelhante ao do «Mary Celeste», veleiro americano que foi encontrado a vagar ao largo dos Açores, em 1872, sem ninguém a bordo, um mês depois de ter partido de Nova York.

O desaparecimento do «Valiente» já levou à suposição de que o navio poderia ter sido afundado por engano por caças americanos ou apreendido pelo Vietnam do Norte ou pela China.

O cargueiro, registado em Singa-

A admissão de Pequim
proposta de novo
nas Nações Unidas

NOVA YORK, 30 — (F. P.) — A Assembleia Geral da O. N. U. foi de novo abordada acerca da representação chinesa. O processo oficial para fazer inscrever a questão na ordem do dia da sessão que abre no dia 20 do próximo mês foi apresentado ontem por nove países membros: a Albânia, a Argélia, o Camboja, o Congo (Brazzaville), Cuba, a Guiné, Mali, Roménia e Síria — que empregam a fórmula: «Restabelecimento dos direitos legítimos da República Popular da China nas Nações Unidas».

Esta fórmula já tinha sido utilizada o ano passado quando foi pedida a inscrição da questão chinesa na vigésima sessão da Assembleia Geral. O pedido foi apadrinhado pelos mesmos países, com excepção da Síria, do Burundi e do Ghana.

No passado Outono, os países autores do pedido apresentaram, com o Paquistão e a Síria, um projecto de resolução pedindo simultaneamente a admissão de Pequim e a exclusão da Formosa.

Este texto obteve 47 votos contra 17 e 20 abstenções e foi rejeitado. Anteriormente, a assembleia tinha adoptado por 56 votos contra 49, com 11 abstenções, uma resolução preliminar afirmando que a questão da representação da China na O. N. U. entrava na categoria das questões fundamentais e toda a decisão modificando a situa-

ção existente exigia, para ser adoptada, a maioria de dois terços. Esta resolução de procedimento fazia malograr a tese segundo a qual se tratava de facto de um simples ponto de verificação de poderes, que devia ser regularizado por uma maioria simples.

A questão da representação chinesa é submetida todos os anos à Assembleia Geral, desde 1950, mas desde 1961 não é objecto de único debate.

Segundo dia
da manifestação
contra
o «revisionismo»

PEQUIM, 30 — (R.) — No decurso do segundo dia de uma manifestação contra o «revisionismo», milhares de chineses gritaram «slogans», rufaram tambores e gongues e tocaram timbales, junto à embaixada desta cidade.

Tal como ontem, os manifestantes marchavam num caudal contínuo ao longo da avenida principal, onde tinha sido erguida uma tribuna para oradores. Também como ontem, mantiveram-se bem afastados da própria embaixada, a qual estava guardada por polícia e soldados chineses. A manifestação tem sido disciplinada.

Os manifestantes deixaram vazia a rua que conduz aos portões da entrada principal da embaixada — a qual foi recentemente denominada Rua da Luta contra o Revisionismo.

Revisionismo é o termo depreciativo com que a China se refere à actual condução comunista da União Soviética.

A manifestação — que até agora não foi mencionada pela Imprensa chinesa — é patrocinada pela «guarda vermelha», cruzada dos jovens chineses que conduzem a revolução social tendo por objectivo afastar as coisas velhas ou estrangeiras da vida chinesa.

Auxílio chinês
a Hanói
«que não terá
de ser pago»

TÓQUIO, 30 — (A. N. I.) — O Governo do Vietnam do Norte anunciou hoje, oficialmente, que assinara um acordo com a China Comunista ao abrigo do qual receberá auxílio técnico, «que não terá de ser pago», a fim de permitir ao país prosseguir a luta.

O acordo foi anunciado oficialmente por Rádio Hanói, em emissão escutada esta manhã em Tóquio.

A emissora de Hanói não deu pormenores do acordo assinado, nem a natureza exacta do «auxílio técnico» que o Vietnam do Norte receberá.

Os observadores de Tóquio manifestam a opinião de que não deve haver modificação sensível na situação: A China Continental há muito que fornece grandes quantidades de armas, munições e outro material aos norte-vietnamitas.

Em BELVER o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na AGÊNCIA DO SR. FRANCISCO DA ROSA GRILLO CHAMBERLAIN.

DIA A DIA
A DOCTRINA RUSK

O senador Fullbright, presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, causou extraordinária sensação ao declarar que existe uma doutrina Rusk para a Ásia a qual, segundo a versão que dela deu, é a adaptação da doutrina de Monroe ao Extremo Oriente. Nos termos dessa doutrina de Monroe asiática, a Ásia faz parte da esfera de influência dos Estados Unidos e, como tal, estes são obrigados a intervir nos problemas que lhe dizem respeito e mesmo nos que lhe são peculiares. A Casa Branca negou que assim fosse e contestou que haja uma tal doutrina, renovando a interpretação da intervenção americana no Sueste asiático, segundo a qual esta visa a defender um povo que repudia a dominação comunista e para conseguir esse fim não dispõe dos meios e recursos indispensáveis. Esta fórmula oficial estereotipada não tem o condão de convencer os governos que, nos restantes continentes, seguem com desagrado a guerra do Sueste asiático e desconfiam dos objectivos americanos.

Estava o assunto quase esquecido, quando o secretário de Estado voltou a dar que falar com uma declaração mais retumbante do que aquela a que nos referimos. Disse ele que «nenhum agressor deve convencer-se de que a falta de um tratado, em devida forma ou de uma autorização do Congresso dos Estados Unidos, são razões para que os americanos deixem de estar presentes onde quer que a agressão se manifeste». Anteriormente dissera



SENADOR FULLBRIGHT — categorizado adversário do secretário de Estado, Rusk, e da sua doutrina asiática

ele que o seu país se julgava na obrigação de intervir militarmente em defesa de quarenta países com os quais está ligado por compromissos escritos. Essa concepção foi agora alargada a todos os países ameaçados, ou vítimas, de agressão comunista. Trata-se de uma revolução pois sempre se entendeu que a intervenção americana apenas se daria quando o país vítima de agressão fosse aliado ou amigo dos Estados Unidos e a solicitasse. Dificilmente se encontraria melhor definição da política global que os americanos são acusados de praticar do que aquela que foi exposta no Senado pelo secretário de Estado.

Tentativa de cientistas
para «domar» um furacão

MIAMI, 30 — (R.) — Cientistas planeiam para hoje a sua primeira tentativa em grande escala para domar um furacão. Avião vão «bombardear» o furacão «Faith» com iodato de prata, na esperança de reduzi-lo a sua fúria.

A noite passada, o «Faith», com ventos de 192 quilómetros por hora, encontrava-se a cerca de 900 quilómetros a leste de Miami, no meio do Atlântico, e seguia para noroeste, com uma velocidade de oito quilómetros por hora.

Uma tentativa para «semear» o furacão com partículas de iodato de prata fora marcada para o fim da semana. Mas a tempestade ameaça então as Bahamas e os cientistas não desejavam tentar a experiência a não ser que o furacão se encontrasse distante de terra.

Os cientistas receiam que essa «sementeira», nunca antes tentada em tal escala, possa alimentar a fúria do furacão em vez de domá-la.

Supõe-se que as partículas de iodato de prata apanharão humidade e congelarão, reduzindo o calor que ajuda a fornecer ao furacão a sua força.

Se o «Faith» continuar distante de qualquer área terrestre, avião de reconhecimento descolarão de Miami para medir a fúria do furacão, antes de outros aparelhos da

base naval americana de Roosevelt Roads, em Porto Rico, voarem sobre o centro da tempestade e largarem o iodato de prata, numa operação que deverá durar 11 a 12 horas.

Um veloz carro
no estilo
do automóvel
de James Bond
ilude a Polícia

ROUEN (França), 30 — (R.) — Um veloz automóvel negro, que se supõe ter transportado contrabando de bebidas alcoólicas através da fronteira francesa, escapou por duas vezes à perseguição da Polícia, no decurso deste fim de semana, ao libertar nuvens de fumo negro como fazia o carro de James Bond.

A Polícia disse que o dono do automóvel, de 26 anos de idade, que foi identificado pelo registo do automóvel, se chama a si próprio «James Bond da garrafa».

Julga-se que o «Citroën D. S.» é o mesmo automóvel que recentemente atravessou as barreiras da fronteira belga, ferindo diversos funcionários da Alfândega.

Há dois anos atrás, a Polícia aprendeu outro automóvel estilo James Bond. O carro tinha diversos «extras», incluindo matrículas que mudavam automaticamente, um tubo de escape que podia espalhar óleo na estrada e um sistema que largava pregos destinados a fazer parar os perseguidores.

O «FUHRER» ROCKWELL
SAIU EM LIBERDADE

CHICAGO, 30 — (F. P.) — George Lincoln Rockwell, «fuhrer» do Partido Nazi Americano, apresentou-se ontem à Polícia, que lhe passou um mandado de captura por desordens da via pública, consequentes da manifestação por ele organizada a semana passada contra os negros, em Chicago.

Com as mãos algemadas, Rockwell recolheu durante alguns momentos ao calabouço, saindo depois em liberdade mediante caução de 25 dólares.



novo êxito

FIM de
SEMANA
com a
MORTE

de
erle stanley gardner

preço 15 00

edição
LIVROS DO BRASIL
r. dos caetanos, 22-lisboa

Regulada a concessão do subsídio eventual de custo de vida aos servidores dos corpos administrativos

A Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior enviou à Imprensa Nacional, para publicação no «Diário do Governo», um decreto-lei que autoriza os corpos administrativos do continente e das ilhas adjacentes a conceder aos seus servidores, a título provisório, a partir de 1 de Setembro, o subsídio eventual de custo de vida sobre os vencimentos, de harmonia com semelhante subsídio atribuído, por diploma do ministro das Finanças, a todos os servidores do Estado, civis e militares. É o seguinte o texto do decreto-lei do Ministério do Interior:

«Pelo Decreto-Lei n.º 47 137 de 5 do mês corrente, foi concedido, a título transitório, a todos os servidores do Estado, civis e militares, em exercício no continente e ilhas adjacentes, um subsídio eventual de custo de vida sobre os vencimentos, abrangendo, pois, os funcionários administrativos dos governos civis e das administrações de bairro.

Impõe-se, conforme se determinou no art.º 7.º do citado diploma, estabelecer os termos em que o regime prescrito para os servidores do Estado deverá aplicar-se aos servidores dos corpos administrativos.

Para esse efeito, há que ter em consideração, em primeiro lugar, as possibilidades financeiras dos corpos administrativos, evitando que os encargos com o pessoal ex-

cedam determinado limite, de modo a não se cercearem demasiadamente os recursos para fazer face a despesas de outra natureza, sacrificando os interesses essenciais que lhes cumpre satisfazer. Deve, porém, observar-se que, das 304 Câmaras Municipais do continente e ilhas adjacentes, só 35, no ano de 1965, dispenderam com o pessoal mais de 40 por cento da receita ordinária e própria do mesmo ano (excluindo reembolsos e reposições), e, de entre essas, só 8 ultrapassaram a percentagem de 45, nenhuma delas atingindo 50 por cento, ou seja o limite normal consentido pelo artigo 676.º do Código Administrativo, embora com referência às despesas a orçamentar com o pessoal e em relação à receita ordinária efectivamente arrecadada no ano anterior. Note-se, aliás, que o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 40 014, de 31 de Dezembro de 1954, permitiu, em casos devidamente justificados, que tal limite fosse elevado até 60 por cento.

Outro aspecto a considerar é o âmbito da aplicação do regime de subsídio eventual aos servidores dos corpos administrativos. Nenhuma dúvida poderia suscitar-se quanto àqueles cujas remunerações-base se encontram fixadas por diploma legal, não tendo sido alte-

(Continua na 17.ª página)



O GENERAL GUNTHER PAPE, um dos oficiais demitidos das funções que desempenhavam, durante a «crise dos generais», na Alemanha Ocidental

As actividades educativas nas províncias ultramarinas

Prosseguiram, hoje, no edifício do Ministério do Ultramar, os tra-

Foram totalmente alteradas as condições de circulação dos veículos cuja velocidade máxima se fixa em

As alterações ao Código da Estrada, de que largamente nos temos ocupado, entram em vigor depois de amanhã. Como é do conhecimento geral, foi profundamente remodelado tudo o que se refere ao uso de velocípedes — aos quais cabem muitos dos desastres verificados no País. Nenhuma lei, no entanto, pode eliminar o acidente de viação, na medida em que o factor mais importante é, sem dúvida alguma, a atenção do condutor. Há que ter em conta, sobretudo, as possibilidades do veículo e do, as possibilidades de veículo utilizado e as de quem o conduz, bem como as condições em que se encontram as vias. Uma condução segura tem de resultar, necessariamente, da conjugação destes três factores.

Como os acidentes com velocípedes se sucedem num ritmo um tanto ou quanto acelerado, houve que adoptar medidas drásticas, quando

da redacção das presentes alterações do Código da Estrada. Os artigos 38.º e 54.º visam este tipo de veículos e os seus condutores, respectivamente. O disposto no n.º 1 do primeiro artigo engloba os velocípedes sem motor ou providos de um motor auxiliar, desde que tenham pedais ou dispositivos análogos. Os números seguintes ocupam-se de veículos deste tipo com motor de cilindrada não superior a 50 cm³ e velocidade máxima, em patamar, limitada por construção a 50 km/h; e, finalmente, tara não superior a 55 kgs. Deste modo, temos, velocípedes com e sem motor.

Atentas as características acima citadas, logo se vê que não são considerados velocípedes com motor todos aqueles que, muito embora possuam motor de cilindrada até 50 cm³, possam atingir velocidades superiores a 50 km/h. Ora, neste caso, encontram-se mais de 90 % dos veículos classificados como velocípedes com motor pelas anteriores disposições sobre a matéria. Dado que os seus motores não são de cilindrada superior a 50 cm³, o não podem ser englobados na classe de motociclos, constituem assim uma classe de veículos intermédia entre os velocípedes com motor e os motociclos e que a lei designou por ciclomotores. Nestes termos, serão ciclomotores todos os veículos que, embora o seu motor não exceda os 50 cm³ de cilindrada, não obedeçam a qualquer uma das restantes características exigidas para os velocípedes com motor.

Normas a observar

Esses veículos são obrigados a transitar o mais próximo possível das bermas ou passeios, mesmo nos casos em que, no mesmo sentido, sejam possíveis duas ou mais filas de trânsito, não podendo em caso algum seguir a par. Proíbem-se os condutores de transportar objectos capazes de prejudicar a condução ou constituir perigo ou incómodo para os outros utentes e, também, de se fazerem rebocar ou de rebocarem qualquer veículo com excepção dum carro destinado a transporte de carga. São ainda obrigados a utilizar uma luz branca ou amarela à frente e de a retaguarda, terem uma luz vermelha. Devem ser providos de um reflector também vermelho e terem o guarda-lamas pintado de branco numa extensão de 25 cm a contar do extremo inferior.

É de salientar o facto de os velocípedes só poderem transportar o respectivo condutor. A partir de 1 de Setembro não será permitido, como até agora, o transporte de uma criança até 5 anos de idade, pois reconhecemos perigoso tal uso. Esta regra não se aplica aos velocípedes com mais de um par de pedais, cuja lotação é expressa pelo número dos mesmos, desde que sejam capazes de accionar o veículo.

E, quanto às normas próprias dos velocípedes com motor auxiliar, é de frisar que dentro das localidades é proibido aos condutores imprimir ao motor acelerações excessivas ou repetidas, especialmente no arranque ou em ponto morto. Os motores

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil): grande quantidade de dinheiro; um saco de papel com a cédula marítima e mais documentos dos srs. Cristiano Vicente da Silva e João Amaro Lomba de Jesus; duas carteiras com documentos do sr. Joaquim Ferreira dos Santos e da sr. D. Rosa de Jesus da Silva Oliveira Ferreira; o cartão sindical do sr. António Dias Melrinho; um sobrescrito com fotografias; uma camisola de malha; um livro de estudo; um sapato de criança e argolas com chaves.

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRAIA 157

SINTRA ESPERA-O

NC DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Comerciantes e industriais presos ou processados por especulação

Foram processados pela Fiscalização da Inspeção-Geral das Actividades Económicas diversos comerciantes e industriais, entre os quais Joaquim Mário dos Reis, de Setúbal, agente distribuidor de refrigerantes, por aumento injustificado dos preços; Joaquim Augusto Figueiredo, do Porto, por especulação no preço de venda de chouriço de carne, no qual cobrava a mais 15\$00 em cada quilo; e Mercaria Estrela de Moscavide, Lda, de Moscavide, representada pelo seu sócio gerente Ernesto Dias, por especulação no preço de venda de presunto sem osso — mais 11\$70 em cada quilo.

Foram presos em flagrante delito de especulação na venda de carnes os talhantes José Gomes Cardoso, de Braga, Francisco Manuel Amorim, de Póvoa e Varzim, e Eurico Alves de Oliveira, de Vila Nova de Famalicão, aos quais os tribunais arbitraram coimas de 15 000\$00, 10 000\$00 e 10 000\$00. Também por especulação, foram autuados muitos talhantes em diversos pontos do País.

Na comercialização da batata verificaram-se igualmente cinquenta e dois processamentos por especulação, comércio irregular e falta de documentos, estes considerados como actos preparatórios da especulação.

Os transportes colectivos de Braga

BRAGA, 30 — A Câmara Municipal ainda não tomou qualquer decisão quanto à transferência para uma empresa particular, das suas concessões nos transportes colectivos do concelho. Ainda esta semana deverá haver uma reunião especial, na qual será apreciado o estudo dos técnicos encarregados do exame das propostas e só então tomará a sua deliberação.



As emissoras alemãs voltaram às velhas melodias pois a música «pop» está pela hora da morte...

BONN, 30 — (R.) — A música dos velhos tempos está a substituir os conjuntos de ritmo e a «pop music», em consequência de uma campanha drástica efectuada nas principais emissoras alemãs. O motivo desta mudança são os direitos de autor cada vez mais exorbitantes exigidos pelas respectivas sociedades. Apoiados por uma nova lei, os direitos de reprodução dos discos pelas emissoras comerciais decuplicaram, de modo que a maioria das estações reduziram em cerca de 90 por cento as músicas modernas nos programas ligeiros.

Os Serviços de Radiodifusão das Forças Armadas Britânicas, em Colónia, são os que mais possibilidades têm de atrair os ouvintes das emissoras alemãs. Esta emissora é já motivo de preocupação para as estações alemãs, porque conta com cerca de 7 000 000 de fiéis ouvintes da Alemanha Ocidental, número este que representa o dobro dos ouvintes de qualquer estação alemã.

As exigências da Sociedade de Autores significam que as 12 emissoras principais da Alemanha Ocidental terão de pagar 24 milhões de marcos por ano, em vez dos actuais 2 400 000. Assim, a maioria das emissoras alemãs está já a preparar-se para entrar em economias.

A vitória da Sociedade de Autores, que representa os interesses de milhares de cancionistas, poderá vir a ter também repercussões políticas: a possibilidade de os alemães ocidentais ouvirem menos programas directos de música de dança e «pop» em relação aos alemães orientais, cujas emissoras, controladas pelo Estado, podem transmitir quatro discos ocidentais por cada seis de música da Europa Oriental.

Milhares de artistas e vocalistas da Alemanha Ocidental estão já a esfregar as mãos de contentes com as perspectivas de mais trabalho, pois as audições directas já começaram a aumentar.

PARIS
3 voos por semana — às 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras

FRANKFURT
2 voos por semana — às 2.ª e 6.ª feiras

LONDRES
1 voo por semana — às 4.ª feiras

VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

Para mais informações consulte o seu Agente de viagens IATA ou a VARIG
Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 1 — Tel. 53 91 81 (8 linhas)
Porto — Praça do Município, 267, 4.º — Tel. 3 59 51

alteradas dos velocípedes fixa em 40 km/h

ter-
arti-
o de
res-
n.º 1
velo-
s de
e te-
nalo-
pam-
mo-
rir a
em
ução
ão
, te-
otor.
ma
são
mo-
em-
rada
velo-
Ora,
s de
s co-
pelas
ma-
tores
or a
globa-
onsti-
culos
pedes
que
tores
tores
ra o
3 de
qual-
teris-
pedes

dos a
ssível
o, nos
as de
o al-
es os
jectos
dução
modo
mbém,
rebo-
excep-
trans-
gados
mare-
la, te-
m ser
mbém
lamas
tensão
infe-

velo-
tar o
de 1
lo, co-
e uma
ois re-
Esta
pedes
, cuja
o dos
apazes

as dos
lar, é
idades
primir
as ou
arran-
motores

idos e
, (Go-
quantia
com
umen-
te da
de Je-
umen-
a dos
Jesus
o car-
Dias
om fo-
malha;
ato de
es.

S
xima
na
A

dos velocípedes deverão oferecer as necessárias garantias de segurança e do seu funcionamento não deve resultar perigo ou incómodo para as pessoas, nem danos nos pavimentos, especialmente pela produção de fumos ou vapores e pelo derramamento ou perda de quaisquer substâncias. Deverão ser providos, igualmente, de um dispositivo destinado a tornar silencioso o escape.

Além destas prescrições, chama-se a atenção, ainda, para o facto de deverem ter colocada, em local bem visível, uma chapa com o seu número de matrícula. Essa placa de identificação será de fundo amarelo e de medidas diferentes das prescritas nas normas anteriormente vigentes.

Recorda-se que se a velocidade for superior a 60 km/h — a permissão é de 40 — prescreve-se a apreensão do velocípede.



David, herói de tenra idade, será assistido durante a vida fora, caso necessite, pela Operação Plus Ultra. Poderá estudar, por exemplo, sem dar despesa aos pais. Aqui o vemos, rodeado por pessoas de família, á sua chegada ao aeroporto da Portela.

Um menino chamado David (representante de Portugal na Operação Plus Ultra) chegou a Lisboa e vai a Roma

Chegou a Lisboa, esta manhã, na carreira aérea do Porto, o jovem David Teixeira da Silva, de Chaves, eleito pelo júri nacional da Operação Plus Ultra, como representante de Portugal nesta campanha europeia, destinada a revelar e a premiar o valor humano das crianças.

Qual foi o acto heróico de David?

Uma criança de um ano e poucos meses estava prestes a ser trucidada pelo comboio. Viu-a David — e logo correu para o inocente. Acontece, todavia, que tropeça e cai. O comboio, então, já se encontrava mais próximo. Mas David não desanima. Ergue-se, avalia a situação e precipita-se para a via férrea. Leva a criança de rodão no preciso momento em que o comboio passa a toda a velocidade!

David, um tanto admirado com a atenção de que é alvo (há o «flash» das máquinas, o ruído da película a correr, nas câmeras, as perguntas dos jornalistas...), mostra-se recatado, um sorriso nos lábios e nos olhos Acompanha-o o pai, o sr. Délio Alvarez da Silva.

O garoto segue no dia 1 de Setembro para Madrid, onde se jun-

tará com outros pequenos heróis procedentes de vários países europeus. Estarão juntos durante trinta dias, numa viagem de férias que, certamente, será um episódio inesquecível. Vida fora, se lembrará desse encontro, originado pelas mais puras intenções...

Em San Sebastian, os pequenos heróis serão recebidos pelo general Franco. Em Roma, Paulo VI lhes falará... Na Galiza (última etapa da viagem) serão acolhidos pela Escola Naval de Marin, da qual serão nomeados guarda-marinhas honorários. Haverá praia e haverá campo... Amizade, cultura e diversão. Em suma — um súbito contacto com a vida de além-fronteiras. Boa viagem, David!

Iniciativa da Sociedade Espanhola de Radiodifusão e da Ibéria, a Operação Plus Ultra é dirigida entre nós por Rádio Clube Português. Assim, o jovem David foi recebido no aeroporto pelos srs. Alvaro Jorge, da Direcção do R. C. P., e Alejandro Polo, delegado da Ibéria em Lisboa.

A marcha de Alcabideche na Feira do Artesanato

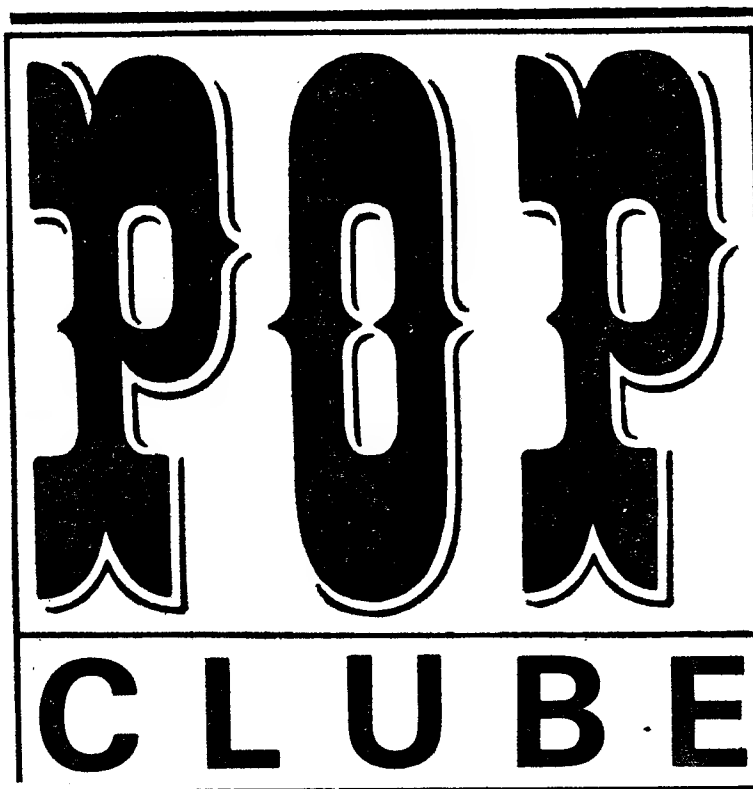
A III Feira do Artesanato Português, que tem chamado ao pitoresco pinhal do Estoril milhares de pessoas, será esta noite animada com a marcha de Alcabideche, a primeira a exhibir-se no certame, e a que se seguirão as restantes marchas do concelho de Cascais.

A comissão do certame propôs á Junta de Turismo da Costa do Sol a aquisição de dez peças de arte popular, a escolher por júri ilustre, mas sem intenção de concurso procurando-se não só estimular a produção artesanal, como fazer, depois, a sua propaganda, dando que os melhores embaixadores do artesanato são os próprios produtos.

Para ser feliz
é ouro
que não tem preço

Os noivos entendem-se como Deus com os Anjos. Há tranquilidade no amor. O símbolo dessa ternura de sentir é explicado pelo anel que une dois corações. Para ser feliz deste segredo precioso consulte a Ourivesaria Santa Filomena (em frente ao portão principal do Jardim Zoológico).

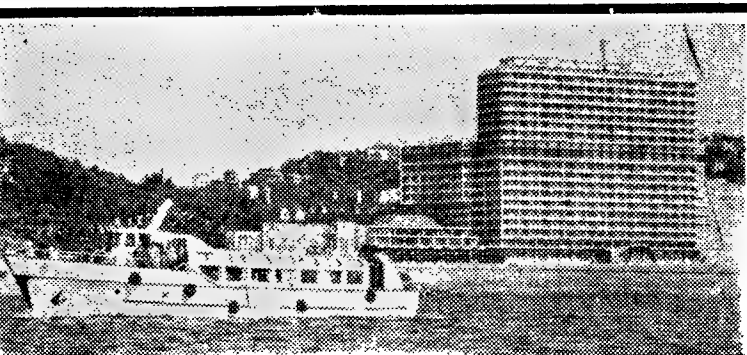
ZEBU



ABRIU
BOITE HI-FI
AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 128A - TEL. 76 09 03



CARLOS ROCHA



PASSEIOS TURÍSTICOS
NO BARCO «ESTORIL-SOL»

LISBOA • CASCAIS • LISBOA

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
Partida às 9 e 45 do FERREIRO DO PAÇO
(Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 60\$00

«UMA HORA NO TEJO»
(LISBOA VISTA DO RIO)

TERÇAS, QUINTAS-FEIRAS E SÁBADOS
10.10 11.20-14.50-16-17.10

DOMINGOS, QUARTAS E SEXTAS-FEIRAS
14.50-16-17.10

Partidas do Ferreiro do Paço (Pontão dos Cacilheiros)

PREÇO — 25\$00

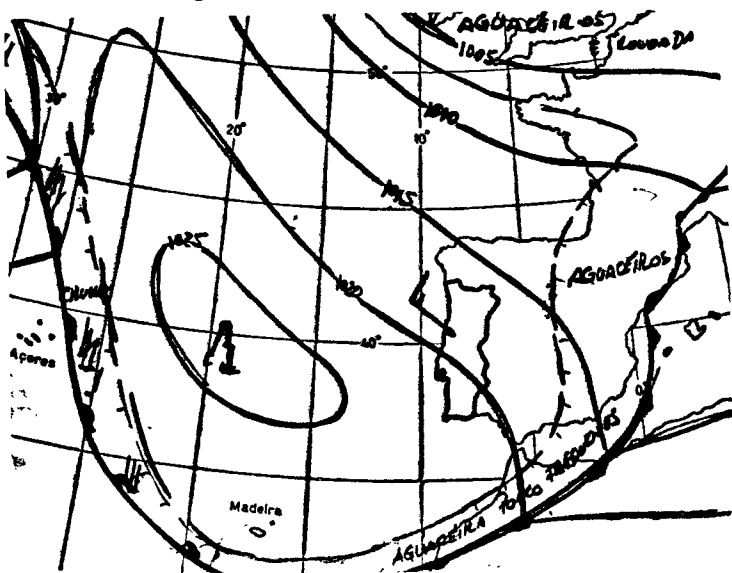
INFORMAÇÕES NO CASINO ESTORIL — Telef 26 07 30

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 31,3; mínima: Montalegre, 5.
TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, às 9 horas, 20,5; na água do mar, ao meio-dia, 18,6.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje)

A — Anticiclone (alta pressão)
 B — Depressão (baixas pressões)
 — isóbaras (1mb)

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 30 DE AGOSTO — Um anticiclone situado entre os Açores e a Península Ibérica influenciará o estado do tempo no continente português a partir da tarde de hoje.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



SOL



AMANHÃ
 Nascer às 7 e 04
 Ocaso às 20 e 10

MARES



Céu pouco nublado ou limpo e vento moderado de noroeste, podendo soprar em regime de nortada moderada, durante a tarde e a noite.

PREIA-MAR: Dia 30 — Às 3 e 54 (3,7 m); 16 e 08 (4 m). Dia 31 — Às 4 e 30 (3,8 m); 16 e 40 (4,1 m). Dia 1 — Às 4 e 58 (3,8 m); 17 e 16 (4,1 m).
BAIXA-MAR: Dia 30 — Às 9 e 21 (1,2 m); 21 e 51 (1,1 m). Dia 31 — Às 10 (1,1 m); 22 e 23 (1,1 m). Dia 1 — Às 10 e 31 (1,1 m); 22 e 57 (1 m)

FASES DA LUA



Amanhã Dia 8 Dia 14 Dia 21

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria dos Remédios Letra
 RÊGUA, 30. — Faleceu a sr.^a D. Maria dos Remédios Letra, a pessoa mais idosa deste concelho, pois no dia 7 do próximo mês completaria 102 anos. A anciã conservou sempre uma lucidez admirável, bem como uma actividade extraordinária nos trabalhos domésticos.

FUNERAIS

Emídio Augusto Pinto Simões Pimentel de Figueiredo

LEIRIA, 30. — Da sua residência na Rua Mestre de Avis, 31, para o cemitério desta cidade, efectuou-se esta manhã, com grande acompanhamento, o funeral do sr. professor Emídio Augusto Pinto Simões Pimentel de Figueiredo, de 66 anos, natural de Moçamedes e há muitos anos a residir nesta cidade onde exercia o professorado na Escola Industrial e Comercial de Leiria, tendo sido também du-

rante alguns anos professor contratado do então Liceu Francisco Rodrigues Lobo, nesta cidade.

O extinto, que era muito considerado pelo seu fino trato, foi uma figura de relevo e esteve frequentemente ligado a várias actividades artísticas e mundanas locais, exercendo também o cargo de delegado distrital adjunto da Mocidade Portuguesa.

Deixa viúva a sr.^a D. Albertina Rodrigues Varela Pimentel Figueiredo e era pai do sr. Emídio Augusto Varela de Figueiredo, tenente de Cavalaria da G. N. R. em Lisboa, casado com a sr.^a D. Maria Rosalina Pimentel Figueiredo, e das sr.^{as} D. Maria Rosa Pimentel Figueiredo Varela Teixeira Nunes, casada com o sr. José Teixeira Mendes, agente técnico de engenharia em Moçambique; D. Maria Rosa Pimentel Figueiredo Varela Valadas Calado, casada com o sr. Fernando Valadas Calado, tenente dos Serviços Especiais da Aviação, e

D. Maria do Céu Pimentel Figueiredo Varela Azevedo Monteiro, casada com o eng.^o António Manuel Azevedo Monteiro.

SUFRÁGIOS

D. Bárbara Maria de Oliveira Lopes

Celebra-se amanhã, às 9 e 15, na capelinha da Rua Morais Soares, à Praça Paiva Couceiro, missa do 30.^o dia sufragando a alma de D. Bárbara Maria de Oliveira Lopes.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 73 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 2772 - 28 00 27



NO CONFORTÁVEL

ELAS 1304

PUREZA DE LINHA • EQUIPAMENTO ESCOLHIDO
 ARDOR DESPORTIVO • ACABAMENTO RIGOROSO

VELOCIDADE 180 KM/H
 Torça 60 cv. DIN

Importadores:

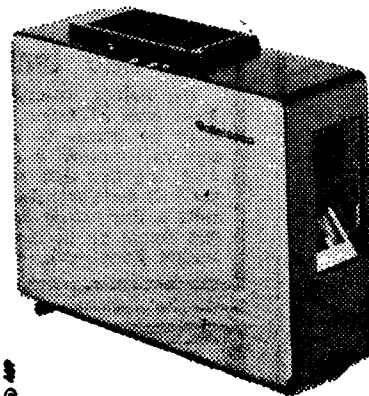
IMPÉRIO DA BEIRA automóveis, S. A. R. L.
 Av. Guerra Junqueiro, 24-C Telef. P.P.C. 728081-Lisboa

BEBE

Pinga Real
 vinho puro sem rival

VIÚVA DE ANTÓNIO LUÍS DA SILVA, LDA.
 Rua da Cascaheira, 7 - Telef. 63 82 61 - LISBOA

ROLLEI



Finalmente! **ROLLESCOP**, o projector moderno e automático de conhecida fábrica **ROLLEI**/Alemanha Ocidental. Transporte de diapositivos por elevador automático, o magazin não se move. Sistema óptico e iluminação regulável para todos os formatos de 8x11 e 40x40. Este projector tão prático, tem o formato de uma pequena mala, não necessitando de mala para o transportar.

Peça uma demonstração!

A venda nas boas casas fotográficas.

Representante exclusivos

J. WIMMER & C.^a, AV. 24 DE JULHO, 34 - LISBOA-2

A TÉCNICA E A HUMANIDADE

E hoje um facto insofismável que a ciência e a técnica marcam a vida humana para grande parte da Humanidade. Para esses homens é parte integrante do quotidiano o usufruto das conquistas da ciência e da técnica. Mas, com frequência, soam gritos sobre os «perigos da ciência» advindos de «conhecimentos perigosos». É esta uma questão, não poucas vezes levantada, que importa examinar criticamente.

Mesmo um exame superficial mostrará a distorção latente em tais juízos. A ciência é o estudo das leis por que se regem os fenómenos, é a pesquisa da verdade fenomenológica. Pode a verdade ser perigosa? A técnica é a adaptação do conhecimento científico à solução dos problemas práticos

O COMPORTAMENTO DOS GATOS E RATOS

• Reacção a diferentes compostos injectados no cérebro

Verificou-se que podia ser desencadeado um determinado comportamento estimulando directamente o cérebro por meio de substâncias que, ou aí aparecem normalmente, ou são semelhantes, mas preparadas artificialmente (sintetizadas). A reacção dependia tanto do local onde era injectada como do tipo de substância empregada. Assim, o cérebro do gato não reage como o do rato quando é injectada a acetilcolina em regiões anatómicamente comparáveis; enquanto nos ratos é estimulada a sede, nos gatos provoca um acesso de fúria, ou medo, ou, ainda, um estado de dormência. Hernandez-Peón (no México) verificou que o sono podia ser induzido utilizando acetilcolina ou carbacol, enquanto que o estado de alerta o era por meio de noradrenalina. Viu, ainda, que existiam zonas, como a área preoptica, que eram sensíveis aos dois tipos de substâncias, dando um estado de alerta quando aplicada a noradrenalina e provocando o sono quando injectada a acetilcolina. Outra zona que dava reacção semelhante era a substância cinzenta da espinal medula, á altura da 8.ª vértebra do pescoço.

Noutra série de experiências foram observadas as reacções de algumas daquelas zonas do cérebro a impulsos eléctricos.

Enquanto que impulsos prolongados e lentos levavam á dormência, os curtos e rápidos conduziam á vigília. Esta série de experiências levou, ainda, a admitir a existência de um centro na parte anterior do cérebro que regularia o sono leve, e um na parte posterior, que se encarregaria do sono pesado. Hernandez-Peón, aplicando pequenas e grandes doses de acetilcolina ou carbacol naquelas duas regiões, verificou que com as pequenas quantidades obtinha um sono leve, e com as grandes um sono pesado, em qualquer das zonas. Isto leva a pensar que a profundidade do sono depende da intensidade do estímulo.

«Umschau», 9. 1966

UM NOVO COMETA

O primeiro cometa do ano foi descoberto no dia 7 de Agosto, no Observatório de San-José (Califórnia), por um jovem cientista de Harvard, Stephen Kilston que lhe deu o seu nome.

O cometa pode ser observado com telescópio, na constelação de Hércules ao princípio da noite. A sua magnitude ultrapassa 10.6. Contrariamente a Ikeya Seki, descoberto no ano passado por um japonês, o cometa Kilston não possui «cabeleira».

e criação de novas possibilidades á vida humana. Pode a técnica ser perigosa? Neste contexto programático genérico evidentemente que não. Mas é exactamente aqui que é levantado o problema.

A técnica visa a progressiva melhoria das condições de vida da Humanidade. Mas essa mesma técnica pode ser desvirtuada, quando aplicada ao desenvolvimento de meios anti-humanos. Foi o conhecimento dos fenómenos nucleares, isto é, da cisão nuclear, que permitiu a construção das bombas nucleares, desde Hiroshima pesam dramaticamente sobre a Humanidade. Mas é o conhecimento da cisão nuclear, que permite a construção de reatores nucleares que são na actualidade, indissimuladamente, uma das mais sólidas aquisições humanas no campo da produção de energia.

O conhecimento do fenómeno cisão nuclear é ciência. É a descoberta de um fenómeno físico, o conhecimento da verdade num dos aspectos do comportamento de certo tipo da matéria. A construção de reatores nucleares, e produção de energia eléctrica a partir deles, é técnica. A produção de bombas nucleares é técnica também, mas técnica usada para fins anti-humanos, logo condenável. Não é a técnica que está em discussão, é sim o desvirtuamento contido na sua aplicação a fins anti-humanos, porque a técnica, produto, como é, da actividade humana, só deve visar o bem e o progresso da Humanidade. É, sim, a mentalidade daqueles que assim a utilizam que se torna condenável e não pode deixar de ser denunciada. O erro assas-se a homens, não ao produto da sua actividade, ao acto. Quando o homem constrói um automóvel que, por incuria de um indivíduo, atropela mortalmente outro homem, o crime é da exclusiva responsabilidade do condutor, não do automóvel nem do conjunto de conhecimentos que permitiram construir o automóvel.

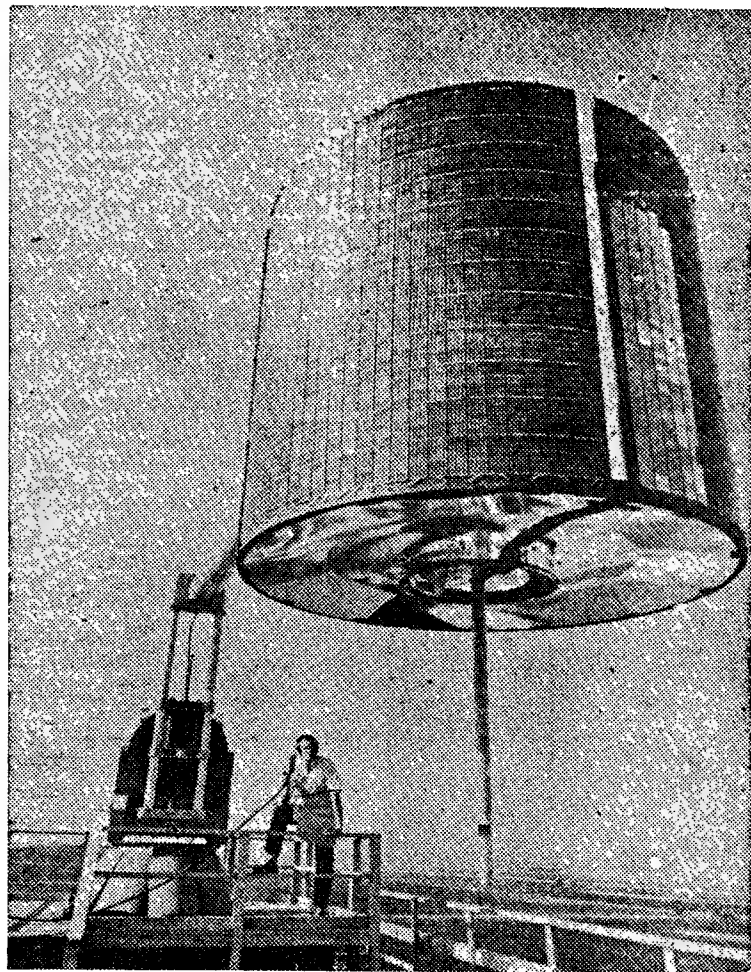
Porque então jogar com falaciosos «perigos da ciência»?

Cabe aqui apontar que o exemplo pertinente á utilização da energia nuclear é muito particular, já que dessa nova fonte energética teve a Humanidade o conhecimento primeiro por via do

holocausto de Hiroshima e Nagasaki. Criou-se, inevitavelmente, uma auréola de pavor em torno da energia nuclear. Mas, e nunca será demasiado salientá-lo, o trabalho inicial da equipa de E. Fermi, precursora incontestável do estudo e aplicação da reacção de cisão nuclear em cadeia (base física da produção de energia nuclear), foi o estudo do controle da reacção em cadeia. Toda a capacidade e todos os conhecimentos desse punhado de cientistas insignes visaram, a partir do conhecimento do fenómeno físico, a sua concretização num dispositivo prático, ou seja, a criação de um primeiro modelo de reactor nuclear. Pois bem, as bombas nucleares filiam-se num campo inteiramente distinto, ou seja, a concretização da reacção em cadeia incontrolável, uma linha divergente daquela investigação de Fermi, e cronologicamente posterior. São unicamente as vicissitudes da política de guerra que explicam terem, em curto lapso, sido desviados os esforços para o desenvolvimento da aplicação militar, em detrimento do estudo da aplicação pacífica.

Não há, pois, perigos intrínsecos á ciência e á técnica. Há sim uma mentalidade que importa sanar para que não mais sejam possíveis desvirtuamentos como os até aqui praticados. A ciência e a técnica são o caminho do progresso da Humanidade e como tal têm de ser defendidas.

MACHADO JORGE



O satélite de telecomunicações «Early Bird»

Satélites artificiais: sua utilização

No estado actual da Ciência, bastariam três satélites, colocados numa órbita circular e convenientemente espaçados, para assegurar não só a transmissão dos programas radiofónicos e televisivos como todo o tráfego telefónico, telegráfico e telex do nosso planeta. A rentabilidade do sistema é indiscutível. Indiscutíveis as suas vantagens: rápida informação, contactos permanentes, a educação de massas pelo ensino audiovisual.

Mas o interesse dos Estados construtores pelos satélites de teleco-

municações não se confina a estas perspectivas. Os satélites de telecomunicações são, em todos os sentidos, uma prodigiosa arma política: dentro de alguns meses, os satélites terão a energia suficiente para dispensarem o sistema de amplificação instalado na Terra, actualmente ainda necessário para captar os fracos sinais emitidos pelos satélites. Então, os Estados poderão exercer um rigoroso «controle» sobre as emissões que chegam aos seus territórios; atendendo á existência de certas emissões «misteriosas», há Estados francamente interessados neste aspecto. Por outro lado, os satélites de telecomunicações exercem já hoje um importante serviço de espionagem. Alguns, por exemplo, asseguram, ao abrigo de ouvidos indiscretos, as comunicações entre Washington e os seus delegados no Vietnam; outros estão equipados para, com a maior precisão, detectarem qualquer explosão nuclear; outros, ainda, captam conversas telefónicas ou radiofónicas; a Marinha americana dispõe de alguns que assinalam e prescrevem a navegação de submarinos em qualquer ponto do Globo, ou de qualquer navio ou avião, com uma precisão da ordem do meio quilómetro; outros podem fotografar, com pormenor, um foguetão e a respectiva base de lançamento, como podem avaliar a produção de uma central atómica, através do cálculo da quantidade de radiações emitidas.

Com tantas aplicações, não admira que os satélites ainda não tenham sido utilizados exclusivamente com fins pacíficos, num sentido verdadeiramente construtivo.

Mas, a par do problema propriamente político, e da actual militarização dos satélites, um outro se levanta. Num compreensível desejo de iniciativa, logo em 1962, os Estados Unidos empreenderam esforços para criar um sistema mundial de comunicação por satélites: a «Sociedade dos Satélites de Comunicação» (C. O. M. S. A. T.), encarregada do conjunto dos problemas da exploração comercial. As negociações neste sentido levaram á conclusão de duas convenções, em 1964, uma sobre a organização e estrutura do sistema de comunicação, outra sobre as questões concretas de carácter comercial, financeiro e técnico que a exploração

do sistema pressupõe. Assinaram-nas os E. U. A., o Japão, a Austrália, o Canadá e os países da Europa Ocidental (com excepção de Portugal e da Áustria, e incluindo o Vaticano).

Particularidade curiosa, os E. U. A. subscrevem 61% do capital da C. O. M. S. A. T.; com o direito de voto correspondente, têm, assim, assegurados os seus «interesses nacionais».

A Declaração das Nações Unidas aprovada por unanimidade na 18.ª sessão da Assembleia Geral (1963), assentava, fundamentalmente, em que a utilização do cosmos deve ser feita «para bem e no interesse de toda a Humanidade». Por isso, alguns Estados se opuseram ás duas convenções referidas, por entenderem que as suas disposições vão contra os princípios estabelecidos na Declaração de 1963. Logo em 1964, duas propostas, uma checa, outra soviética, á Comissão das Nações Unidas para o Cosmos, foram rejeitadas pelos E. U. A. Pretendiam aqueles países que no quadro da Declaração das Nações Unidas se elaborasse uma convenção relativa aos princípios jurídicos que deveriam definir as obrigações dos Estados nas suas actividades espaciais, e que verdadeiramente fosse criado um sistema de comunicação internacional, com participação igualitária de todos os Estados. E notavam que, entregues a uma sociedade privada que só procuraria lucros para o capital investido, os satélites não cumpriram a sua missão educacional — fundamental, mas pouco rendosa para uma sociedade como a C. O. M. S. A. T. Acresce que as condições da C. O. M. S. A. T. são inaceitáveis pelo Terceiro Mundo.

Os problemas levantados são, pois, problemas de colaboração entre Estados, garantias internacionais que assegurem uma utilização do sistema adoptado, por todos os países sem discriminação, etc. As soluções propostas não convinham, porém, aos E. U. A., por isso as rejeitaram.

Certamente, os satélites de telecomunicações acabaram por ser dedicados integralmente ao desenvolvimento da ciência e ao progresso da civilização na Paz. Entretanto, disfarçados de «pássaros da alvorada» («Early Birds»), Titans, etc., andam espíes no Cosmos...

(Continua na 17.ª página)

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Agosto de 1936 publicava:

«BUCARESTE, 30 — O afastamento de Titulesco é julgado com severidade pela oposição nacional camponesa. Todos os jornais desta facção põem em destaque o papel desempenhado por aquele político na cena internacional, e o «Dimineata» escreve que Titulesco simbolizava a política de colaboração com a Sociedade das Nações, com a França e com a «Pequena Entente». Outros jornais afirmam que ninguém esperava o que se passou».

ANEDOTAS

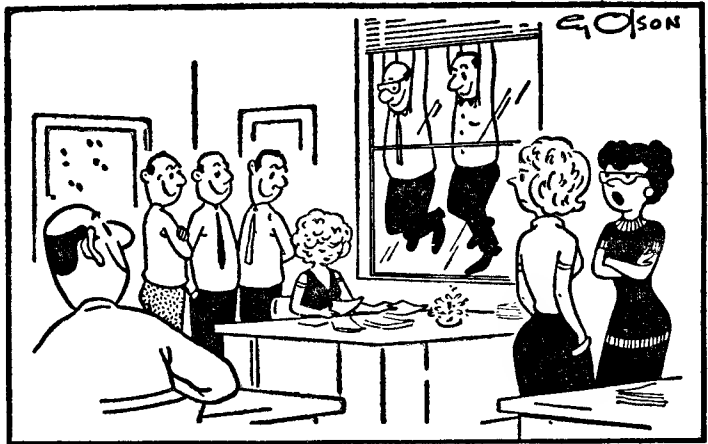
■ Uma turista francesa faz uma careta ao provar um delicioso pastel de bacalhau na Rua do Ferregal de Baixo. A cozinheira do restaurante interpela-a com desconfiança:

— A «madame» não está habituada à cozinha com óleo?
— Com óleo? — espanta-se a francesa. — Em Paris nós cozinhamos com gás!

que ostenta o letreiro: «100 % carne de porco». No dia seguinte, volta à loja e diz ao empregado:

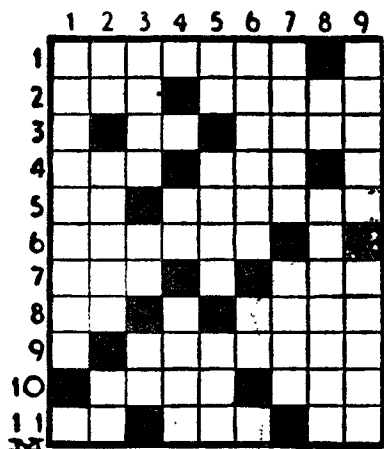
— Mande analisar o chouriço que você me vendeu, e provou-se que não tem carne de porco alguma...

— E então? — replica o outro.
— Nos biscoitos para cães, há carne de cão?



— Não só distrai o pessoal masculino do escritório, como até o pessoal cá de cima...

PALAVRAS CRUZADAS



(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4209

HORIZONTAIS: 1 — Atolar. 2 — Moléstia. Desconto. 3 — Preposição. Cá. 4 — Rio de Trás-os-Montes, afluente do Douro. Não cozinhado. 5 — Artigo (pl.). Flange. 6 — Aparentada. 7 — Partida. Prende. 8 — Preposição e artigo. Agravado. 9 — Acode. 10 — Parva. Eia! 11 — Conceda. Além. Atmosfera.

VERTICAIS: 1 — Que insinuam amor. 2 — Bastão em segunda mão. Medida inglesa equivalente a cerca de 30 cm. 3 — Antiga medida linear, o mesmo que a vara (1,10 m.). Nota de música. A si. 4 — Imperfeita. Covil. 5 — Aqui. Por unidade. Óxido de cálcio. 6 — Abrange. Poeira. 7 — Espinha dorsal. Serra do distrito de Santarém. 8 — Pronome pessoal. Regressa. 9 — Largue. Limpar metais.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4208

HORIZONTAIS: 1 — Cai. Psíla. 2 — Al. QUEM. 3 — Poluir. Cá. 4 — Trair. M.m. 5 — Ut. NADA. 6 — Dotem. 7 — Ocasiono. 8 — Amola. 9 — Mudar. TEM. 10 — Ag. NADA. 11 — Sério. Sós.

VERTICAIS: 1 — Captado. Mês. 2 — Alor. Oco. 3 — Lauta. Dar. 4 — Quitas. Agi. 5 — Puir. Mlar. 6 — Ser. Om. 7 — im. Mamotas. 8 — Cid. Oledo. 9 — Afamar. Amos.

(Proverbio: QUEM NADA TEM, NADA É)

(NOVA MODALIDADE)

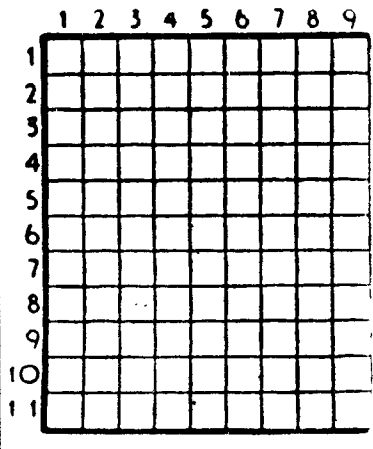
PROBLEMA N.º 8054

HORIZONTAIS: 1 — Antiga capital do reino de Israel. 2 — Remediador. 3 — Antes de Cristo. Sinal gráfico. Símbolo químico do frânco. 4 — Creme. Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. 5 — Dourada. Seguiam. 6 — Fundear. 7 — Animal da classe dos aracnídeos. 8 — O mais. Pronome pessoal. Símbolo químico do érbio. 9 — Cova natural e pouco funda com água. Parte do vestuário junto ao pescoço ou em volta dele. 10 — Que dura um ano. 11 — Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Raspa.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Bélgica. Império insular da Ásia Oriental. 2 — Rosto. O lado do vento. 3 — Artigo definido. Bofetada. Capelos brancos. 4 — Assassina. Mar. 50 — Agência telegráfica de Imprensa. Rio da Rússia. 6 — Amofina. Devorador. 7 — Caminhar. Nome dum jogo. Olé. 8 — Vender a crédito. Artigo definido (ant.). 9 — Estavam. Antiga cidade da Polónia, hoje arrabalde de Varsóvia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8053

HORIZONTAIS: 1 — Arno. Emas. 2 — Teu. Alapa. 3 — Op. Imoral. 4 — Lasca.



Ra. 5 — Arear. 6 — Ali. Rim. 7 — Assomar. 8 — Os. Amola. 9 — Renega. Al. 10 — Tiara. Aca. 11 — Ossa. Abar.

VERTICAIS: 1 — Atola. Porto. 2 — Repara. Seis. 3 — Nu. Sela. Nas. 4 — Igais. Era. 5 — Amar. Saga. 6 — Elo. Aroma. 7 — Mar. Mimo. Abr. 8 — Apar. Malaca. 9 — Salão. Ralar.

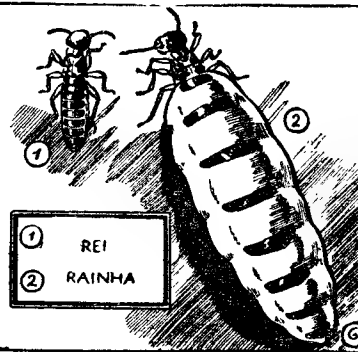
EFEMÉRIDES Agosto

■ 1750 — Dia 30 — Morre Mar. 'graff, inventor do açúcar de beterraba.

■ 1914 — Ataque aéreo a Paris, desencadeado pelos alemães na primeira guerra mundial.

FACTOS REAIS

AS TÉRMITES



5 — A térmita foi descoberta há duzentos anos, apenas, através de uma descrição do explorador inglês Henry Smeathman, publicada depois de este voltar de África, onde estudou, de maneira extremamente cuidadosa, o insecto em causa. Smeathman abriu caminho a outros pesquisadores, que, por sua vez, se debruçaram sobre os curiosos seres. Aperceberam-se que estes viviam não sómente em África mas também na Europa, América do Norte e Japão, repartidos por mil e duzentas espécies diferentes.

6 — As térmitas têm uma rainha, que possui aposentos próprios na formigueira. Reina como grande senhora, enquanto o rei desempenha um papel subalterno,

e é extraordinariamente gorda. O seu quarto tem colunas de sustentação, cercadas por células muito vastas, que servem de abrigo a larvas e ninfas durante o período de desenvolvimento. Perto desse local encontram-se as caves de reabastecimento, com os viveres, constituídos na sua maior parte por madeira e ervas cortadas. Depois do rei e da rainha, vêm, por ordem de importância, as térmitas-operárias, que são as mais numerosas na formigueira e têm como principal tarefa prover ao reabastecimento e, também, ao conforto das outras formigas-brancas.

7 — As operárias possuem antenas malcáveis, que desempenham o papel de aparelhos de sonda e de medida. E as suas peças bocais

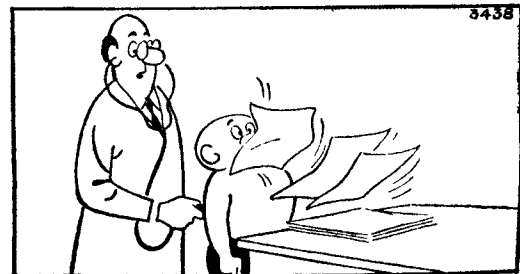
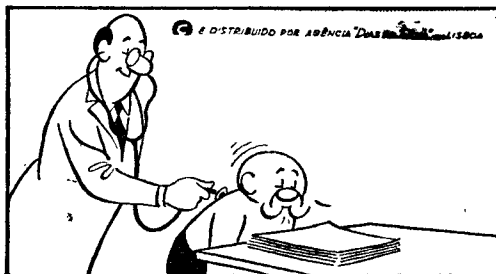
servem de tesouras, prensas, brocas, escovas e pincéis. As mandíbulas permitem-lhes, na verdade, levar a bom termo um elevado numero de tarefas, tornando-as sapa-dores, pedreiros, etc. Embora consumam, sobretudo, madeira, não deixam de explorar o húmus. Quando resolvem construir galerias, fazem-nas suficientemente espaciais para dar passagem a duas filas de formigas-brancas, o que permite utilizar os corredores nos dois sentidos.

8 — As habitações destes animais chegam a ter quatro metros de altura. O cone principal é cercada de outros, mais pequenos — uma espécie de torres á volta de uma fortaleza. A muralha da termiteira tem cinquenta centímetros

de espessura. Esta construção não é feita de uma só vez, mas, sim, lentamente. A medida que a população cresce — obra devida unicamente aos soberanos — torna-se necessário aumentá-la. Quando se impõem obras de ampliação, as operárias começam por demolir cada um dos pedaços que compõem o ninho e, depois, reconstruem-no em proporções mais avantajadas. A medida que a rainha se torna mais corpulenta, há que alargar as entradas. Ignora-se como as outras formigas-brancas conseguem transportar a soberana, que, obesa, é incapaz de fazer qualquer movimento sózinha.

(Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



RÁPIDAS IMPRESSÕES DE VIAGEM...

Paris!... O meu eterno amor!...

por GRACIETTE BRANCO

Quando a grande nave aérea se libertou do solo, navegando no espaço, ainda o céu de Portugal era uma cúpula de ouro e azul, da qual nos aproximávamos, num voo magnífico, numa ascensão sublime, quase irrevel... Já tudo, lá em baixo, era brinquedo de crianças, casinhas de tectos rubros, «maquettas» de futuras construções...

Subitamente, porém, — após uma distração de segundos, em conversa agradável — vimos que o «Boeing» vogava sobre um mar de nuvens, fofas, macias, como grandes montões de puro algodão em rama... Elevando o olhar, topamos com um Sol dourado, límpido, como se um segundo céu nos estivesse mostrando o seu milagre de luz, as suas reverberações faiscantes, mais puro do que o Sol habitual que costuma iluminar-nos aqui em baixo...

Entrávamos no mistério que as nuvens nos escondem, numa claridade olímpica, sentindo que a própria alma se evadia do contacto da Terra, para viver um êxtase, um deslumbramento, talvez uma sensação de renascimento espiritual...

Algo de imponderável nos subjugava, isolando as nossas impressões num egoísmo individual de êxtase, fechando-nos no nosso próprio encantamento, e quando o avião ganhou altura, toda a vida terrena se afastava, naquela barreira de nuvens, naquela ascensão de estranha independência, que nos tornava senhores de um mundo novo, de um Céu só nosso, de um Sol encontrado em atmosferas novas...

Depois, surgiu um espectáculo irrevel e inesquecível. Os fortes raios solares, incidindo em algumas nuvens impregnadas de água, produziram raios mas múltiplos arcos-íris, de uma beleza espantosa!

Houve instantes em que — absortos no «flam» do êxtase — sentíamos francamente que a vida era bela, que o mundo era maravilhoso, liberto de preocupações, longe das correntes que nos amarram aos constantes e quotidianos afazeres...

Já perto de Orly, o «Boeing» começou cortando as nuvens e, subitamente, foi aparecendo o território francês, pois toda a bela Espanha nos foi vedada pelo tapete de nuvens...

Aproximávamo-nos, agora, descendo suavemente, do belo aeroporto de Orly e víamos — bem destacadas e coloridas — as pequenas aldeias e vilas, com seus telhados rubros e adoráveis jardins miniatras...

A aterragem foi magnífica e Orly — com as suas grandiosas instalações, as suas salas multiplas, os seus «bureaux» inacabáveis e estupendos —, constituiu um autêntico espectáculo, que não se percorre e admira em poucas horas...

Em Paris — no fascinante Paris — caía uma chuva miudinha, saltitante, doce e suave, que nem conseguia molhar...

Das amplas janelas do nosso hotel do Boulevard des Italiens, saboreávamos a graça sempre nova de Paris, cujos tentáculos são mãos amorosas e meigas, que nos enleiam, nos prendem, nos abraçam, nos envolvem, num amor sempre cheio de mistério, numa paixão que nos penetra a alma, enlouquecendo-nos de êxtase...

Os dias passados em Paris são sempre extraordinariamente belos, sobretudo para quem sabe «sentir» Paris com olhos de artista e para quem se reencontra em cada recanto, em cada Praça, em cada monumento, em cada museu, em cada igreja. E como se tivéssemos deixado, sempre lá, a nossa alma e a encontrássemos bem abraçada à cidade...

Não somos, no entanto, só nós que nos damos a Paris! É ele próprio que se nos dá, que se nos entrega, completamente, em beijos e sorrisos de amorosa intimidade...

E não é percorrendo Paris, de lé a lé, entrando nas suas catacumbas, nos seus famosos museus, nas suas igrejas, nas suas variadíssimas casas de diversão, de arte e de estúdia, que fica a conhecer-se Paris... A alma de Paris anda liberta em voos de luz, palpita e existe nos mínimos factores da sua atmosfera embriagante, no estranho e secular segredo das suas patines, em qualquer coisa de muito

(Continua na 23.ª página)

Subsídio eventual de custo de vida para os servidores dos corpos administrativos

(Continuação da página central)

radadas desde Janeiro de 1959, isto é, relativamente a todos os que se encontram abrangidos na tabela A anexa ao Código Administrativo e no mapa do pessoal das juntas gerais dos distritos autónomos das ilhas adjacentes, aprovados, em nova redacção, pelo Decreto-Lei n.º 42 122, de 28 de Janeiro de 1959.

Nos demais casos, de ordenados ou salários fixados por deliberação dos corpos administrativos ou dos conselhos de administração dos serviços municipalizados, a intervenção tutelar do ministro do Interior, a partir de 1954, tem sido exercida no sentido de assegurar que as mencionadas remunerações não excedam os quantitativos em vigor para o pessoal das mesmas categorias e classes, ou de categorias equiparadas, dos serviços do Estado, sendo certo que nem sempre esses limites foram, sequer, atingidos, por falta de iniciativa dos órgãos de administração local autárquica, devida, certamente, a deficiência de recursos. Admitindo, porém, que, em casos excepcionais, a pressão das circunstâncias tivesse levado a consentir em remunerações que não se afastam das presentemente adoptadas nas actividades privadas similares, deixando, assim, de se justificar a concessão de subsídio eventual de custo de vida, julga-se preferível que esta não seja imposta, constituindo, antes, mera faculdade.

Mantém-se o regime do artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 40 014, que garante a necessária uniformidade de critério nesta matéria.

Nestes termos: Usando da faculdade conferida pelo n.º 3.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo o seguinte:

Artigo 1.º 1.º É concedido, a título provisório, a partir de 1 de Setembro de 1966, a todos os servidores dos corpos administrativos abrangidos na tabela A anexa ao Código Administrativo e nos mapas do pessoal vitalício e contratado das juntas gerais dos distritos autónomos das ilhas adjacentes, aprovados, em nova redacção, pelo Decreto-Lei n.º 42 122, de 28

de Janeiro de 1959, subsídio eventual de custo de vida de percentagens iguais às fixadas no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 47 137, de 5 de Agosto de 1966.

2. Nos casos em que não se verifique coincidência com os vencimentos que actualmente correspondem aos grupos estabelecidos no artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 12 046, de 23 de Dezembro de 1958, a taxa do subsídio eventual de custo de vida será a que se aplicar ao grupo com vencimento mais próximo.

3. A importância obtida com a aplicação das taxas do subsídio será arredondada para escudos, por excesso.

4. Quando não houver direito à totalidade do ordenado ou salário, a taxa do subsídio incidirá sobre o abono efectivo, com o arredondamento previsto no número anterior.

Art.º 2.º 1.º São autorizados os corpos administrativos e os conselhos de administração dos Serviços Municipalizados a conceder aos servidores dos quadros do pessoal maior dos serviços especiais e do pessoal menor, especializado e operário, não abrangidos no artigo 1.º deste diploma, subsídio

eventual de custo de vida, nos mesmos termos prescritos naquele artigo.

2. Aplica-se às deliberações dos conselhos de administração o disposto no § único do artigo 170.º do Código Administrativo.

3. A faculdade concedida por este artigo caduca trinta dias após o início da vigência do presente decreto.

Art.º 3.º O subsídio eventual de custo de vida é inalienável e impenhorável, apenas fica sujeito a incidência do imposto do selo e não se considera para quaisquer efeitos integrado no ordenado ou salário.

Art.º 4.º O Governo promoverá que as providências a adoptar com vista à reforma administrativa e à melhoria das condições económico-sociais dos servidores do Estado se tornem extensivas aos quadros e aos servidores dos corpos administrativos, bem como à eficiência dos respectivos serviços.

Art.º 5.º Ficam os corpos administrativos autorizados a aprovar no ano de 1966 orçamento suplementar, além dos permitidos pelo artigo 680.º do Código Administrativo, para dar execução ao presente diploma.

FRIGORÍFICOS

DESDE 1.850\$00



A ESCOLHA PERTENCE-LHE A OFERTA É NOSSA...

BOSCH-FRIMATIC
FRIGECO-INDESIT
G.E.-KELVINATOR
PHILIPS-ZOPPAS
IGNIS-ETC.
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 36 MESES

QUALQUER MARCA OU MODELO QUE NOS COMPRAR PODERÁ FICAR-LHE INTEIRAMENTE

GRÁTIS MEDIANTE O NOSSO SORTEIO MENSAL

SENSACIONAL CAMPANHA DA FRINEVE

A PRONTO OU EM PRESTAÇÕES VENDEMOS SEMPRE MAIS BARATO

CONSULTE-NOS E VERÁ!

RUA CONDE REDONDO, 62-A - TELÉF. 470 12-48125 - LISBOA

Uma ilha artificial

(Continuação da 15.ª página)

gelo que ameaça esmagar a parte imersa da plataforma. Esta será equipada com laboratórios destinados a estudos de meteorologia, trocas de energia entre a plataforma costeira e a atmosfera, de oceanografia física da alta atmosfera, de glaciologia, de entomologia. Será provida de diversas salas de trabalho, de guindastes para grandes profundidades, de um hospital, de uma área de aterragem para helicóptero e de um hangar para um pequeno avião. Comportará ainda armazéns suficientes para guardar provisões e combustível durante vários anos. Um pequeno reactor atómico poderia certamente fornecer a energia necessária à vida e ao trabalho a bordo da plataforma; mas, mesmo no caso de o projecto definitivo incluir este reactor, seria preciso prever geradores clássicos de recurso.

A National Science Foundation espera que a primeira plataforma construída pelo Homem possa ser lançada no Ártico entre 1970 e 1975.

CONHEÇA PORTUGAL VIAJANDO DE COMBOIO

Excursão ao Bom Jesus do Monte, Braga, Guimarães, Porto e volta

No próximo domingo 4 de Setembro, a C.P. proporciona-lhe mais uma esplêndida oportunidade de conhecer, por pouco dinheiro, o berço da nossa nacionalidade e a Roma portuguesa.

Não guarde para amanhã o que pode fazer hoje. Telefone para 36 14 82 ou 86 77 85 e reserve nas estações do Rossio ou de Santa Apolónia, lugares para a grandiosa excursão ao BOM JESUS DO MONTE, BRAGA, GUIMARÃES, PORTO E VOLTA. Viagem em comboio automotor «FOGUETE» (1.ª classe e ar condicionado) e ainda atracante circuito por estrada com almoço no Hotel Parque, no BOM JESUS DO MONTE. Lotação limitada.

Consulte o seu jornal diário se pretender saber preços e horários de partidas e chegadas.

LEIRIA



JÚLIA DA CONCEIÇÃO MOITA PEREIRA

FALECEU

Joaquim Manuel Pereira, Joaquim do Espírito Santo Moita Pereira, mulher e filha, António José Moita Pereira e mulher, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa; mãe, sogra e avó, confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja e que o funeral se realiza amanhã dia 31, pelas 9 horas, para o cemitério local.

AGÊNCIA NOGUEIRA & PINA

MAÇÃO



Maria da Conceição Antunes Mirrado

FALECEU

Seus filhos José Pedro Mendes Mirrado e Maria Augusta Antunes Mirrado e sua nora Ludovina de Brito Mendes Mirrado, participam que foi Deus servido chamá-la a Sua divina presença e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 31, pelas 10 horas, para o cemitério de Mação.

MAÇÃO



Maria da Conceição Antunes Mirrado

FALECEU

FABRICA MIRRADO SUCS., cumprem o doloroso dever de participar às pessoas das suas relações, o falecimento da sua Associada, Ex.ª Senhora Dona Maria da Conceição Antunes Mirrado e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 31, pelas 10 horas para o cemitério local.

PROPRIEDADES

— VENDAS —

MORADIAS

420 c. — CAS-CAIS, construção moderna, c/5 assoalh., coz., 2 c. banho, despensa, quarto de criada, e marquise.

550 c. — CAR-CAVELOS, construção recente, c/8 assoalh., coz., 2 c. banho, despensa e marquise. Quintal e garagem.

VENDE:

ORCOSI

R. 1.º de Dezembro, 45. Telefones, 367444/323172.

1.400 c. — BAIRRO DA ENCARNACÃO,

construída em 1964, composta de cave, r/chão e 1.º andar. 17 divisões, quintal e garagem.

VENDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º Telef.: 367444 e 323172



ANDARES

250 contos — Lumiar, acabamentos de 1.º em prédio de grande volume, c/ 3 assoalh., coz., c. banho e despensa.

650 contos — Av. Novas em prédio de luxo, revestido a eivnel, c/ 5 div. assoalh., coz., 2 c. banho despensa e roupeiros.

IDE:

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º Telef.: 367444 e 323172

MORADIAS

Com 2 pisos, 6 cas. soalhadas, 2 cas. banho, despensa, cozinha e grande área quintal perto Cam. Ferro a Mem Martins. Vende-se. Tratar pelos telef. 58958-45019.



LOJAS

ALUGA-SE

— 2 lojas, alugam-se em conjunto ou separadas, s/ trespasse. Rua Heróis Quilonga, n.º 6 (próx. do Chile). Chaves no 1.º, Esq. Trata C. do Carmo, 6, 2.º, Esq. Sala B. Tel. 367878.



PROPRIEDADES

ABAT-JOURS

FABRICANTES

Av. António Serpa, 9-A, 9-B (ao Campo Pequeno)

COLOCAÇÃO CAPITAIS PROPRIEDADES

Adm. PREDIAL

Rua Assunção, 40, 2.º
Tel. 324058 e 367143

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

AUTOMÓVEIS

Se pretende comprar de qualquer marca ou modelo, no seu próprio interesse não o faça sem ver no LISBOA-STAND. Fac. troca e pag. Rua Passos Manuel, 17-D-E

AUTOMÓVEIS americanos e europeus como novos e em conta. Rua Actor Taborda, 13-A.

TAUNUS 12-M, 66; Austin 1100, 66; Volkswagen, 65, 63 e 59; Cortina G. T., 64; Vauxhall VX 4/90; N. S. U.-Prinz, 4, 64; Mercedes 190, 63; Taunus 12-M, 64, 63 e 60; B. M. W.-700, 64; Austin 1100, 63; Zephyr 4, 62; Anglia (mista), 63; D. K. W.-1000, 62; Fiat 600 D, 63; Opel Rekord, 64, 61 e 58; Karman Ghia 60; Renault Floride, 60; Opel Kapitän, 60.

Fac. pag e trocas.

CRISAUTO

Lda., Av. João Crisóstomo, 13-A

ALFA-ROMEO Giulietta T. L., ult.º mod.º; Austin 850, de luxo, 1964; M. G. Midget, 1963; Opel Rekord, 1963, 1955; Isard Glas, s. 1004; Coupé, 1963; Simca Elvsee, 1960; Fiat 500, 1959; Utilitaria Isabella, 1961; Fiat 600 Multipla.

Fac. troca e pag.º

MARCELO

Av. João Crisóstomo 47-C

AUTOMÓVEIS e FURGONETAS de diversas marcas e modelos.

STAND CHILE R. Actor António Cardoso, 11-C-D

AUTOMÓVEIS

ALUGUER S/ CONDUTOR

Novos, escritório L. St.ª Bárbara, 5-B. Telefone 734657

PEUGEOT 403 Diesel, 1962, ex.ª aberta; Furgoneta Mercedes 319.L a gasoil. Fac. troca e pag.º. Av. João Crisóstomo, 47-C.

Automóveis s/condutor

Veja os n.ºs preços e carros a entregar ou, impecáveis, Av. João Crisóstomo, 8.º. Tels. 50060-51047

FOURGON Mercedes 319-D, 1500 kg de carga; Peugeot 403, a gasoil, ex.ª aberta, 1962; Jeep Land-Rover, 1951.

Fac. troca e pag.º.

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C.

AUTOMÓVEIS

Várias marcas e Modelos recentes e outros, revistos e c/ garantia. Facilidades até 40 meses. Condições especiais para férias.

STAND MONTE CARLO R. Arroios, 19-A-19-B

ALUGUER:



NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA SERVIÇOS DE AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50 060 — Automóveis Amoreiras Av. João Crisóstomo, 89.
- 53.4657 — L. St.ª Bárbara, 5-B.
- 58.0330 — Jomil-Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 76.9848 — Zé Carlos — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42.890 — Taxis Universo, 1 da Av. República, 26.
- 55.3843 — Auto-Argos P. Oleo, 2.º Mariano, 62.
- 53.7476 — REIUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-1.º.
- 53.1919 — SILVA E DIAGO — R. St.ª Bárbara, 81-1.
- 72.7654 — Auto-Monumental do Azeiteiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araújo, 102-A.
- 53.9168 — BRUNAUTO, LDA. 53.9345 — Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.

JOMIL-AUTO

Automóveis de aluguer sem condutor

Preços inferiores aos das tarifas oficiais em vigor

CARROS NOVOS

Telefs. 580330 - 49612 Rpa Ponta Delgada, 40-A-B

SEJA DO SEU TEMPO!

LEIA

motor

SAI AS QUINTAS-FEIRAS

RESTAuros MODIFICAÇÕES

Em todos os estilos de lustres. AV. ANTÓNIO SERPA, 9-A - 9-B (Ao Campo Pequeno)

CONCURSO FOTOGRÁFICO FERROVIÁRIO

Termina impreterivelmente em 31 de Agosto corrente o prazo para a entrega das fotografias destinadas ao grandioso Concurso Fotográfico Ferroviário promovido pelo «Boletim da C. P.», para comemorar a conclusão da electrificação da linha do Norte até Campanhã e simultaneamente os 50 anos da estação do Porto (S. Bento).

Lisboa, 25 de Agosto de 1966.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 77 16 39. (Ao Campo Pequeno).

CAPITAIS

OFERECEM-SE:

EMPRÉSTIMO SOBRE AUTOMÓVEIS

Máximo sigilo
No prazo de 1 hora
TELEFONE 32.84.91

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172
R. 1.º DE DEZEMBRO, 45

DINHEIRO

SOBRE PRÉDIOS

OPERAÇÕES RÁPIDAS, EM CONDIÇÕES SEM PARALELO

Consulte o nosso Departamento de Empréstimos Hipotecários

NORTENHA

Lisboa—Praça da Alegria, n.º 58, 2.º
Telefs. 362228 - 366731 - 366812

FRIGORÍFICOS

5 ANOS GARANTIA

130 litros	2.450\$00
150 »	2.750\$00
175 »	3.600\$00
215 »	4.200\$00

CASA

M. L. FERPEIRA

Rua de D. Estefânia, 48-1.º-E.
Telefs.: 45019-58958

EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS

FAZEM-SE SOBRE PROPRIEDADES EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA, 10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 100, 250, 500, 1000 CONTOS E QUANTIAS SUPERIORES E INTERMÉDIAS AO JURO DA LEI, MÁXIMO SIGILO

TRANSACÇÕES RÁPIDAS



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 22 000 000\$00

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS
FUNDADA HÁ 32 ANOS

LISBOA: ROSSIO, 3, 2.º TELEFS. 369384/5/6



Em Férias

LEIA O

Diário de Lisboa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»
ACEITAM-SE ASSINATURAS
PARA UM MÍNIMO DE OITO DIAS
(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

ESCOLA ACADÉMICA

INTERNATO E EXTERNATO

Fundada em 1847

COMPLETAMENTE REMODELADA

Ensino Primário. Curso Unificado da TELESOLA equivalente ao 1.º Ciclo dos liceus e ao segundo ano do Ciclo preparatório. Habilitações mínimas: exame da 4.ª classe primária. Curso liceal e comercial (diurno e nocturno)

Largo do Conde Barão, 47 — Telef. 662430 — LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

«MADEMOISELLE X»

por CLAUDE DUPRÉ

RESUMO — Paul Levert vai visitar a sua amiga Yvette, que alugou um quarto independente no 6.º andar do prédio onde mora a sr.ª Godieux, a qual vive num andar mais abaixo. O quarto da rapariga está frio como gelo: fundiram-se os fusíveis. Como o quadro se encontra no apartamento da sr.ª Godieux, Paul resolve entrar de qualquer maneira. Uma vez lá dentro, reparados que foram os fusíveis, aparece inopinadamente a sr.ª Godieux. Aterrorizada pela presença de um desconhecido, desmaia e cai pesadamente no chão, batendo com a cabeça num móvel. Paul vai buscar um frasco de água de colónia à casa de banho. Quando volta para ao pé da velha senhora, esta não dá acordo de si. Está morta.



tro de casa. A desconhecida debate-se freneticamente. É uma luta silenciosa, desesperada. Yvette fecha a porta e puxa os batentes. Alguém toca à campainha. Em silêncio, Paul e Yvette esperam que esse alguém se afaste.

6 — Paul continua a dominar a rapariguinha, forçando-a a não emitir qualquer som. De repente abafa um grito: a desconhecida mordeu-o. O rapaz não tem outro remédio se não dar-lhe um soco. Ela revira os olhos e descal suavemente para o soalho. Por fim o visitante (quem seria?) cansou-se de esperar. Ouvem-se os seus passos pelas escadas abaixo. Paul dirige-se ao salão e coloca a rapariguinha no divã. Yvette, aturdida, seguiu-o. «Que horror, Paul! E agora?» Mas já o rapaz recuperou o sangue-frio: «Quanto à senhora Godieux, não há nada a fazer. Por isso...» Acrescenta entre dentes: «Vamos cavar daqui. Sem perder tempo. Ninguém deve saber que entrámos clandestinamente na casa da velha. Estás tu a ver! Com os meus antecedentes havia de ser bonito! Quem acreditaria que foi um acidente?»



POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2. — Telef. 32 65 15

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas
 Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
 Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — As 16 horas
 Dr. Romão Lof — Doenças nervosas e electroterapia — As 14 horas
 Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — As 14 horas
 Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
 Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas
 Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
 Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
 Prot. Dr. Alen Saldanha — Raios X — As 16 horas
 Dr. Mário Jaquet — Fisioterapia — As 16 horas
 Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia e electrocardiografia — As 5.ª feiras às 15 h



esta hora os escritórios que há no prédio estão fechados. Se a miuda gritar não há problema, ao passo que aqui seria um escândalo dos antigos...». Uma última vista de olhos ao apartamento da sr.ª Godieux. Tudo em ordem. Descem as escadas em silêncio. A porteira ainda não chegou. Daí a momentos o carro de Paul arranca. Estão salvos!

8 — Paul guia velozmente, como se fosse um automóvel. Depressa, depressa, é preciso chegar a casa quanto antes! Com a velocidade com que vai nem repara numa luz vermelha. Um apito estridente chama-o à ordem. «Pára, pára!», diz Yvette. «Vem aí o sinaleiro!», a rapariguinha abriu os olhos. «Boas, só faltava mais esta!», exclama Paul. O sinaleiro pede-lhe os documentos, que ele procura febrilmente no «tableau». Yvette tenta segurar de qualquer maneira a rapariguinha. E se ela diz qualquer coisa? Se ela grita? «Está tudo perdido», pensa Yvette.

(Continua)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30 e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



PERFEITO EM TODA A LINHA

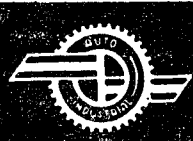
viva
VAUXHALL

EXPERIMENTE AS VANTAGENS DO MODELO 1966

IDEAL PARA AS SUAS FÉRIAS

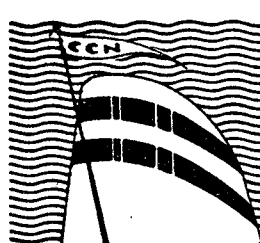
ESC. 59.832\$00 (taxas incluídas)

EM EXPOSIÇÃO NA FEIRA POPULAR



AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA: Av. Duque de Loulé, 93 Tel. 538956-COIMBRA: LEIRIA



CCN

companhia colonial de navegação

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«GANDA»
a sair em 10 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 5 a 8 de Setembro.

«LOBITO»
a sair em 12 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 8 de Setembro.

«LUANDA»
a sair em 20 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 14 a 17 de Setembro.

«PÁTRIA»
a sair em 21 de Setembro às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 15 a 17 de Setembro.

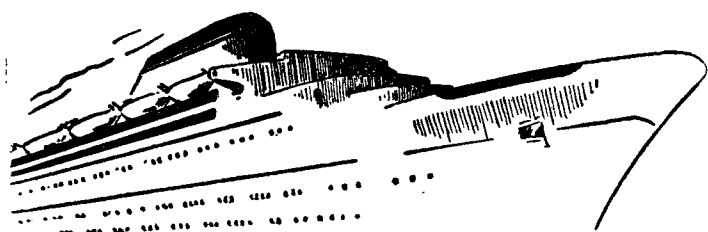
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 16 de Setembro e 21 de Outubro às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORTO EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8 — PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 23342



«ITALIA»

SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE - GENOVA

PARA: AMÉRICA DO SUL

«AUGUSTUS» 17 de Setembro Rio de Janeiro Santos Montevideo Buenos Aires

PARA: MEDITERRÂNEO

«AUGUSTUS» 3 de Setembro Barcelona Cannes Génova Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA. Rua de Alecrim, 20-F. 1.º Telefone 32 72 64

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA. Rua Nova da Alfândega, 12 Telefone 8 84 21

Da terceira à quarta guerra mundial

Dizem os leitores...

(Continuação da 7.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

trar algo de melhor bastante mais perto e por preço mais em conta. Na realidade a guerra do Vietnam é uma batalha quente da guerra até agora fria que travam entre si os Estados Unidos e a China, da mesma forma que a guerra da Coreia era, há dezasseis anos, uma batalha quente da guerra fria russo-americana.

Se a providência e as armas nucleares impediram até esta última de acontecer, o facto é que ela manteve a humanidade à beira do abismo durante dezoito anos: desde 1945, data em que Stalin tentou intimidar o Irão e a Turquia, até 1963. A assinatura, nesta última

data, do tratado de Moscovo, constituiu de certo modo um armistício, já que a U. R. S. S. preferiu assim a conclusão de um acordo com os «imperialistas» à manutenção de uma frente comum com a segunda nação socialista do mundo.

Esta guerra fria era, como as duas guerras quentes que a precederam, um conflito mundial. Adquiriu essas proporções quando os americanos acorreram em auxílio dos ingleses, então incapazes de atingirem sózinhos o objectivo que durante séculos dominara toda a sua política: impedir uma potência europeia, fosse ela a França, a Alemanha ou a U. R. S. S., de estabelecer a sua hegemonia no continente e no Próximo Oriente.

Uma dupla vitória...

Os Estados Unidos foram os principais vencedores das duas primeiras guerras mundiais. De facto, não só o seu inimigo baixou a cabeça, como a sua própria força militar, económica e financeira se desenvolveu consideravelmente, muito mais que a dos aliados. A impunidade territorial, originada pelo seu afastamento geográfico, fez dos Estados Unidos o arsenal e o banco de duas coligações anti-alemãs, o que estimulou a sua produção e canalizou ao outro lado do Atlântico recursos imensos em divisas. Estas duas experiências tiveram ainda outro efeito, o de popularizarem entre os americanos a ideia de que eles eram os melhores e os mais capazes, e de que apresentavam todos os requisitos necessários para serem os polícias desinteressados de um mundo destinado a prolongar as imperfeições originais enquanto se não inspirasse nos seus métodos.

A terceira guerra mundial — a guerra fria — teve consequências semelhantes. O desafio da U. R. S. S. levou os americanos a colocar cargas duplas no espaço e a iniciar a corrida às armas estratégicas. A fortaleza americana tornou-se, pelo menos do exterior, inexpugnável e perfeitamente ao abrigo da chantagem nuclear. Por menor que, diga-se de passagem, pode muito bem conduzi-los um dia, caso venham a conhecer demasia das desilusões, a um novo isolacionismo.

Ainda não chegámos a esse ponto. Após quase vinte anos de riva-

lidade com a U. R. S. S., os americanos convenceram-se de que são responsáveis pela paz universal, e que em ocasiões precisas, paralisada a O. N. U. por um veto, não devem hesitar em intervir para fazer respeitar os seus interesses, que eles não têm dúvida em tornar coincidentes com o interesse geral. De uma maneira ou de outra, fizeram-no na Guatemala, em Cuba, em S. Domingos, no Congo, no Líbano, no Irão, na China e no Vietnam. E como, além do mais, grande parte do planeta não pode sobreviver sem os seus fornecimentos de géneros alimentícios e sem a sua ajuda financeira, servem-se disso para acaçar as críticas.

O seu indiscutível êxito reside no facto de que, com excepção do Vietnam em 1954, quando a maça foi cortada em duas metades, todas as crises russo-americanas se saldaram pelo regresso ao *statu quo ante*. A maior delas, a que teve Berlim por ponto de fixação, única também em que os Russos jogaram na carta da sua superioridade militar, redundou num malogro cuja amplitude não pôde ser dissimulada pelos festejos do quinto aniversário do Muro. No decorrer da «grande semana da verdade», nas Caraíbas (Outono de 1962), os Estados Unidos forçaram a U. R. S. S. a admitir o valor do seu aparelho de dissuasão. A grande força de Kennedy foi, nessa ocasião, a de saber dominar-se na vitória, persuadindo os Russos de que também ele não tinha a intenção de tentar impor-lhes um recuo fatal ao seu prestígio.

A escolha dos russos

Walter Rostow, que dirigia então os serviços de planificação do Departamento de Estado, dizia-nos pouco depois dessa crise: «Agora os Russos têm de escolher uma de duas coisas: arruinarem-se para tentar alcançar o nosso nível de armamentos — sem a certeza antecipada de o conseguirem — ou fazerem a paz». É hoje evidente que os Russos optaram pela segunda hipótese, mediante o que ambos os campos, enquanto o problema alemão não for solucionado, continuarão a alimentar uma certa desconfiança mútua, e os seus técnicos respectivos gastarão bilhões (e talentos) no estudo do antimísil, a arma-miliagre que, impossibilitando por completo as represálias, asseguraria a impunidade ao agressor.

O caso do Vietnam nada tem a ver com esta terceira guerra mundial, que terminou sem recurso às armas. O conflito vietnamita provém essencialmente da determinação de Saigão e Washington em estabelecer uma fronteira permanente no paralelo 17, tornado em 1954 como uma simples linha de demarcação enquanto se não realizavam as eleições, marcadas para um prazo máximo de dois anos. A F. L. N., naturalmente ajudada pelo Norte, tratou de empreender a reunificação com os mesmos métodos que haviam permitido ao Vietminh anoderar-se do poder em Hanói. Métodos que pouco diferem dos empregados para eliminar os Franceses da Argélia. O paradoxo da política americana está em que o governo de Washington forçou Paris a negociar com a F. L. N. argelina, ao passo que recusou negociar com a F. L. N. vietnamita enquanto era tempo. Porquê? Porque esta é comunista e aquela não.

Na época de Estaline, quando o «campo» socialista obedecia ao mínimo dos seus gestos, tal distinção poderia de facto ser válida. Hoje em dia, quando há tantas versões do comunismo quantos os partidos que dele se reclamam, e os incidentes na fronteira sino-soviética se contam por centenas,

combatem cada vez mais o povo vietnamita e o esmagam com as suas bombas, enquanto um numero crescente de vezes se ergue contra elas e um numero decrescente de países poderá estar disposto a bater-se a seu lado.

Os Americanos comparam esta guerra à crise de Berlim. «Aguentaremos o tempo que for necessário — dizem — para que a gente de Hanói e os seus aliados compreendam, como em tempos Kruchchev compreendeu, que nada poderão contra a nossa determinação». É a chamada tática do *long haul*, cuja paternidade deve imputar-se, salvo melhor opinião, a Foster Dulles. Se o conflito actual fosse com os Russos, haveria largas possibilidades de êxito: a dado momento estes sempre achavam forma de sair de um impasse que ameaçava tornar-se perigoso.

De resto, também no caso do Vietnam os Russos procuraram exercer uma acção mediadora. Conseguiram-no em 1954, já que se deve a Molotov a escolha do paralelo 17 como linha de demarcação. Por agora não puderam ainda fazer ouvir os seus conselhos aos Americanos e aos Chineses. Estes acham que têm uma oportunidade de humilhar o «tigre de papel», como chamam ao imperialismo de Washington, e pensam aproveitar-se disso. Quanto aos dirigentes de Hanói, recordados das condições em que negociaram no ano de 1954, sob pressão dos Russos e com a esperança de uma reunificação por intermédio das prometidas eleições, reciam perder na mesa de conferência o que ganharam no campo de batalha.

As opções que restam

Enquanto a China não for efectivamente arrastada para o conflito, pode perguntar-se em que medida a prova de força diminuirá ou não o seu sentimento de superioridade. É também possível que os efeitos do desaparecimento de Mao, que acabará por produzir-se, sejam comparáveis aos da morte de Estaline: quinze dias depois já Molotov começava a fazer uma série de gestos destinados a tranquilizar o mundo ocidental. Mas como a China não é a U. R. S. S., e como de resto há quase dez anos que ela prega a Moscovo o sermão da intransigência, há muitas possibilidades de os seus dirigentes estarem a falar a sério. Eis porque os dirigentes americanos, em vez de governarem «à semana», baseando-se na experiência de uma guerra que nada tem a ver com a actual, devam mostrar claramente ao seu povo, como termos de escolha, as opções que continuam abertas (para nos servirmos de um termo caro a Mac Namara):

— Prosseguir a escalada, o que, quase com certeza, levará a um conflito aberto com a China, conflito que não terminará sem recurso às armas nucleares. O problema não é tanto o de saber-se como reagirá a U. R. S. S. — tudo indica que ela optará pelo partido da prudência, que não deixou de seguir ao longo do seu meio século de existência — mas o da imagem que apresentarão ao mundo os Estados Unidos: uma nação

A razão pela qual Pequim se não comporta como Moscovo é muito simples. A U. R. S. S. é um país territorialmente satisfeito, preferentemente defendido pelo seu potencial nuclear, universalmente reconhecido como uma das duas super-potências do mundo moderno. Atingiu entretanto um nível de desenvolvimento tal que seria suicídio participar numa guerra. Quando Kruchchev exercia a sua chantagem atómica, estava a fazer um bluff: daí o pânico que revelou quando da crise das Caraíbas. A China encontra-se numa situação substancialmente diferente. Há dezasseis anos que os Estados Unidos a impedem de recuperar, com a Formosa, uma fracção do seu território nacional. Uma vez que a China considera a sua civilização (de ontem ou de hoje) muito superior a qualquer outra, o clube dos Grandes afasta-a decididamente. Acresce que ela dispõe de reservas humanas tais que acredita numa vitória final sobre as nações mais ricas.

Foi a partir de Outubro de 1957, logo a seguir ao lançamento do primeiro Sputnik, que abriu o grande debate entre Pequim e Moscovo. Tratava-se de saber — para retomar a expressão de Kruchchev quando, de regresso da América, visitou Pequim em 1959 — se «chegara o momento de experimentar pela força a solidez do sistema capitalista». A esta pergunta respondera ele com um «não» e Mao com um «sim» — ambos categóricos. O divórcio dos dois países provém, antes de mais, da oposição das suas respostas a este problema essencial

que, duas vezes em meio século, não hesita em esmagar populações miseráveis sob o peso das suas bombas de apocalipse, conservará o mínimo direito de exercer a liderança moral do mundo ocidental, como continua a desejar?

— Prosseguir enquanto for necessário, quer dizer, talvez durante mais vinte anos, respeitando os limites actuais do jogo, numa guerra cruel que só pode degradar progressivamente os valores tradicionais da sociedade americana, já submetida a uma provação muito rude pelo desencadear da violência racial;

— Concluir que esta guerra não pode ser ganha e abandonar a tentativa de *control* de todo o país, recuando para algumas posições costeiras inexpugnáveis e declarando que as tropas americanas permanecerão no Vietnam enquanto o adversário se não dispuser a uma negociação com base na neutralização;

— Ou então, derradeira hipótese, propor à China a única negociação que talvez a interessasse, já que ela comportaria, em troca da neutralização do Vietnam do Norte, a satisfação das suas reivindicações: procura de uma solução para o problema da Formosa e admissão incondicional na O. N. U. e no Conselho de Segurança. Mao Tse-Tung não poderia recusar tal sugestão sem erguer contra si a opinião mundial, a qual veria também, nessa nova atitude dos Estados Unidos, a prova de que este país é capaz de outras audácias que não uma escalada militar.

Atingido este ponto, nada impediria a U. R. S. S. de tentar descobrir os meios de transformar o armistício numa autêntica paz com os Estados Unidos, e talvez, quem sabe, numa provável aliança, caso a China retomasse por sua conta (como Washington afirma) os sonhos de dominação que no decurso dos séculos animaram uma após outra todas as grandes potências.

ANDRÉ FONTAINE

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

Pessoal da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

Um decreto do ministro do Ultramar, publicado na 1.ª série do n.º 198 do «Diário do Governo», fixa as bases gerais de reorganização da previdência do pessoal da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela, a regulamentar na província ultramarina de Angola

seu sítio durante séculos? Resistiu ao terramoto, mas em 1837 não pôde resistir a outro vandalismo pior, sendo, felizmente, recolhido na Igreja.

«É porque não protegê-lo, conforme nos mostra um desenho de Domingos Sequeira, com um tabuleiro quadrangular, coberto por um pavilhão com tecto piramidal, apoiado em pilares de cantaria?»

Um problema para as donas de casa

Recebemos da sr.ª D. Maria Helena dos Santos Rodrigues a seguinte carta sobre um problema de flagrante interesse colectivo, que apontamos á atenção das entidades competentes:

«Sr director — Exponho a V. um caso, que sei ser de importância para todas as donas de casa que, como eu, lutam com a falta de pessoal, e vêm-se obrigadas a ir às compras. A nossa capital tem poucos mercados, e quem não tem a sorte de morar perto de alguns, vê-se em sérios apuros para se abastecer. Temos a solução dos lugares de hortaliça e dos vendedores ambulantes, mas os primeiros são sempre exploradores, e só os segundos vendem a preços mais razoáveis, e são esses geralmente preferidos, e a quem as donas de casa compram. Compram, sim, mas com grande dificuldade, e é este o motivo da minha carta.

«Por várias razões que desconheço, os pobres vendedores não podem estacionar, e são constantemente escurraçados pela Polícia, quando não levados à esquadra e multados. Esta determinação, não só prejudica quem vende, como, também, quem compra, e afigura-se-me, além disso, de uma falta de lógica flagrante, posto que não se pode vender ou comprar em movimento!

«Gostaria de perguntar a quem instituiu tal determinação, que prejuízo haverá em que os vendedores estacionem junto ao passeio, constituindo assim uma «mini-praça», e que tão necessário é para quem vive afastado dos mercados. Será por sujarem as ruas? Por prejudicar o trânsito? As próprias autoridades poderiam determinar as ruas para esse efeito, e então multariam (e com razão) os vendedores que abandonassem no pavimento os detritos das suas mercadorias. E até poderiam marcar um horário para esse estacionamento: das 9 às 11, por exemplo.

«Todas as donas de casa exultariam, pois quantas vezes saem para as suas compras, e não encontram um único vendedor! Fugiram os pobres, ao grito de «lá vêm eles!», e ficamos nós sujeitas ao lugar de hortaliça, onde temos que comprar, geralmente, com mais vinte por cento, no mínimo».

Acórdãos proferidos pelo Supremo Tribunal Administrativo

Em apêndice ao «Diário do Governo», foram agora publicados os acórdãos proferidos pela 1.ª secção (contentencioso administrativo) do Supremo Tribunal Administrativo, durante o primeiro trimestre de 1965.



Alice Fernandes Mendes

FALECEU

Mário Carlos Mendes, Serafim Carlos Fernandes e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, cunhada e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 31, às 11 horas da Igreja de São João de Deus para o cemitério do Alto de São João.

A FUNERARIA LISBONENSE
Telef. 84 00 98

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇOS DE ABASTECIMENTOS

HOSPITAL DE S. JOSÉ

CONCURSOS PARA O 4.º TRIMESTRE DE 1966

Batatas	Concurso Público n.º 96
Peixe congelado	Concurso Público n.º 97
Azeite e óleo de mendobi	Concurso Público n.º 98
Vinho e Vinagre	Concurso Público n.º 99
Hortaliças	Concurso Público n.º 100
Carne de Carneiro	Concurso Público n.º 101
Carnes diversas	Concurso Público n.º 102
Banha, Chouriço e Toucinho	Concurso Público n.º 103
Frutas	Concurso Público n.º 104

Os concorrentes devem pedir nestes Serviços de Abastecimentos das 9 às 11,30 ou das 14 às 16 horas de qualquer dia útil, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas) as respectivas condições.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicados nas Condições Especiais.

Lisboa, 29 de Agosto de 1966.

Pelo CHEFE DOS SERVIÇOS

a) Joaquim Coelho Flor

DESPORTOS

Em Budapeste principiam hoje os 8.^{os} Campeonatos Europeus de Atletismo

BUDAPESTE, 30. — (Por Mike Hughes, da Upi — A. N. I.). — Durante os próximos seis dias, Budapeste vai ser o palco dos oitavos campeonatos europeus de atletismo, em que participam atletas de trinta países.

No princípio de Agosto, todos os olhares estavam voltados para Kingston, na Jamaica, onde se realizavam os jogos do Commonwealth e do Império Britânico. Agora a acção regressa à Europa e tudo leva a crer que mais de um «record» mundial será batido.

A lista de participantes, especialmente nas provas de concursos, parece o «quem é quem» do atletismo.

Há o russo especialista do salto em altura Valério Skvortsov, o rus-

so Gennadiy Bliznetsov, especialista do salto à vara, o inglês Lyn Davies, «astro» do salto em comprimento e o seu rival soviético, Igor Ter-Ovanesyan, o polaco, Josef Schmidt, rei do triplo salto, o checo, Ludvik Danek, especialista no lançamento do disco, e o húngaro, Gyula Zsivotsky. Todos eles «ases» entre os melhores do atletismo.

Danek e Zsivotsky podem melhorar os seus «records» mundiais, mas o húngaro terá de estar na sua melhor forma para conseguir ganhar.

Nas corridas, o francês Michael Jazy, antigo recordista mundial da milha, tenta conquistar a medalha de ouro dos 1500 metros e, possivelmente, a dos 5000 metros.

A Bélgica continua a depositar as suas esperanças em Gaston Roelants, especialista nos 3000 metros obstáculos que parece interessado em ganhar os dez mil metros, agora que tem uma medalha de ouro olímpica, para acompanhar o seu «record» mundial na prova de obstáculos.

Os países em competição são: Albânia, Austria, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Dinamarca, República de Pankov, Finlândia, França, Alemanha Federal, Gibraltar, Inglaterra, Grécia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Malta, Noruega, Polónia, Portugal, Roménia, Eire, Islandia, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia, Rússia, Jugoslávia e Hungria.

A Alemanha estará representada por equipas separadas de Pankov e da República Federal — o que pela primeira vez acontece, desde a guerra, numa grande jornada internacional de atletismo.

Os russos, como habitualmente, têm a equipa mais numerosa, com cerca de uma centena de elementos, ao passo que Portugal, Giral-

tar e Malta só têm um concorrente.

A desistência das irmãs russas Tamara e Irina Press e de Tatyana Shchelkanova, e da romena Ilona Balas constituiu a única sensação, antes do início dos campeonatos.

No caso das irmãs Press, o motivo oficial para o seu afastamento foi a «doença da mãe», ao passo que para os casos de Tatyana e de Ilona Balas foram evocadas lesões.

No entanto, a versão que corre na «aldeia» em que estão instalados os atletas, é que o quarteto teve medo de ser submetido ao exame médico, ordenado pela IAAF.

Entretanto, os atletas mostram-se satisfeitos com as instalações para treinos.

A cerimónia oficial da abertura dos campeonatos está marcada para hoje, às 15 e 30 (hora de Budapeste), no estádio de Nep.

O presidente da Hungria, Istvan Dobi, proferirá a alocução de boas-vindas aos 850 atletas que representam os 30 países.

O Benfica defronta hoje em Toronto a equipa de «The Falcons»

Depois de ter disputado dois encontros em Nova York, com uma saltada ao México, no intervalo desses dois jogos, o Benfica encontra-se em Toronto, na Canadá.

Al terminarem os «encarnados» esta sua digressão, defrontando a equipa da colónia italiana, «The Falcons», que no Canadá desfrutava da melhor reputação.

O Benfica deixou Nova York, em seguida ao seu encontro de anteontem, e horas depois estava



Uma fase do encontro Benfica-Sporting

Benfica, Belenenses e Cascais vencedores na 6.^a jornada do «Regional» de hóquei em patins

O Campeonato Distrital de Hóquei em Patins prosseguiu com quatro dos seis encontros do programa da sexta jornada, os quais forneceram os seguintes resultados:

Benfica Sporting	8-1
Em reservas	5-5
C. U. F.-C. Ourique	2-2
F. Benfica-Belenenses	1-5
Em reservas	5-3
Cascais-Salesiana	4-2
Em reservas	6-2

A jornada completar-se-á com os encontros Lisgás-Oeiras, hoje, no

«Rink» Fernando Adrião, e Sintra-Paço de Arcos, amanhã, em Sintra.

De salientar a expressiva marca obtida pelos «encarnados» sobre os seus velhos rivais, que há uns tempos atrás seria surpreendente.

Os resultados dos restantes jogos podem considerar-se normais.

Jogaram e marcaram: BENFICA — Ramalheite; Nogueira, Alexandre (1), Livramento (3), Jorge Vicente (3), Garrancho e Casimiro (1).

SPORTING — Teixeira; Reis, Salama (1), Geraldo, Ponte, Adriano e Barata.

C. U. F. — Vítor Domingues; Joaquim Manuel, Zézinho, José António, Leonel (1) e Afonso (1).

C. DE OURIQUE — José Pereira; Moreira, Julio, Catarino (1), Barreto (1) e Campos.

F. BENFICA — Ferreira; Tiburcio (1), Jordão, C. Silva, Figueiredo, Rodrigues e Alves.

BELENENSES — Abel; Nunes, Saraiva (2), Vítor Garcia (3), Armando, Vítor Santos e Jaime.

CASCAIS — Magalhães; Fidélio (2), A. José (1), Sombreiro, Freitas (1) e Quim.

J. SALESIANA — Alves; Basílio, Peneiras, Duarte (1) e Ramos (1).

Helénio Herrera distinguido pelo «Super-Sport»

MILÃO, 30. — (F. P.). — Os prémios do melhor treinador e do melhor jogador para a época 1965-1966 foram atribuídos, pelo semanário «Super-Sport», ao treinador Heleno Herrera, do Internazionale de Milão, e ao avançado do F. C. Nápoles, o argentino Omar Enrique Sivori.

A «Bola de Prata» foi concedida «ex-aequo» ao alemão Helmuth Haller (Bolonha) e ao brasileiro Venecius de Meneses (Lanerossi), transferido este Verão para o Internazionale como segundo melhor jogador do campeonato da Itália da divisão nacional.

Miguel Arcanjo é hoje homenageado

Miguel Arcanjo, o dedicado «internacional» do F. C. do Porto, tem, esta noite, a sua festa de homenagem e de consagração pelos serviços devotados e esforçadamente prestados ao clube das Antas.

Arcanjo terá a rodeado logo à noite o carinhoso aplauso de todos os portistas, o «muito obrigado» da massa associativa, a qual não esqueceu as tardes de glória proporcionadas pelas fulgurantes exibições do inquebrável defensor central angolano.

O encontro de homenagem, entre o F. C. do Porto e o Belenenses, que principiará às 21 e 45, servirá igualmente de novo exame, não só para os «azuis brancos», como para os «azuis», aquilando-se, assim, as possibilidades futuras dos seus grupos.

NOTÍCIAS DE PUGILISMO

● FRANCFORT, 30. — Por via aérea chegou a esta cidade vindo de Chicago o campeão mundial de boxe dos pesos-pesados Cassius Clay a fim de iniciar os seus treinos para o combate em que porá em jogo o seu título contra o alemão ocidental Karl Mildenberger, e que se efectuará em 10 de Setembro próximo.

● BUENOS AIRES, 30. — (A.N.I.). — Anuncia-se que o pugilista argentino Horacio Accavallo, campeão mundial dos «mínimos», assinou contrato para disputar um combate para disputar um combate, em Outubro, com o campeão japonês, Kiyoshi Tanabe. O combate não conta, porém, para o título.

Hector Vaccari, empresário de Accavallo, disse que o combate se disputa no Japão no dia 4 de Outubro e será de dez assaltos.

● BUENOS AIRES, 30. — (A.N.I.). — O empresário Juan Lectorre anunciou que ofereceria quarenta e cinco mil dólares ao pugilista coreano Kim Kim-Soo, campeão mundial dos «meios-médios», para pôr o título em jogo, num combate com o argentino Jorge Fernandez, a disputar no Luna Park, em Buenos Aires.

Lectorre acrescentou que não receberia ainda resposta do pugilista coreano, e que se o coreano não quisesse vir à Argentina, está convencido de que Fernandez não se importará de ir combater à Coreia.

Manuel de Oliveira no «Europeu» de atletismo

BUDAPESTE, 30. — (F. P.). — O português Manuel de Oliveira, 4.^o dos 3000 metros obstáculos, nos últimos Jogos Olímpicos, depois de ter ganho a série qualificativa terá bastante dificuldade em se qualificar para a final da referida prova dos campeonatos da Europa, cujas séries (3 séries e 4 qualificados) terão lugar em 1 de Setembro e, a final, em 3.

Quando dos últimos jogos realizou na final 8 m 36 s. Este ano não fez melhor que 8 m 45 s 6/10. Ora, dos 27 inscritos nos 3000 metros obstáculos, em Budapeste, 21 realizaram menos de 8 m 45 s. Assim, seria necessário que o português tivesse progredido bastante quando das últimas sessões para poder esperar a participação na final.

Além disso, encontrará nos campeonatos da Europa dois dos corredores que o precederam na final olímpica: o belga Gaston Roelants, medalha de ouro, e o britânico Maurice Herriott. Para julgar exactamente as possibilidades de qualificação do português, é necessário esperar pelas séries dos 3000 metros obstáculos.

PROVAS DA A. F. L.

A actividade da A. F. L. principia já no próximo domingo, com os encontros da 1.^a jornada das «Taças de Honra» (II e III Divisões).

Depois, suceder-se-ão os outros torneios do bem elaborado e vasto calendário de provas, que inclui:

Taças de Honra — I Divisão (4 conc.); II (4 conc.); III (4 conc.).

Campeonatos Distritais — I Divisão (14 concorrentes, em duas categorias); II (14 concorrentes, em duas categorias); III (inscrição livre, numa única categoria). Juniores, I Divisão (24 concorrentes); II Divisão (inscrição livre). Reservas, para clubes da I e II Divisões Nacionais (8 concorrentes). Amadores, Aspirantes e Juvenis (inscrição livre).

Provas Extraordinárias — Torneio de Reservas, reservado às equipas melhor classificadas no «distrital»; torneios seniores, juniores, aspirantes e juvenis, de inscrição livre para todos os clubes que, na altura, tenham inactivas as suas equipas; «Taça de Lisboa» (por eliminatórias).

As Divisões em 1966-67

A constituição das várias Divisões, quer de seniores, quer de juniores, com vista aos próximos «distritais» está já estabelecida. Assim:

I Divisão — Casa Pia Atlético Clube, C. D. dos Olivais, C. F. «Os Belenenses», C. F. Estrela Amadora, F. C. de Alverca, G. D. Estoril Praia, G. S. de Loures, Odivelas F. C., S. F. Palmense, S. G. Sacavenense, S. L. e Olivais, U. D. e R. de Algés, U. D. Vilafranquense e Vitória C. L.

II Divisão — A. D. de Oeiras, C. D. Arroios, C. D. da Charneca, C. D. Império do Cruzeiro, C. F. Benfica, C. F. «Os Montelavarenses», C. F. de Santa Iria, G. D. União Ericeirense, G. D. de Vialonga,

Linda-a-Pastora S. C., Sporting Clube de Linda-a-Velha, Sporting Clube do Livramento, Sporting Clube de Lourel e Zambujalense F. C.

Juniores (I Divisão) — Alcantra S. C., Atlético da Malveira, Atlético C. P., Casa Pia A. C., C. D. dos Olivais, C. F. «Os Belenenses», C. F. Benfica, C. F. Estrela Amadora, Clube Oriental de Lisboa, F. C. de Alverca, G. D. S. Cascais, G. S. de Loures, Império C. P., Odivelas F. C., S. C. U. Torreense, S. F. Palmense, S. G. Sacavenense, S. L. Benfica, S. L. e Olivais, S. U. S. N. treense, Sporting C. P., U. D. e R. de Algés, U. D. Vilafranquense e Vitória C. L.

Centros de Iniciação Desportiva e Recreação

Conforme noticiámos, estão em pleno funcionamento ao longo da nossa costa, vários Centros de Iniciação Desportiva e Recreação, orientados pelo I.N.E.F. e custeados pelo Fundo de Fomento do Desporto.

Esses centros estão a exercer, mediante inscrição, nas nossas praias, uma acção educativa salutar junto das crianças.

As várias modalidades educativas, físicas, desportivas, recreativas, plásticas e musicais, têm despertado o maior interesse e representam uma novidade educativa entre nós.

Alguns dos referidos centros organizaram já exposições dos seus trabalhos; e, ainda recentemente, foi inaugurada a primeira exposição infantil no Casino Peninsular da Figueira da Foz, sob a orientação do sr. professor Julio Tuna.

VELA

Regata oceânica, da taça «Corporação de Pilotos»

A Associação Naval de Lisboa faz disputar, no próximo domingo, uma regata oceânica, para disputa da taça «Corporação de Pilotos». Esta prova, que principia às 9 horas, faz parte do calendário da A. N. L. O percurso é o seguinte: Belém-Cascais, rondagem do navio dos pilotos (dando bombordo), rondagem de uma baliza fundeada a uma milha (ao mar) da Fonte da Telha (dando-lhe bombordo), rondagem do navio dos pilotos em Cascais (dando-lhe estibordo) e regresso a Belém.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se nas agências dos srs. JOAQUIM JACINTO FRANCISCO e JOSÉ AUGUSTO DE MELO BROCHADO.

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
A BATALHA DAS ARDENAS — no MONUMENTAL



As 3 da tarde
e 9.30 da noite
6. MES
34.ª SEMANA
Um espectáculo
maravilhoso em
TODD-AO em 70 mm
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)
Integrado no
«Festival 007»

007... ORDEM PARA MATAR
com Sean Connery em James Bond



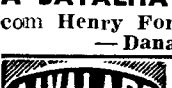
As 15.15, 18.30
e 21.30
(M. 17 anos)

Que horrível ser se ocultava naquele
macabro poço?
O PALACIO MALDITO
com Vicent Price, Debra Paget e Lon Chaney



As 21.30
ESTREIA
M/ 12 anos

Diferente de tudo o que viu até
hoje!
A BATALHA DAS ARDENAS
com Henry Fonda — Robert Ryan
— Dana Andrews



As 15.45, e 21.45
(M. 6 anos)

Uma das mais humanas histórias de
amor jamais filmadas!
O RAPAZ E O TOURO
com MICHEL RAY
CINEMASCOPE — TECHNICOLOR



As 15.30,
e 21.45
(Adultos)

19.ª SEMANA
DE SENSACAO!
do mais extraordinário e vibrante
documentário sobre o ilegal mercado de
carne humana!

**AS ESCRAVAS
AINDA EXISTEM**
Realização em Eastmancolor
AR CONDICIONADO



Telef. 32 63 05
As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

Um filme de brutal
acção guerreira
HOMENS QUE SÃO FERAS
com Tom Tryon e Pat Hogan
Implacável caça a um pele-vermelha
que fez tremer uma nação
Technicolor (M. 12 anos)



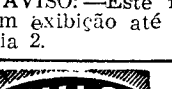
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

ANJINHOS E VIGARISTAS
com Paul Meurisse e Bernard Blier



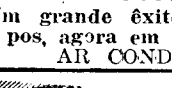
As 15.15 — 18.15
21.30
(Adultos)

Integrado no festi-
val do filme
italiano
A BELA DE ROMA
de Luigi Comencini
com Silvana Pampanini e Alberto Sordi
AVISO:—Este filme manter-se-á
em exibição até às «matinéas» do
dia 2.



As 21.45
(Adultos)

Humphrey Bogart reaparece
num filme sen-
sacional e empolgante!
SEM CONSCIÊNCIA
Um grande êxito de outros tem-
pos, agora em cópia noval
AR CONDICIONADO



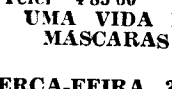
Telef. 476 63
As 21.30
(M. 12 anos)

**SANSÃO, O TERRÍVEL
BATALHÃO SUICIDA**



Telef. 32 41 94
As 15.15 e 21.15
(M. 17 anos)

**A HISTÓRIA DE UM GRANDE
AMOR**
ROCHEDOS HUMANOS



As 21 horas
(M. 17 anos)

UMA VIDA POR VIVER
MÁSCARAS DE CERA



As 15.15 e 21.30
(Adultos)

O filme mais repre-
sentativo
da Escola de Nova York
LUZ QUE CEGA



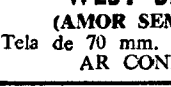
As 15.30, 18.30
e 21.45 (Adultos)

15.ª SEMANA
O maior filme de sempre
AFRICA ADEUS



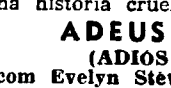
As 15.30 e 21.45
(Adultos)

Nathalie Wood
e Richard Beymer
Platela 72 77 78
Balcão 72 91 92
no excepcional filme de Robert Wise
distinguido com 10 «Oscars» pela Aca-
demia Americana!



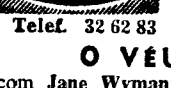
As 15.30, 18.15
(p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)

Montgomery Wood
na história cruel de uma vingança
ADEUS GRINGO
(ADIOS GRINGO)
com Evelyn Stewart e Peter Cross
Eastmancolor e scope
Ar condicionado



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
Uma excepcional
maravilha que fala
ao coração

O VÉU AZUL
com Jane Wyman e Charles Laughton
Uma história deliciosa dirigida à sensi-
bilidade das mulheres
(M. 12 anos)



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
Uma excepcional
maravilha que fala
ao coração

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A mulher
do roupaço» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A fa-
mília Sam» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 23: «Quando é
que tu casas com minha mulher?» (17
anos).

CINEMAS

CAPITÓLIO (Terraco) — As 21 e 15: «O
preço de um homem» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «Duelo no Rio
Bravo» (12 anos).
IMPERIAL — As 21: «A cabana do Pai
Tomaz» (17 anos).
JARDIM — As 21: «Mundo Cão N.º 2»
(17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «A carga das re-
beldes» (17 anos).
OLÍMPIA — As 19: «O indomável» (17
anos).
ORIENTE — As 21: «Com a maldade na
alma» (17 anos).
PARIS — As 21: «Só os fracos se rendem»
(12 anos).
PROMOTORA — As 21: «As mulheres e
o rebelde» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Louco por garotas»
(17 anos).
SALÃO LISBOA — As 19: «Zorikan, o
destruidor» (12 anos).
CASTANHEIRA — As 21 e 30: «O tumulto
do Farol» (17 anos).
D. JOÃO V (Damaia) — As 21 e 15:
«A vida amorosa de Moll Flanders»
(17 anos).

● Na Linha de Cascais

OEIRAS — Oeiras-Cine — As 21: «Os
novos aristocratas» (17 anos).
CARCAVELOS — Vitória-Cine — As 21
e 30: «O jogo do assassino» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — As 21: «Jessi-
ca» e «Os assassinos do bairro» (17
anos).
ESTORIL — Cine-Esplanada — As 21 e
30: «Sinfonia para um massacre» (17
anos).
CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «O
rancho do amor» (17 anos).

● Na Linha de Sintra

AMADORA — Recreios Desportivos — As
21 e 15: «O voo da Fénix» (12 anos).
QUELUZ — Queluz-Cine — As 21 e 15:
«A espada do Cid» e «Violetas impe-
riais» (12 anos).
MEM MARTINS — Cine-Chaby — As 21
e 30: «A seita do Texas» (12 anos).
ERICEIRA — Casino — As 21 e 30: «O
desporto favorito dos homens» (17
anos).

(Na Outra Banda

ALMADA — Incrível — As 21 e 15: «O
meu sangue corre frio» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — Cine-Copaca-
bana — As 21: «A queda do Império
Romano» (12 anos).
TRAFARIA — Pavilhão Jardim — As 21
e 15: «Arrepi-me todo» e «Sinais es-
condidos» (17 anos).

Impressões de viagem

(Continuação da 17.ª página)

subtil e imponderável, que nos
abraça e perturba, que nos faz sen-
tir, na nossa própria subjectivida-
de, o intimismo e a fascinação de
uma multidão de artistas, de boé-
mos, de românticos, de enamorados,
de excêntricos, de milionários
e de miseráveis, de naufragos de
sonhos, de desgraçados extraordi-
nariamente felizes e de «grands
seigneurs» notavelmente desgraça-
dos — que impregnam a cidade
com os seus risos, as suas lágrimas,
as suas fortunas e as suas
fomes, as suas rimas, as suas as-
pirações, as suas glórias e as suas
derroçadas... Todas as infinitas
sensibilidades artísticas que cru-
zam o mundo, em todas as direc-
ções, amaram, viveram e sofreram,
neste maravilhoso Paris, e, at de-
zaram — plasmados na atmosfera
— as suas ansiedades e os seus
rumores.

Paris é a voz jamais extinta da
Piaf, da Lucienne Boyer... Paris
é o gesto líbero e maravilhoso da
Juliette Greco, das suas mãos de
milagre, da sua voz de murmu-
rio... Paris é Pigalle, é St. Ger-
main des Prés, Montmartre — é o
mistério e o amálgama do sonho
com a realidade...

Paris é a cidade da beleza, da
arte, do amor, do universo inteiro.
É a cidade onde as palavras são
sorrisos e os sorrisos são beijos,
que escaldam o sangue e dão asas
de seda às imaginações escaldan-
tes... Paris é a cidade onde nos
encontramos e nos descobrimos a
nós próprios, sem enganos, sem
mentiras, onde a vida nos abre
uma porta de ouro que nos permite
o prazer de viver e onde até as
pedras nos falam e as árvores dos
«boulevards» nos murmuram se-
gredos... Paris é a nossa verdadei-
ra residência, a casa própria dos
nossos espíritos, líberos e since-
ros!

E agora, adeus Paris!... O avião
vai partir!... Até breve!... Segui-
mos a caminho da Alemanha...

VIDA MUSICAL

O Ensemble Instrumental André
Colson no X Festival de Sintra

Qual será a importância e a ex-
tensão do papel da música (de Jorge
Peixinho) no espectáculo teat-
ral com que está prestes a encer-
rar-se o X Festival de Sintra? De
qualquer modo, deve considerar-se
como ultimo concerto a apresen-
tação, ontem, no Ensemble Instru-
mental André Colson, (em Queluz,
o seu grande salão desta vez trans-
formado em verdadeira plateia de
sala de concertos, o que evita sen-
síveis desigualdades de audição pa-
ra o publico, verificadas sobretudo
na visualmente admirável Sala dos
Cisnes do Palácio Nacional de Sin-
tra).

Entre o recital de violino e pia-
no por Sandor Vegh e Helena Sá
e Costa e o concerto pelo Ensem-
ble, I. André Colson, as condições
de autêntica atracção da região ti-
nham sido aproveitadas para um
espectáculo de bailado, — no Par-
que Valencas feéricamente ilumina-
do — e por um concerto de mu-
sica espiritual pela «Coral Ariette»
no quadro próprio da Igreja de
Santa Maria.

A célebre bailarina Rosella Higt-
ow tinha atraído enorme afluên-
cia, e defendeu-se corajosamente
das dificuldades criadas pelo palco
improvisado. Mas não houve pro-
blemas semelhantes para a «Coral
Ariette».

Como convergência de qualida-
des e condições musicais intrínse-
cas, pode considerar-se o Grupo
André Colson e o seu programa
como a mais marcante manifesta-
ção musical do X Festival Inter-
nacional de Sintra. Logo na pri-
meira peça do programa, um bri-
lhante Concerto (op. 5 n.º 7, em
ré menor) de Albinoni, — dois
«Allegros» separados por um Adá-
gio de grande estilo e profundo
sentimento — as doze figuras do
grupo impuseram a sua classe; o
volume de som é doseado e gra-
duado na perfeição, a dicção é por-
menorizada com uma minúcia que
a naturalidade sublima. Em segui-
da, deliciaram-nos, no seu carácter
mais ameno, os nove «Airs à dan-
ser» do francês setecentista J. J.

Mouret. E no Concerto para viola,
em sol maior, de Telemann, a so-
lista, Jacqueline Legris, e o con-
junto imprimiram uma largueza e
uma seriedade toda a favor do
autor.

Na segunda parte, para Mozart,
O Divertimento para cordas K. 138,
talvez no 1.º e 2.º andamento seja
preferível a versão para solistas,
mas a técnica sem escolhos do
grupo brilhou no ultimo andamen-
to, luminoso na sua alegre leveza.
E só virtuosos com muita cabeça
poderiam abordar os Seis Prelú-
dios para cordas de Jean Françaix,
extenso documento do nosso sé-
culo, na sua feição não vanguar-
dista mas desmpeirada e de uma
grande habilidade de escrita. Da
oportunidade de aliciente mavios-
idade ao violoncelo (Traugott Sch-
mohe) e reserva com muita origi-
nalidade um papel de exame ao
contrabaixo (Colette Neveu). Só
não compreendemos o título geral
de Prelúdios, discriminadas e bem
caracterizadas, em: Abertura, Ele-
gia (para o céu), Scherzo, Inter-
mezzo alla Tedesca (para o contra-
baixo), Sogno e Finale, o que não
achamos compatível com o referi-
do título de Prelúdios.

O sucesso foi enorme, não maior
do que o inteiramente merecido,
obrigando André Colson e as suas
exímias colaboradoras a um extra
que foi uma festa deslumbrante
de execução de arcos.

FRANCINE BENOIT

Curso de Pedagogia segundo
o Método Ward

Terminou no Centro de Estudos
Gregorianos, o Curso de Pedag-
ogia Musical, segundo o Método
Ward, que se destinou à formação
de professores de música de cla-
ses infantis e primárias.

Realizado em regime de curso in-
tensivo, com seis aulas por dia,
funcionou com duas classes, de 1.º
e 2.º graus, regidas pela professora
D. Isabel Maria de Silva Nunes e
pela directora do Centro, D. Julia
de Almendra. O trabalho realizado
neste curso, apesar de intenso, de-
correu com grande interesse e bom
nível, de que resultou o melhor
aproveitamento.

Estiveram representadas as dio-
ceses do Funchal, Algarve, Lisboa,
Leiria, Portalegre, Guarda, Porto e
Braga. Após a passagem de exa-
mes com provas escritas e orais,
seguiu-se, para encerramento dos
trabalhos, a celebração de missa,
na capela particular da Congrega-
ção de «Nossa Senhora das Víti-
rias». Oficiou o aluno rev. Manuel
Narciso Alves, da diocese de Por-
talegre, e colaborou uma «schola»,
constituída pelos alunos que fre-
quentaram o referido curso.

MUSEU MILITAR

O sr. dr. Müller Roschach, embaixa-
dor da Alemanha Federal, visita ama-
nhã, às 10 horas, o Museu Militar.
Será acompanhado pelo adido militar,
sr. coronel Roland Sermerich, e pelo
seu adjunto, sr. comandante von Eitzen.



DEFENDA-SE DO PERIGO

LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR **KONI** PARA

MELHOR ESTABILIDADE
MELHOR DIRECÇÃO
MELHOR COMODIDADE

CARREGAVEIS • REGULAVEIS • REPARAVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Sociedade Geral de Importação, Lda.
Avenida António Augusto de Aguiar, 23-A — Telefone 721131

bom apetite

RESTAURANTE FIL

UMA JANELA ABERTA SOBRE A PONTE

ALMOÇOS • LANCHES • JANTARES

PRAÇA DAS INDÚSTRIAS • A JUNQUEIRA

TEL. 63 90 48

Restaurante TATU

CAMPO GRANDE, 80 Telef. 765188

AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
5.ª-FEIRA
PATO NO FORNO

Servem-se casamentos e baptizados

café CANAS

RESTAURANTE

CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA

R. SARAIVA DE CARVALHO, 145-A
Telefs. 672229 - 666532

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que até
aviso em contrário, efectuar-se-á
aos sábados a automotora para
serviço publico, entre Barreiro e
Vila Real de Santo António-Gua-
diana, servindo o ramal de Lagos,
com partida da estação de Lisboa

(Terreiro do Paço) às 13.40 h. e
chegada às 18.55 h.; a Vila Real
de Santo António-Guadiana, às
19.55 h.; a Portimão, às 19.06 h.
e a Lagos, às 19.32, regressando
aos domingos, com partida do
apeadeiro de Vila Real de Santo
António-Guadiana, às 19.35 h.; às
Faro, às 20.31 h.; de Lagos, às
19.48 h. e de Portimão, às 20.13 h.
com chegada a Lisboa (Terreiro
do Paço), à 1.30 h.

restaurante arameiro

PRÉMIO
DO S. N. I.

TRAV. ST.º ANTÃO, 21 — LISBOA
(Restauradores) Telef. 36 71 85

RESTAURANTE BOLIDE

(Premiado nos concursos do S. N. I.)

AMANHÃ
Bacalhau à Brás
Dobrada à moda do Porto
c/ feijão branco

Diariamente especialidades da casa
AV. DE ROMA, 7-A — Telef. 763522

RESTAURANTE REFÚGIO DO TAVARES

Casa especializada em
MARISCOS E FRANGO NO ESPETO

Serviço à lista
Av. Braga, N.º 3 — Telef. 62475
PÓVOA DE VARZIM

Excursionistas ingleses

Entrou esta manhã no porto de Leixões o paquete britânico «Dunera», com 740 excursionistas ingleses, componentes do Departamento da Defesa Civil da Inglaterra e suas famílias.

O navio que, como anunciámos, anda em cruzeiro de férias, procede da ilha da Madeira, e atracou ao cais da doca n.º 1, onde, cerca das 9 horas, começaram a desembarcar os excursionistas para visitarem a cidade e alguns pontos do Norte. O paquete largará para Inglaterra esta noite.

Farmácias de serviço

ALIRIO DE BARROS, SUCR., Rua Costa Cabral, 240 (T. 4-0593) • BOAVISTA, Rua da Boavista, 601 (T. 2-5443) • BOTELHO, Rua da Alegria, 863 (T. 4-0069) • CENTRAL, Rua de Santo António, 203 • CORUJEIRA, Rua de S. R. da Lameira, 1473 (T. 5-1928) • GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 696 (T. 2-4645) • LEMOS & FILHOS, Pr. de Carlos Alberto, 31 (T. 2-1309) • MAIA, Rua do Campo Alegre, 192 (T. 6-4450) • PENINSULAR, Rua Chã, 100-102 (T. 2-0707) • PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (T. 6-0692) • SA, Rua Val de Formoso, 181 (T. 6-6925) • FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 • Foz (T. 68-0127). (T. 4-0427) • SERPA PINTO, Rua de S. Senhora da Luz, 382 — Foz (T. 68-0127).

CALENDÁRIO DESPORTIVO

FUTEBOL — Festival de homenagem a Miguel Arcanjo: F. C. do Porto-Belenenses, às 21 e 30, no Estádio das Antas.

VOLEIBOL — Jogo de passagem da III à II Divisão: Ac. de Espinho-Milheiros, às 22 horas, no ginásio do primeiro.

DIVERSOS — Na A. F. Porto — As 21 e 30, sorteio dos torneios de preparação da I Divisão (segunda fase) e II Divisão distrital (primeira fase).

— Assembleia geral da A. B. do Porto, às 21 e 30, para eleição dos novos corpos gerentes.

Espectáculos para hoje

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Ensinando-me a amar» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Amor de Perdição» (12 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «A milionária» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Relíquia maldade» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Revolta no Bounty» (12 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «007 contra Goldfinger» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Os dois gladiadores» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «O invencível cavaleiro mascarado» e «Os passos do diabo» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «José do Telhado» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30: «Rio Conchos» (17 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS
SÃO JOÃO — As 15 e 30: «Ensinando-me a amar» (17 anos).
COLISEU — As 15 e 30: «Amor de Perdição» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «A milionária» (17 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «A grande corrida da volta do Mundo» (12 anos).
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «007 contra Goldfinger» (17 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «Os dois gladiadores» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15: «Na pista do alfinete novo» e «Duelo no Rio do Diabo» (12 anos).

NOTÍCIAS DIVERSAS

No recinto da piscina da Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, haverá amanhã, às 21 e 45, um espectáculo de bailado pelo grupo da Fundação Gulbenkian, que o dedica à vereação municipal.

— Será inaugurada no domingo, uma ambulância dos Bombeiros Voluntários de Valbom, incluindo o programa um cortejo das representações das colectividades do concelho, hêncão da nova viatura e sessão solene.

— Haverá hoje, às 18 horas, como dissemos, no Círculo de Cultura Teatral recepção aos representantes da Imprensa, para apresentação do novo director artístico da sua companhia, o encenador italiano Ruggero Jacobbi, o qual exporá os seus planos de trabalho para a próxima temporada.

Entrou no quinto dia a greve no Canadá

OTTAWA, 30 — (R.) — A greve dos caminhos de ferro de todo o país entrou hoje no seu quinto dia, enquanto o Governo estuda a legislação de emergência para o regresso ao trabalho, apresentada pelo primeiro-ministro, Lester Pearson.

A primeira reacção do sindicato às propostas do Governo foi desfavorável. Um dos dirigentes sindicais comentou: «As propostas não vão ser aceites pelos ferroviários».

Pearson, avisando que uma greve demorada causaria um desastre nacional, apresentou ontem uma lei ordenando o regresso imediato ao trabalho dos 118 mil ferroviários, que se declararam em greve no meio-dia de sexta-feira passada.

Entretanto, enquanto o Parlamento — que interrompeu as suas férias de Verão para se reunir —

estudava as propostas governamentais, outras formas de transporte eram utilizadas para tentar tapar a lacuna deixada aberta pelos caminhos de ferro.

Em Montreal, a Air Canada comunicou que conseguira dar vazão ao tráfego de carga e de passageiros, que aumentara grandemente. A companhia de transportes aéreos disse que fizera mais de 55 voos extraordinários durante o fim de semana.

Montreal e outras grandes cidades sofreram numa série de engarrafamentos de trânsito quando milhares de pessoas, que viajavam normalmente de comboio, utilizaram automóveis ou outros meios de transporte.

Os correios anunciaram estar a aumentar o volume de correspondência por distribuir.

AR CONDICIONADO

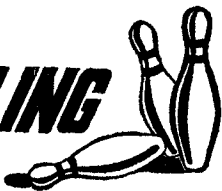
COM CONDICIONADORES



silenciosos
resistentes
económicos

INDÚSTRIAS TÉRMICAS
NUNES CORREIA
S. A. R. L.
LISBOA — R. DO ALECRIM, 19 — TEL. 3601/4
PORTO — R. DA FIANÇA, 462 — TEL. 28034

BOWLING



CINCO PISTAS AUTOMATIZADAS

CAFÉ • RESTAURANTE
SNACK-BAR • TABACARIA

MATERIAL E EQUIPAMENTO
APROVADOS PELA FEDERAÇÃO
MUNDIAL DE BOWLING

ENTRADA PRIVATIVA JUNTO A PORTA PRINCIPAL DO HOTEL

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

STAR VIAGENS

EM LUXUOSOS
TRANSATLÂNTICOS

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO:
No «ANNA C.»
Partidas todos os sábados, até 6 de Outubro

Duração 8 dias

Preços desde 3.450\$00

CRUZEIRO AO MEDITERRÂNEO E GRÉCIA:
No «OLYMPIA»
e «QUEEN ANNA MARIA»

Partidas em diversas datas

Duração 16 dias

Preços desde 6.830\$00

EM AVIAO

E AUTOPULLMAN
ESTADOS UNIDOS E CANADÁ:
Nova York, Washington, Pittsburgh, Chicago, Detroit, Cataratas do Niágara

Partidas às 2.ª, 4.ª e 5.ª-feiras

Duração 16 dias — 13.950\$00

ÁFRICA DO SUL:

Johannesburgo, Parque de Kruger, Pretória, Durban, Cape Town

Partidas: 6.ª-feiras

Duração 17 dias — 26.900\$00

EM AVIAO

BRASIL:

Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, Brasília, S. Salvador e Recife

Partidas: 3.ª, 4.ª, 6.ª e sábados

Duração 18 dias — 27.500\$00

Antes de organizar as suas férias peça programas detalhados e o livro

VIAGENS STAR-66

Av.º Sidónio Pais, 4-A

Telef. 53 89 71 — LISBOA

Pr. dos Restauradores, 14

Telef. 36 25 01 — LISBOA

Rua do Alecrim, 10

Telef. 36 95 03 — LISBOA

Av.º dos Aliados, 210-220

Telef. 3 68 27 — PORTO

e ainda filiais no

ESTORIL, FUNCHAL e LUANDA

Utilize o Crédi-STAR

Viaje agora e pague depois

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em

peza a seco com acabamentos por

afiação. Basta ligar a 223422, R. de

Prata, 156, s/1 (único no género).



Quinta-feira, 1 de Setembro, às 22 horas

Apresentação em Lisboa de Mestre

JOÃO NÚNCIO

A classe e o virtuosismo do maior cavaleiro de Portugal descem à arena pela 1.ª vez nestes últimos anos para competir com um rojoneador espanhol

ANGEL PERALTA

Na lide integral à portuguesa

de 4 Toiros dos Herd. de D. Diogo

Passanha (Quinta de S. Pedro)

FORCADOS

AMADORES DE

SANTARÉM

comandados por

RHODES SÉRGIO

4 Toiros de

Oliveira (Irmãos) para

JOSÉ JÚLIO

AMADEU

DOS ANJOS

BILHETES À VENDA

nos locais do costume

(Telefs. 7615 39, 7718 19, 3076 9 e 3217 12)

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

UMA TARDE DE VERÃO

por ALBERTO FERNANDO SILVA

E aquelas palavras insípidas não havia maneira de me entrarem na cabeça! Detestava a Botânica, os seus nomes, definições, tudo, enfim. Tinha o cérebro demasiado povoado de ideias para poder assimilar tudo aquilo; lia linhas sucessivas, sem pensar sequer numa só das palavras. Já por

várias vezes tinha tentado esvaziar o espírito, mas todas as tentativas tinham resultado num malogro. A corrente de pensamentos fluía irmanada com o sangue, creio até que as temporadas me latejavam, contudo os acontecimentos foram demasiado rápidos, para que a isso desse alguma importância. Só tinha um desejo: deixar finalmente aqueles livros e descansar. Queria ouvir música, passear, sei lá?! Apenas qualquer coisa que me libertasse das células, raízes e folhas. Distraía-me com os mais simples assuntos: os braços da cadeira, o rebordo circular da mesa de café, já sem tinta, as pedras polidas da calçada. A esplanada estava cheia e ruidosa. Normalmente o barulho não me incomodava, porém eu, naquele dia, estava abstrato. O entrecostar dos copos, uma palavra mais alta, o mínimo rumor me fazia levantar os olhos e procurar a sua origem. Na rua, os carros faziam enormes bichas e aguardavam o sinal verde para se poderem lançar à conquista de mais uns metros, até novamente o vermelho os fazer estacar. Apitavam, enchiam o ar de vapores de gasolina queimada, mal cheirosos e tóxicos. Havia muita gente em movimento como numa cena agitada de um filme. Uma atmosfera rumorejante servia de fundo a tal quadro. Um automóvel, parado, com uma roda em cima do passeio, fazia espessa fumareda negra e uma velhota que passou, ao aspirá-la, fez um esgar. Eram pessoas teimosas aquelas, prendiam-me a atenção e, por mais que tentasse, não conseguia libertar-me. Diabo de Botânica, diabo de gente, diabo de café!

No meio da rua havia umas árvores e bancos de jardim, que, naquela altura, estavam desocupados, pois estava um magnífico sol de Verão que ba-

(Continua na 3.ª página)

TEMPO DA MINHA RUA

I
O sol ameno de um dia de Primavera entra docemente no meu quarto, arrastando consigo os pregões das varinas e vendedeiras e todos os ruidos bulgosos do despertar do dia na cidade.

As casas esfregam os olhos estremunhadas, as ruas parecem mais compridas, espreguçando-se, numa vontade firme de despertar para a vida.

Aceito o convite, levanto-me, arranho-me, tomo o pequeno almoço, despeço-me de meus pais e saio para a escola com a mala a tiracolo.

O ar fresco da manhã purifica-me, arranca todos os problemas da minha cabeça, os trabalhos imperfeitos, a chamada a aritmética, o olhar ríspido da professora, que nos faz sentir mentirosos mesmo quando falamos verdade; oh triste sentimento de culpa!

Sinto-me envolvido pela vida da cidade. Pessoas a entrar, a sair, a circular, janelas a abrir, rostos a distorcerem-se em sorrisos prazenteiros, persianas ruidosas como pestanas renitentes, tudo faz parte do rito dos dias iguais. Cumpro-o maquinalmente, mas com rigor, é o hábito da vida vivida.

Continuo a seguir o meu caminho marcado, até que entro na minha rua, mas não confundam, a minha rua não é a rua onde vivo, essa é de todos os que aí habitam, a minha rua é só minha, é esta onde existe algo de diferente das ruas dos outros. Aquela casinha tipicamente branca, no recanto tímido das escadinhas tombadas. Mas, além de ser branca, é curiosa, com telhas e bordais vermelhos a contras-

tar com o candeeiro verde, suspenso da sua parede cansada, janelas entreabertas, convidando-nos à descoberta por detrás das alrosas cortinas vermelhas, com bolas brancas, que deixam ver os vasos do craveiro e do manjerico. Esta voz límpida e bem timbrada, como a manhã de Primavera, cantarolando um fado de branco castiço, com odor a cravo e manjerico. Aqui sim, aqui é a minha rua, aquela que é só minha.

Continuo a andar, agora mais lentamente, como que queren-

Por
**A. BARAHONA
DE ALMEIDA**

do conservar em meus pés o chão da minha rua. A brancura típica, a voz límpida, o aroma do craveiro e do manjerico vão-se esfumando na bruma fresca da manhã, na espessura alegre da cidade estremunhada...

— MENTIROSO, NÃO ESTUDARAM PORQUE ANDARAM PARA AÍ PELAS RUAS, A JOGAR A BOLA E A FUGIR DOS POLÍCIAS, DEPOIS QUANDO FICAREM REPROVADOS NO EXAME NÃO SE QUEIXEM.

II
O despertador toca renitentemente, com arrogância, consciente da sua invulnerabilidade, tornando ásperos e frios os lençóis, o travesseiro e a almofada. Estendo displicentemente o braço, travo a campainha, enfiio os chinelos e abro as janelas de pau, deixando que a luz fosca de um dia baço de Outono penetre receosamente no meu quarto.

Arranho-me, preparo o meu pequeno almoço, tomo-o, ponho o chapéu, pego na pasta e saio.

O ar húmido da manhã padacenta purifica-me, arranca todos os problemas da minha cabeça, o trabalho que o patrão me havia encarregado de fazer e que eu não fiz, por falta de tempo, o dia arrasante que vou ter com a transferência de capital do cliente que me maça há uma semana, os constantes e importunos reparos do patrão sempre a querer mostrar a sua autoridade, enfim tudo desaparece no ar húmido da manhã.

Sinto-me envolvido pela vida da cidade. Autocarros, motos, automóveis, param, arrancam e circulam com o barulho típico do bocejo indolente; tudo faz parte do rito dos dias iguais. Cumpro-o maquinalmente, mas com rigor, é o hábito da vida vivida.

Continuo a seguir o meu caminho marcado, até que entro na «minha rua», aquela que já não é só minha e onde existe algo igual às ruas dos outros. Aquele arranha-céus de cores harmoniosas..., com matizados de amarelo, verde, azul e vermelho, destacando-se na saliência arrogante da curva orgulhosa no seu revestimento de alcatrão lúcido. As janelas fechadas, de vidro despertando-nos a curiosidade interior, mas estabelecem a barreira do nosso mundo, somente se avista o átrio, ornado de imponentes cactos verdes plantados em canteiros cobertos de seixos. Esta música melodiosa de um saxofone..., bem timbrada e plena de ritmo como a manhã de Outono..., é música de jazz de matizados amarelos, azuis,

(Continua na 4.ª página)

Desenho
de
**JORGE
AUGUSTO**

Dedicatoria

porque em teus ombros sobe o clarão
do fogo que em meu corpo já se ateia

e são guitarras as vozes que se ocultam
no silêncio veloz que te rodeia

porque doces claras cintilantes
pedras de mim disparo que adormecem

na orgia de teus lábios que não ousam
quebrar a teia que meus dedos tecem

porque também amiga o sonho te embriaga
com um vinho novo igual ao que alimenta

a espiga que em meu sangue de ternura
a pólvora semeia que rápido rebenta

e mais e muito mais loucuras nossas
por todas cantarei a luz que te desenha
os exactos relevos interiores

até que venhas descoberta enfim
beber de minhas mãos perdidamente
o puro sabor de catedrais antigas

MANUEL ALBERTO VALENTE

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

TERÇA-FEIRA
30 - AGOSTO - 1966



OS MEUS PROBLEMAS

PROBLEMA

RESPOSTA

Desde a escola primária tenho um companheiro de quem fui e, intimamente, ainda sou amigo. Quando éramos garotos tu do corria bem, mas ultimamente, pouco a pouco, começamos a tornar-nos muito diferentes um do outro. As nossas famílias mal se conhecem, e nunca se deram. No entanto, como eu ia a casa dele e ele vinha à minha, estou certo que os pais dele lhe deram uma educação e conselhos do mesmo género da educação e dos conselhos que eu recebi dos meus. Simplesmente, eu estou de acordo com os meus pais, e faço tudo para seguir o caminho que eles me indicam, e ele passou a seguir um caminho totalmente oposto. Em vista disto, temo-nos afastado um bocadinho. Foi, da minha parte, um afastamento progressivo, espontâneo, nada premeditado. Agora, comecei a ter consciência desse afastamento, e levantou-se-me um problema de consciência. Tenho procedido como amigo? Quais são os meus deveres? Mas se eu não quero seguir o caminho que ele escolheu?

Assim como tu te afastaste sem premeditação, talvez também o teu amigo tenha tomado determinada orientação sem propriamente a escolher, mas sim levado por um conjunto de circunstâncias de que não será responsável. O que te pergunto é o que farias se, em lugar de um amigo, se tratasse de um irmão?

Claro que és muito novo, também tens as tuas lutas e não podes deixar-te influenciar por ele. Mas estás bem escudado pela tua vontade, pelos teus pais, e certamente por muitos factores de que talvez nem sequer te apercebas. E ele?

Creio que o melhor que tens a fazer, é conversar com os teus pais. Eles certamente o estimam, pois que o conhecem de criança. Talvez eles estejam de acordo com este propósito: em vez de te afastares, procura atraí-lo a ti e acompanhá-lo, sem te deixares influenciar por ele. Se os teus pais estiverem de acordo, te ajudarem, e se os três conseguirem o vosso objectivo, terão cumprido admiravelmente uma autêntica missão de amizade.

TIÃO

CÂNTICO

Amor,
Envolto nos teus braços,
Caído,
Sou guiado pela pureza do teu ritmo.

Hélice a cores de Estio,
Moinho em idade d'ouro,
Maré em reinos de pluma.

Antes de ti vivia em baldios
Agora dou-te o ar do meu jardim.

És esperança caída
Sobre a terra de faces em fogo
Promessas e nuvens,
Beijo do trigo perdido na areia.
Limiar constante da minha melancolia,
Monção do Verão...

Amor!

Pão de vidro saído do meu corpo,
Névoa de espírito que se aperta
Sobre o eco vermelho da minha alegria!

Jamais solidão:
Punhado de terra...
Ilhéu ao longo da vida,
Nada mais que uma ribeira morta
Sem verde sem céu.

É um Cântico!

As nossas mãos são raízes vivas
Onde a Felicidade se ramifica...

Mas até quando as minhas mãos
Sobre as tuas repousam...?
Até quando a tua cabeça
Tomba nos meus ombros?

Até quando...

Meu fruto ébrio de sol
Que dorme no vazio da relva
E floresce em tão longa planície.

JOSÉ DE LEMOS



Desenho de A. FERREIRA

Por um Domingo triste

por M. A. GONÇALVES DE VAZ

Era um dia húmido.

Um vento fresco de visita ao mar embalava coisas enquanto verticais de braço dado passeavam entre crianças loiras.

*Havia gente a mais.
Era domingo.*

Caras olhavam, palermas, um vendedor de indecifráveis, ao tempo que um cego apalpava a medo, o seu mundo cor de xisto.

Percebiam-se músicas.

Alguém disse — será que disse? — que se rezavam missas, tocavam sinos, saíam famílias para os campos arejar.

*O Mundo olhava o Mundo.
Eu... esperava.*

O amigo certo falava-me da vida e o dia segredou-me o tédio. Ela chegou. Não vinha só. Vinha com outra de sorriso leve.

Os risos incitavam-me na esperança.

Os corpos acompanham-me no sonho... no segredo.

Disse-se qualquer coisa á laia de prefácio.

Logo que sentados á mesa de um café quisemos conversar, uma força estranha prendeu-nos os sentidos, e frases soltas brincaram sem prazer.

Um dito qualquer chocando nos meus lábios, não estou bem certo, levantou-lhe os olhos e estes, naturais, fugiram apressados para lugar seguro.

Tristes olhos tristes! Reflecti. Um murmúrio suave de emoções percorreu os ares, e uma folha cor de lília descreveu, sensual, certas espirais, aterrando além do perceptível.

O vento, que se zangou com o mar, arrepiou os seres ainda

presos á carícia morna da tardeinha.

Um vertical esguio dizia adeus. Adeus sol... adeus... Adeus mundos da luz... Adeus azul imenso, azul real...

Uma vez ela falou. Disse qualquer verso que esqueci, porque lhe escutava a nostálgica conversa do olhar. Tristes olhos tristes!

O último rato de sol cantou nos céus. A hora da partida aproximou-se, e um criado pálido entornou, distraído, um copo de água.

Disseram-nos adeus. Ela e a de sorriso leve entraram no magote, perderam-se na sombra.

Sorriso leve... olhar tão triste...

Percebiam-se silêncios. O Mundo amava o Mundo. Eu... senti que era domingo.

PÁGINA 2

30 - AGOSTO - 1966

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO



UMA TARDE DE VERÃO — por A. FERNANDO SILVA

(Continuação da 1.ª página)

tia de chapa nas varas de madeira verde sobreaquecida.

Tinha espalhado uns livros e umas folhas de papel sobre a mesa metálica e o empregado tivera dificuldade em encaixar o copo de água coberto de gotas de orvalho, e a estafada «bica». De um lado e de outro, mesas a abarrotar; em frente, um estreito corredor e, além, uma rapariga que tirava apontamentos e articulava palavras surdamente. A minha esquerda estava um casal. Ela, de óculos escuros e enormes, como ditava a moda, mas que lhe desfiguravam a face minúscula, cabelo preto, que um laço também negro apertava atrás, muita laca, enormes brinços pretos e brancos, bebia uma laranjada. Era magra, usava um vestido também preto e branco, cingido ao corpo, os braços nus e uma pulseira dourada que lhe apertava o relógio ao pulso. A pele parecia ser de cor clara mas os cremes tinham-na bronzeado. Tinha os dedos finos e grandes, unhas pintadas de vermelho pálido e já por duas vezes a apanhara a olhar para o que eu estava a fazer. Ele, bebendo cerveja, embora também alto, era muito mais forte. Vestia um fato claro, de alpaca. Parecia aborrecido. Não pronunciara, que eu ouvisse, uma palavra, no entanto ela falava pelos dois.

Do outro lado apenas sei que estava um negro de sapatos de camurça. Tinha de prestar mais atenção ao que fazia ou no outro dia «estampar-me-ia» na chamada, o que veio a acontecer. Que calor! Era impossível estudar. O céu estava completamente azul, sem manchas e os carros gritavam, rugiam e as senhoras batiam com os saltos dos sapatos nas pedras da rua. Tentei pensar na minha... numa amiga e no momento em que a iria esperar. Em que poderia eu pensar se nem já nela me conseguia concentrar? Os carros iam agora a passo de carga, os aros dos faróis rebrilhando como as narinas dilatadas dos cavalos em galope. E os saltos na calçada! Santo Deus, o que era daquela vez?

—Dá-me licença? As outras mesas estão todas ocupadas...

Uma rapariga de cabelos louros, muito curtos, segurava no espaldar da cadeira na minha frente. Há uma coisa de que ainda hoje me admiro: não estranhei nada nesta atitude, fiquei extremamente calmo como se a conhecesse há muito tempo e isto em Lisboa é um pouco raro. Ali estava, parada, com uma capa de livros debaixo do braço.

—Senta-te, isto não é lá muito grande, mas, olha, arruma-te como quiseres.

—Obrigado.

Como se nada se tivesse passado, tornei a mergulhar nos campos floridos, mas era o mesmo que querer escalar uma planície, tanto mais que agora tinha um novo motivo a desviar-me a atenção. A rapariga era tímida. Fazia esforços para conseguir entalar um livro qualquer, mas não tocava nos meus. Ainda que tivesse vontade de lhe chamar «atadinha», nada disse e empilhei a minha «tralha». A garota era bonita: tinha os olhos cinzentos e o rosto pequeno e muito branco. A boca descolorida e o nariz eram bastante pequenos. Quando reparou que a estava a observar, baixou imediatamente os olhos para o livro, que eu via agora ser de química.

—Rico petisco! — Disse eu, querendo parodiar.

Olhou para mim, sorriu e encolheu os ombros. Afinal, para que dissera eu aquilo? Disse-o como poderia ter dito outra coisa qualquer, talvez faliasse do tempo; fazia tanto calor, seria um bom assunto. Mas eu tivera por prêmio o seu magnífico sorriso. Estava até disposto a dizer outra tolice, em troca de mais um riso angelico — mal eu sabia, o diabo que ali estava —, quando me lembrei de que tinha ido para ali estudar e de que ainda nada fizera, além de divagar. Porém, não seria dessa vez ainda que eu obteria melhores resultados. Um empregado veio atendê-la e, pouco tempo depois, trazia a laranjada que a sua voz apagada pedira, enterrando-se entre os livros. Encheu o copo até meio e eu reparei que as mangas do casaco branco estavam um pouco coçadas. Finalmente afastou-se. Sem pressas, a rapariga levou o copo aos lábios e bebeu um pequeno gole. Fiquei irritado com aquilo. Um golinho como os pássaros! Para ripostar, bebi o meu café de um trago.

—Em que ano estás?

Viva o luxo, por fim falara.

—Quinto — respondi. — E tu?

—Também. Como está no mesmo ano, podia emprestar-me o livro de Física?

—Podes tirá-lo, está aí.

A garota era perspicaz, já tinha visto o livro antes de me pedir. Era o género de raparigas, pelo menos então o supunha que nunca se arriscam. Delicadamente tirou o livro e eu

olhei as suas mãos finas e nuas que saíam das mangas da bata desbotada. Reparei ainda que roía as unhas. «Bolas, fez-se outra vez silêncio». Decididamente ela não queria conversar e eu não conseguia ler uma linha. Fechei o livro e bebi uma gota bastante razoável de água que mastiguei. Tentei armar em espertinho, fazendo cantar o copo, mas o fulano não quis. Por mais esforços que fizesse, por mais que rodasse o dedo humido pelo bordo do vidro, ele continuava mudo. Tentei reabrir a conversação, com poucas esperanças nos resultados a obter:

—Então... que curso vais seguir?

—Medicina. — Ao fim de algum tempo, continuou. — E você, qual é?

—Talvez siga arquitectura. Ouve, faz um esforçozinho, mas não me trates por você, eh?

As faces dela ruborizaram-se, no entanto eu achei preferível não deixar esmorecer a conversa.

—E tens esperanças de passar este ano?

—Não muitas mas vou tentar. Tem tido... — eu fiz sinal de protesto — tens tido boas notas?

Bem, os louros eram meus.

—Comme ci, comme ça. Nem boas, nem más, antes pelo contrário. Com essa vontade ao estudo deves ter umas notas estupendas. De que matéria gostas mais?

—Da de Ciências e, mesmo assim, as notas não são das melhores.

—Falsa modéstia!

—Depende do que entendas por boas notas.

Tinha um assunto: — Sim, tudo é relativo. Acho que tudo o que ultrapassar o 11 já são boas notas.

—Que dizes do 13?

—Do azar ou da sorte, é um bom numero e uma boa nota.

Ela nada disse. Bebeu a laranjada, aos poucos, escreveu alguma coisa num papel. O Sol derramava luz e calor que escorriam por entre a folhagem das árvores e os saltos estrepitavam na calçada.

—Como te chamas? — perguntei.

—Gilberta.

—Bonito nome.

—E tu?

—Jorge. Não digas que é bonito, porque o acho horrível, mas, que queres?, não tenho outro.

—«Arquitecto Jorge». Soa bem — disse a sorrir.

—Vai á fava.

Calou-se. Fora parvo em ter dito aquilo. Precisava de outro assunto ou ela ficaria calada. Jorge, onde estava a tua imaginação? Não a podia deixar calar. Os saltos na calçada. «Que hei-de dizer?». Uma mota a ladrar. «É isso, porque não me lembrei há mais tempo?». E os saltos na calçada e a mota e o cheiro da gasolina. «É isso, vá, fala».

—Bem, tenho de ir. — Então, ela cortava-me assim a palavra, agora que eu encontrara o que dizer! — Obrigada pelo livro.

Juntou as coisas, deu uma moeda ao empregado e recebeu o troco. Eu ficara sentado, colado á cadeira. Fora apanhado de surpresa e não me saía palavra, por muito que tentasse.

Levantou-se e arrumou a cadeira.

—Boa tarde e muito obrigado.

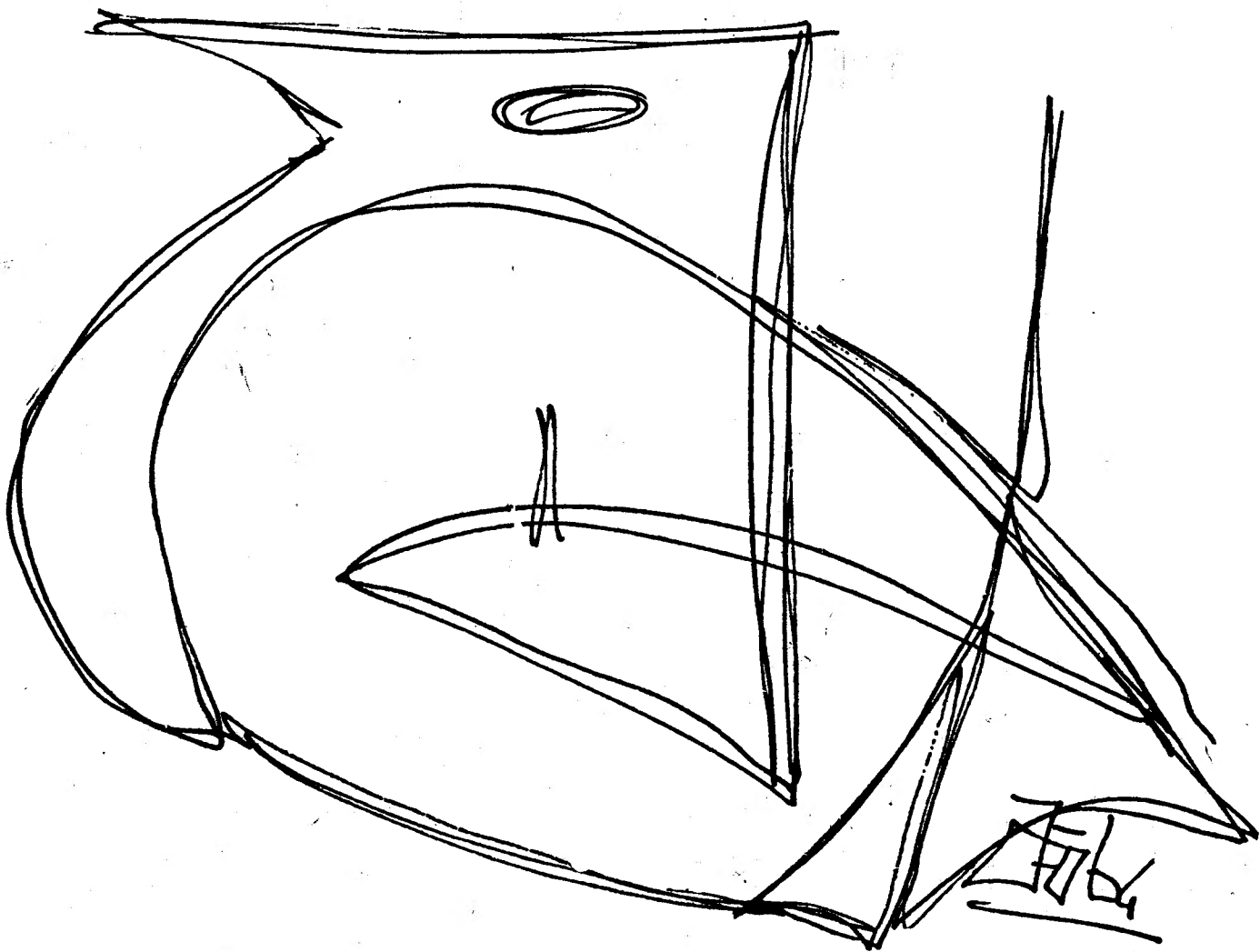
—Boa tarde.

As sílabas saíram-me atropelando-se e continuei sentado. Fiquei a vê-la descer a avenida. O cabelo louro, quase branco, acabou enfim por desaparecer. Tomei o livro que lhe emprestara e folheei-o. As árvores assemelhavam-se a passadores de onde vertiam quentes nacos de luz. Os saltos!... parecia milho que o calor fazia estalar. Um papel caiu do livro, baixei-me para apanhá-lo. Estava mais calmo.

ADEUS ANJINHO
TUA GILBERTA

Estava passado. Com que então, tímida. Sim, de facto fora anjinho, mas fora-o principalmente por não ter suspetado daquele falso pudor. Senti nascer em mim a revolta, contra ela e contra mim próprio. Amontoei os livros, paguei e larguei a correr pela rua. Desci a Avenida da Liberdade, vasculhei os Restaurantes, rebusquei o Rossio e por fim, já sem esperanças, a Rua de S. Domingos, mas os cabelos louros tinham desaparecido. Francamente, Jorge, tinhas de admitir que foras bem enganado. Um anjinho ludibriado pelo demónio.

Durante uma semana fui todos os dias áquele café em busca do meu Prestes João que deixara tão interessante carta, mas, daquela tarde de Verão, nada mais resta do que o baque que baque dos saltos nas pedras polidas.



A POMBA DESENHO DE
JOÃO MANUEL SILVA MENDONÇA DE AZEVEDO

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

PÁGINA 3

30 - AGOSTO - 1966



A REVOLTA DAS ESTÁTUAS

LEMBRAS-TE DELA, DA VIRGÍNIA

O dia acordara; a noite morrera, para sempre...

O sol acordou ecos de manhã pré-histórica na planície inexplorada...

Inesperadamente, as estátuas espreguiçaram-se sobre os pedestais...

Com elas, acordavam também todos os ideais que haviam tombado, todos os que haviam ressurgido, e todos os que permaneciam ainda de pé...; todos os pensamentos, todas as ideias e todas as civilizações que haviam alimentado a chama do tempo, e cujas cinzas há muito habitavam o corpo petrificado das estátuas...

Chegara enfim o dia da vingança...

Acabara enfim o sono letárgico do esquecimento em que haviam mergulhado morais, filosofias e civilizações numa inextricável mistura com pedras e mármore...

Agora, ressuscitavam ao som imenso da vingança prometida...

A revolta das estátuas era uma revolta estranha.

Revoltavam-se contra os Homens, porque as criavam; porque com elas construíam ideais por cumprir, e o Presente, esse ficava sempre além, por viver.

Os Homens, pensavam as estátuas, vivem em permanente queda entre o Presente e um Futuro que nunca alcançam. Conosco é diferente: nada de temporalidades, e de eternidades metafísicas; cada momento que passa, vivemo-lo em suspense, sugando-lhe cada monada, esgotando-o completamente como recipiente de eternidade que é.

A nós o Sol. A nós o Amor. A nós o Presente. Gritavam as estátuas.

A Humanidade tornara-se uma engrenagem nas cidades putrefactas de automatismos.

A vitória foi fácil, e foi fértil o reino das estátuas; a vida reapareceu como outrora, revestida com o seu não sei quê de egoísmo e de espontaneidade. E as estátuas guerreavam, sofriam e amavam.

E as estátuas fizeram-se Homens.

E os Homens fizeram estátuas.

LUÍS MONIZ PEREIRA

TEMPO DA MINHA RUA

(Continuação da 1.ª página)

vermelhos e verdes com aroma de cactos majestosos. Aqui sim, aqui é a «minha rua», aquela que também agora é dos outros. Detenho-me na paragem do autocarro que me levará ao emprego, antes dele, porém, vão chegando diversas pessoas entre elas algumas raparigas de calças justas a berrar com o fisco da manhã.

O autocarro chega, subo, parte, afasta-se, a vida sincopada do dia a dia começa, a música de jazz perde-se na distância e na barulho atordoante do motor do autocarro.

— São uns mandriões! Você, por exemplo, não fez o trabalho que lhe pedi, se calhar porque foi para o futebol, e depois dizem que sou exigente!

Hoje é domingo, combinei com dois amigos de infância irmos ao cinema. Vem ter a minha casa. Proponho seguirmos a pé dado que não é longe e ainda temos tempo. Os nossos passos lentos soam nas calçadas vazias, dos domingos. Conversamos para quebrar a monotonia lugubre de seis pernas a marcar o ritmo. Por curiosidade vamos passar pela «minha rua», que também agora é dos outros. Começamos a recordar momentos ternos da infância e ocorre-lhes a lembrança da casinha branca, tão típica no recanto típico...

Um os meus amigos diz: — Como o tempo passou rápido! Ainda ontem por aqui passámos com a nossa pasta a tiracolo...

O outro acrescenta, por sua vez:

— Sim, é verdade. E repara, que contraste entre este arranha-céus e a humildade sóbria da de antigamente, o tempo não perdoa...

Pela minha parte limito-me a passar e não dizer nada, a «rua» é «minha» e eu sou o mesmo.

ANTONIO BARAHONA DE ALMEIDA

APELO

Estrangeiro a cada limite
Receoso a cada tempo

Um novo ritmo é o vento

Estrangeiros renascemos
A carne ulcerada

Reviverá em nós
O eco das pisadas?

O elo é motivo
A tomada é consciente

Não podemos reter
As veias da gente

Sorrisos são urros
Apelos ao mar

E os pássaros limitam
O apelo meu olhar

LUÍS FILIPE DE CASTRO MENDES

Trabalhava nessa noite, absorvido nas folhas de papel pousadas sobre a mesa comprida do café, quando o meu amigo chegou:

— Vou a Queluz visitar os Ramos. Queres vir?

— Demoras muito?

— Não... amanhã tenho de me levantar cedo!

— Está bem! Vamos...

A última recordação que guardo da Virgínia é desagradável — não tem interesse para esta história, nem digna de ser esclarecida na consciência. Virgínia deve ser lembrada envolvida num clarão de pureza, assim à laia de santa que traz uma coroa sobre a cabeça e se veste de branco.

— Os Ramos estão muito mal, sabias?

Conhecia o desenrolar dos factos resumidamente, mas o suficiente para compor uma ideia nítida.

— Não, não sabia!

Virgínia traz um vestido vermelho de laçarotes, grinalda no carrapito, sorriso na boca larga. Aponta para mim e bate suavemente no peito. Na véspera Joana havia dito:

— Bater com a mão no peito significa que gostamos de vocês.

E Ricardo acrescentara:

— A Teresa bate pelo Pedro, a Virgínia por ti e Joana por mim!

Nessa altura talvez ela tivesse uns sete anos.

O meu amigo consulta o relógio e acelera o carro.

— Estou a ver que não chegamos lá antes das dez... é a hora fina das visitas. Nós a batermos à porta e o efeminado do Humberto a recolher à cama, com uma grande bebedeira. É o costume!

Virgínia desce a escada de madeira que conduzia ao quarto, envergando simples combinação branca. Estranha sensação, sentir orgulhoso e superior de alguém que é, ou julga ser, muito íntimo.

Ao curvar-se deixa nuas as costas tismadas (que o sol da praia é muito forte), como segredo a mim desvendado, mistério que só a nós diz respeito. Nessa tarde no cinema, estive-ramos de mãos dadas — descoberta de um mundo diferente que víamos pertencer a outros. Até ao fim do Verão seria um contínuo desvendar de

coisas novas: uma delas traria a Virgínia um par de acoites e a falta de sobre-mesa ao jantar, e a mim o conhecimento dos actos misteriosos de que os companheiros mais velhos da escola falavam orgulhosamente.

Meu amigo teima, na conversa e na velocidade:

— Nós conhecíamos os Ramos, quando eles ainda vinham para cá, pela maneira como se apresentavam, por todo aquele luxo aparente. Para não fugir à regra, miséria no interior. Quem é que tu julgavas que pagava todos aqueles jantares e mariscos, na «Nau»? O Francisco, só ele. Uma vida destas, quando não há orientação nem medida acaba por redundar em fracasso!

Perguntara um dia a minha mãe:

— Mamã... (longa hesitação) como é que se pede namoro?

Meu pai parou a colher de sopa a meio caminho, olhou circunspecto os presentes, remirou a colher, hesitou, acabando por se servir o líquido.

A mãe riu... sorrisos diversos em cada boca e a raiva apertando-me a garganta.

— Não te preocupes! Quando lá chegares aprenderás. (Chistoso: guardei desde então, talvez, ódio à troca). Mas como os iria convencer de que eu havia «chegado lá»? Não consegui pedir namoro a Virgínia, porque, ao certo, nenhum de nós sabia como era. Contudo foi desnecessário: Virgínia era a minha primeira namorada.

— A Virgínia estava para casar, não era?

— Creio que sim!

Meu amigo volta a olhar o relógio, preocupado com uma pontualidade que lhe não conhecia.

— Uma vez, quando lá fui a casa com a Isabel, vi um sujeito qualquer com ela. Nem sei quem era, no meio de tantas barbiechas e afundado em cabelo.

— Devia ser o noivo... ou o marido se ela não casou já!

Em Julho do ano seguinte, Virgínia volta à praia. Traz um longo rabo de cavalo e um fato de banho pálido. Acerca-se da minha construção de areia e admira-a, enquanto espero, curioso por ver a modificação causada com um ano de ausência. Sorri gaitosamente:

— Está bonito!

Virgínia continuava a ser a minha namorada.

Meu amigo suspira, aliviado:

— Estamos perto!... Ao fim e ao cabo as distâncias correm depressa.

— ...

— A moça está diferente, sabes? Sofisticada, muito bem! Olha para as pessoas de alto, como apregoando diferenças. Sentimo-la falsa...

Nesse mesmo ano Virgínia perguntou-me:

— Como é que se beija?

A experiência não foi tão agradável como se supunha, mas levantou mais uma ponta do véu do mundo diferente da gente crescida. Repetimo-la. As noites assistiam a beijos furtivos trocados na ecadaria de pedra. Um dia chegou o rival, e Virgínia passou a distribuir seu amor por ambos. Era uma luta muda, traduzida em exhibições de futebol e natação.

Meu amigo estacionou o carro no parque e quedou-se silencioso, olhando a vivenda posta em nossa frente. Advertiu-me:

— Vais ver! Encontras uns Ramos opostos aos que conhecemos. E a Virgínia não é a moça de rabo de cavalo com quem brincavas, nem a tua pseudo namorada.

E dando uma gargalhada, abriu a porta do carro:

— Lembra-te dela, da Virgínia?

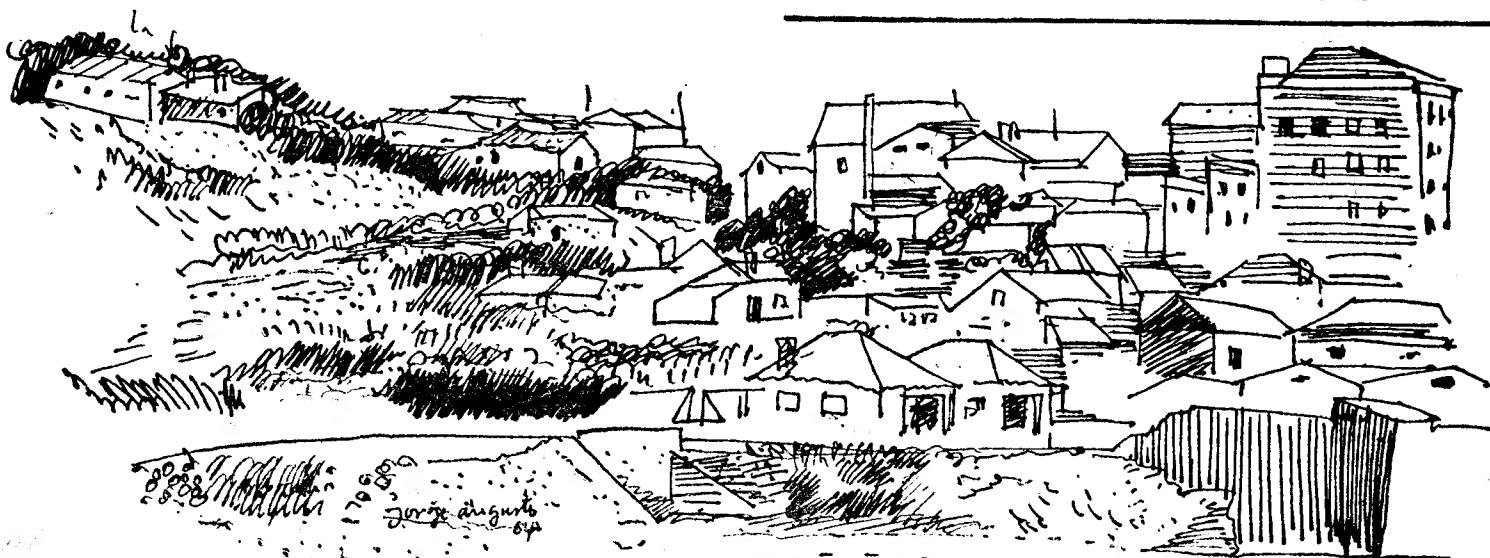
— Não!...

SÉRGIO GUIMARÃES ANDRADE

Diário de Lisboa

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS



Desenho de JORGE AUGUSTO

PÁGINA 4

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO

30 - AGOSTO - 1966